



"As partes e o todo da arte"

Registro de Memórias: eu conto, você conta...

Ana Lúcia Gomes da Silva
Aline da Silva Alves
Organização

Registro de Memórias:
eu conto, você conta...

Organização:
Ana Lúcia Gomes da Silva
Aline da Silva Alves

Registro de Memórias: eu conto, você conta...

Araraquara
Letraria
2020

Registro de memórias: eu conto, você conta...

PROJETO EDITORIAL

Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Letraria

DESIGN DA CAPA

Letraria, a partir da obra de 4 artistas

REVISÃO

Letraria

Ana Lúcia Gomes da Silva e Aline da Silva Alves (Org.). **Registro de memórias: eu conto, você conta...** Araraquara: Letraria, 2020.

ISBN: 978-65-86562-14-9

1. Memórias. 2. Registro. 3. Literatura. 4. Narrativas pessoais.
5 Memórias afetivas.

CDD: 800. Literatura

Os textos publicados neste *e-book* são de inteira responsabilidade de seus autores.

Este *e-book* ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio, sem autorização escrita dos organizadores.

Apresentando a obra de arte da capa

A capa do Livro foi criada a 8 mãos desafiadas pela Ana Lúcia, coordenadora do Projeto Registo de Memórias.

Quatro aquarelistas expressam por meio da sua arte o sentimento de todas...

Algumas linhas entrelaçadas formando vários desenhos, que traduzem um momento marcante, vivido.

Histórias diferentes, como diferentes são os rostos de cada um... mas que oferecem a mesma emoção...

E assim, dando-se as mãos em gratidão, percebem que fazem parte da mesma semente... da mesma energia que nos dá a vida, que faz nascer uma árvore, seus frutos e suas flores....

Marize Lechuga de Moraes Boranga

Aquarelas em Papel Canson Aquarela 300g / m²,
14,8x21cm.

Artistas



Marize Lechuga de Moraes Boranga, Engenheira Civil, em 2016 passou a estudar Pintura em Aquarela, com o objetivo de equilibrar o exato da sua profissão com o lúdico que a Arte proporciona. Passou a integrar um grupo de aquarelistas de Mato Grosso do Sul e é pós graduanda em Arteterapia na Faculdade INSTED.



Márcia Ribeiro, Arquiteta, Designer, Pós-graduanda em Arteterapia, Coordenadora do grupo Urban Sketchers/MS, participa do grupo Aquarelas/MS. Arte e processos criativos sempre fizeram parte da minha área profissional, descobri na aquarela uma poesia que me provoca e transforma, para novas descobertas e caminhos, mexendo com meus sentimentos e meu mundo interior.



Paula Lucia Bonfily Nocera é natural de São Paulo/SP. Reside em Campo Grande/MS desde 1982. Graduada e Pós-graduada em Estatística pela USP. Atualmente, está cursando pós graduação em Arteterapia na Faculdade INSTED. Empresária no ramo de Seguros. Artista plástica desde 2003, inicialmente com pinturas em tela usando a tinta acrílica e há quatro anos utiliza a aquarela como expressão artística. Participante no Instagram com #grupoaquarelasms.



Marcela Lemos Monteiro é Engenheira Agrônoma, Pós-graduanda em Arteterapia. Arte e natureza sempre estiveram presentes na vida dela. Estudou na Escola Panamericana de Arte, em São Paulo. Fez Curso de Ilustração Infantil na Fondazione Zavrel – Itália e cursos de Aquarela. Divide seu tempo com a família, atua no Pantanal e pinta. Participa do #grupoaquarelasms.

Agradecimentos especiais

a Deus, por nos permitir cursar a vida com energia e crença na força do amor;

às artistas aquarelistas, cada qual com sua singularidade, se constituíram imprescindíveis para as partes e para o todo da obra que ilustra a capa deste *e-book*;

a cada um e cada uma que compôs no coletivo e individualmente com suas histórias carregadas de memórias! pelos registros e escuta atenta, sensível, criativa! Quantos fatos, lembranças hilárias, emocionantes, tristes, felizes, comuns na vida dos outros, mas tão especiais nas nossas vidas!!!

às fontes inspiradoras como esposo, filhos, mãe, família, amigos parceiros e parceiras amorosas, professora Ivani Fazenda, Lara Scalise, orientadoras e amigas de olhar iluminado e criterioso.

Ana Lúcia Gomes da Silva - Organizadora

Sumário

Primeiro encontro on-line do grupo de estudos e pesquisas interdisciplinares em arteterapia-GEPIAT	11
Live do dia 19 de maio	
História contada por...	12
Taiana Sangalli – Conto de fadas por Tatiana	
Espaço arteterapêutico na live do GEPIAT	14
28/05 às 18h – Tema: Registro de memórias	
Eu conto...	15
Ana Lúcia Gomes da Silva	
Você conta:	
História contada por...	
Constance Santana	19
Maria Celene de Figueiredo Nessimian	21
Priscila Maria Marcheti Fiorin	23
Márcia Ribeiro	26
Marize Lechuga de Moraes Boranga	29
Roberta de Oliveira Maisatto	31
Alisandra Cavalcante Fernandes de Almeida	34
Josirene Dorte de Oliveira	37
Marilice Pereira Ruiz do Amaral Mello	40
Franchys Marizethe Nascimento Santana	42

Daniela Althoff Philippi	45
Tereza Cristina	47
Suelise Ferreira	50
Odila Amélia Veiga França	52
Espaço arteterapêutico na live do GEPIAT	53
17/06 às 18h - Tema: Registro de memórias	
Eu conto...	54
Ana Lúcia Gomes da Silva	
Você conta:	
História contada por...	
Simone M. de C. Andrade	56
Tânia Maria Pereira da Costa Marques	59
Cristina Brandt Nunes	61
Marcela Lemos Monteiro	63
Ione Vier Dalinghaus	65
Sherry Maia	69
Carmem Lúcia Além Corrêa	71
Tatiana De Conto	73
Fábio Augusto Zeferino Ramiro	76
Paula Lucia Bonfily Nocera	78
Juliana Moreno Cavalheiro	81
Denise Silva	86
Mareide Lopes de Arruda	90

Maria Suelí Periotto	93
Daniela Emmerich de Souza Mossini Miskulin	96
Lara Scalise	98
Espaço arteterapêutico na live do GEPIAT	101
08/07 às 18h – Tema: Registro de memórias	
Eu conto...	102
Ana Lúcia Gomes da Silva	
Você conta:	
História contada por...	
Neide Pena	104
Milene Santos Estrella	108
Telma T. de Oliveira Almeida	111
Simone Esteves Fachini	114
Marcelo Macedo Costa	116
Helen Paola Vieira Bueno	119
Neusa Maria Gehre de Oliveira	121
Alessandra Zago Dahmer	126
Luiza Bittencourt Krainski	130

Espaço arteterapêutico na live do GEPIAT	133
15/07 às 18h – Tema: Registro de memórias	
Eu conto...	
Ana Lúcia Gomes da Silva	134
Anderson Benites Carneiro	137
Você conta:	
História contada por...	
Gisele Spengler	139
Silmara Rascalha Casadei	142
Maria de Lourdes Medeiros Bruno	147
Rozimeire Ribeiro Zeferino da Silva	150
Ramona Gonçalves Béda	152
Angelita do Socorro Gregorio Cardena	155
Sobre as organizadoras	156
Agradecimentos	157
Ana Lúcia Gomes da Silva	

Primeiro encontro on-line do grupo de estudos e pesquisas interdisciplinares em Arteterapia-GEPIAT

Live do dia 19 de maio



Espaço arteterapêutico
na Live do GEPIAT

LIVE
19/05
18h
horário local

Tema: Contos de fadas
como uma ferramenta
terapêutica

Coordenado por:



Tatiana Sangalli



Ana Lúcia Gomes

via plataforma Zoom



História contada por:
Tatiana Sangalli

Conto de fadas por Tatiana

Organizamos um *post* para redes sociais e assim o GEPIAT teve a participação de pessoas daqui e de outros Estados. O tema foi a função psicológica dos contos de fadas. Permiti-me a fazer uma *live* leve, sem aspectos teóricos pontuando os aspectos de identificação com o personagem, explicando que os contos de fadas possuem uma forte ligação com o imaginário e ajudam o ouvinte, leitor, a preparar-se para situações nunca vivenciadas. Comentei que passei a contar histórias na minha prática profissional quando estava numa escola de mil alunos e na semana seguinte à minha chegada, houve um assassinato nas cercanias da escola que muitos alunos presenciaram. Assim, eu tinha mais de nove turmas com filhos, primos, parentes e alunos que precisavam elaborar a dor e o luto.

Logo, optei por fazer um trabalho coletivo em cada sala de aula em que eu contava a história sobre um tema disparador do momento vivido, seguido de pontuações e um desenho livre. Posterior a isso, fiz temporadas na escola, por grupos, com temas sobre violência doméstica, *bullying*, racismo etc., trazendo assim uma forma lúdica para tratar de temas desafiadores. Comentei também que experimentei contar a mesma história da pré-escola ao 8º ano na prevenção da violência doméstica, utilizando apenas recursos diferentes na relação com o público e que entendi o poder de uma história quando uma professora me disse que estava contando aquela história para ela. Comentei também da experiência de utilizar a contação de histórias como ferramenta para trabalhar o abuso infantil para mais de 2900 crianças em uma semana, de como

as histórias podem ser mobilizadoras e do alcance que podem trazer, ou seja, arteterapia social.

Neste dia me preocupei mais em trazer a vivência da prática da contação no cotidiano escolar do que abordar aspectos teóricos e deixar o microfone aberto para perguntas. Uma intervenção me chamou atenção, com a pergunta: "Sou eu quem escolhe a história ou ela que me escolhe?". Comentei que a escolha da história sempre tem a ver com a experiência do narrador, pois a história também cura aquele que conta. Na narração, o beneficiado não é apenas o ouvinte, pois o narrador, por meio daquele conto, elabora seus conflitos. Por isso, uma história nunca tem um tempo; ela fica no narrador o tempo necessário para sua elaboração, olhando no aspecto terapêutico e não comercial do narrador de histórias. Falei de um conto, "A flor do cabelo", sobre seus aspectos simbólicos e me comprometi a enviar o conto para quem quisesse posteriormente analisá-lo comigo.

Fiquei muito feliz e sigo disposta a outras atividades...

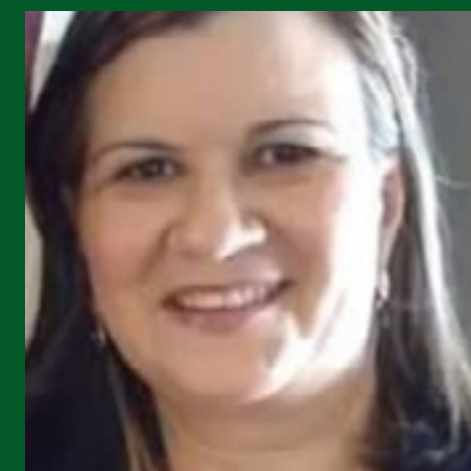
Espaço Arteterapêutico na Live do GEPIAT

28/05 às 18h horário local MS

Tema: **Registro de memórias**

Abrindo a roda de conversa

Ana Lúcia



Sejam bem-vindos e bem-vindas ao nosso Grupo de Estudos em Arteterapia – GEPIAT para falarmos dos nossos Registros de Memórias.

Aqui no Espaço Eco Pantaneiro, sinto-me bem feliz por reencontrá-los, pessoas lindas que tenho no coração de diferentes tempos e lugares! Parceiros, sempre parceiros como nos diz a professora Ivani Fazenda.

Gratidão pelo pronto aceite que recebi na ocasião do convite que fiz a vocês e a expectativa boa que transitou neste tempo de espera para acontecer!

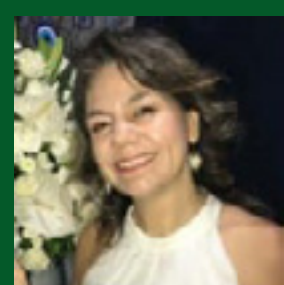
Nosso tempo de fala é muito menor em relação ao tempo da escuta, daí o exercício que propomos de 4 minutos entre a apresentação e a nossa história. Ao término deste tempo, vamos ouvir um som que recordamos sempre da última volta do nosso saudoso Ayrton Senna, apenas para sinalizar que o tempo chegou ao final, em áudio moderado para não desconcentrar, afinal as emoções selecionadas precisam ficar!!!



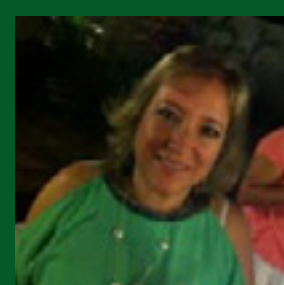
Constance



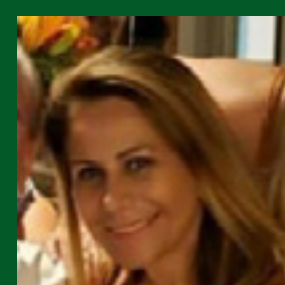
Celene



Priscila



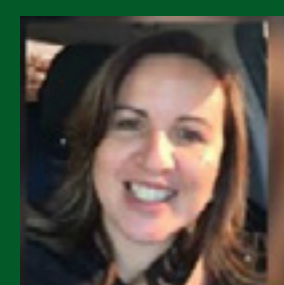
Márcia



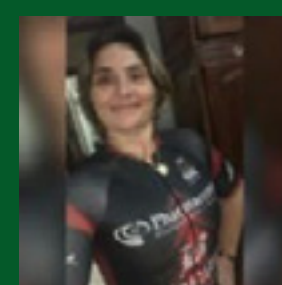
Marize



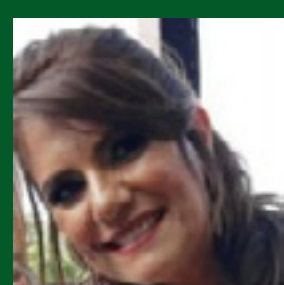
Roberta



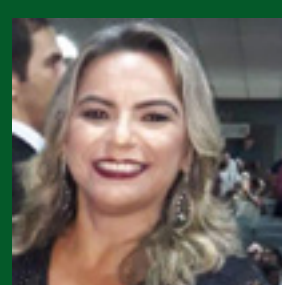
Alisandra



Josirene



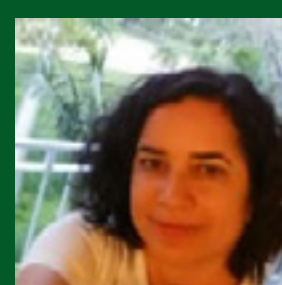
Marilice



Franchys



Daniela



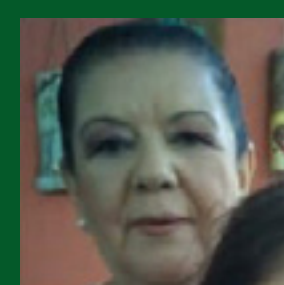
Tereza



Suelise



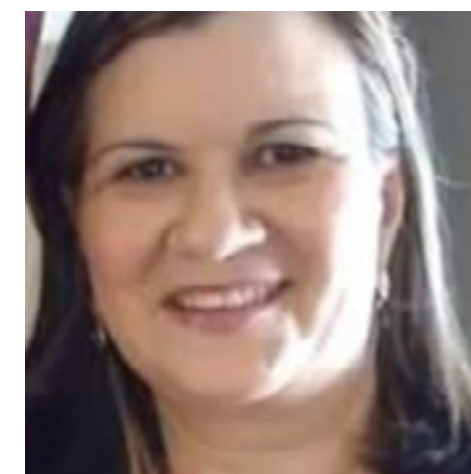
Gisele



Odila

EU CONTO.....

Ana Lúcia Gomes da Silva



Ao abrir a roda de conversa, conto minha história sobre a criação do ESPAÇO ECO PANTANEIRO: Criando e recriando com sustentabilidade

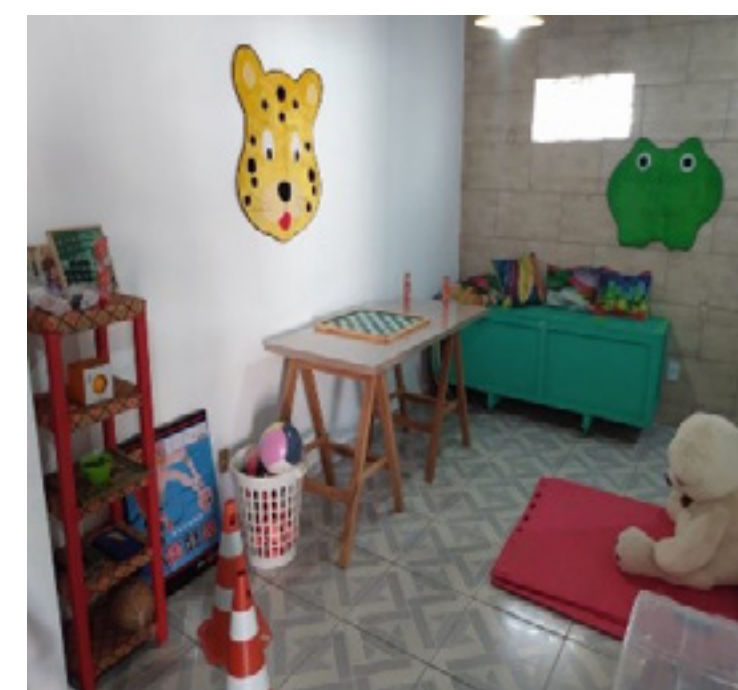
ARTE – CULTURA – EDUCAÇÃO

Primeiramente falo como mulher, filha, **mãe, irmã, amiga, tia, esposa, companheira e como profissional da arte-educação que valoriza o conhecimento construído e em construção na vida acadêmica e fora dela.** Aqui, em especial compartilho a realização de um projeto de vida pós aposentadoria da UFMS: o Espaço Eco Pantaneiro, planejado e alimentado por um longo período. Em 2019, o Espaço sonhado foi materializado, está engatinhando, buscando amparo para andar com passos firmes e por vezes nem tão seguros assim... mas seguindo em frente... com disposição para não cair, contando sempre com as energias divinas.



Desenhei as Estações Expressivas dos Sonhos nas Cores, Flores e Sabores, mas tudo começa mesmo pela Estação do Embarque, segue no voo das Borboletas, na rapidez do Beija-Flor e não termina enquanto for viajante na arte do movimento da vida!







Mas se perguntarem por que ESTAÇÕES?

Respondo:

Viajei durante minha vida no trem da Rede Ferroviária Federal, ouvia o apito e ouvia as histórias no movimento do trem! Filha de pai ferroviário (hoje *in memoriam*), como denominado quem trabalhava nos trilhos, fiz várias viagens de trem dentro e distante dos nossos recantos pantaneiros. Com as muitas histórias, ricas em detalhes, que meu pai contava, aprendi a ver que dentro dos vagões seguia também muito amor pela profissão que ele tinha!! Resolvi de certa forma homenagear este homem que, mesmo tendo perdido uma perna em um acidente de trem, encontrou alternativas para se readaptar na função administrativa e continuar na ativa da ferrovia. E com a convicção que é preciso seguir. Assim este projeto se fez! Com o propósito de desenvolver ações culturais, artísticas e educativas que contribuam para o meio ambiente ecologicamente equilibrado.

O Espaço visa oferecer formação em cursos, consultorias e oficinas criativas concebendo a arte como um movimento arteterapêutico pela veia da cultura e da educação. Entre os sentimentos gerados

no meu movimento interno, a finalidade é gerar cultura pela sustentabilidade, sobretudo os recursos reutilizáveis por meio de ações que motivem as crianças, jovens e adultos a desenvolverem mecanismos de conservação e preservação do meio ambiente, em especial da flora e fauna pantaneira. Pautamos nos princípios interdisciplinares ao promover o diálogo entre as várias linguagens da arte com o uso das tecnologias nos campos de conhecimentos, criando experiências estéticas voltadas ao aprimoramento das atividades mediadoras e integrativas.

No espaço de formação, realizamos vivências que valorizam o potencial criador, estimulando a reflexão crítica na criação e recriação com o uso de materiais diversos. As oficinas foram pensadas com as práticas capazes de atender ao universo criativo, de forma que permitam ênfase aos aspectos artísticos, culturais, cognitivos, afetivos, sociais e educativos, oferecendo oportunidades iguais para que todos se familiarizem com a ideia da arte como metamorfose dos sentimentos!



Você conta:

História contada por:

Constance Santana



Olá, sou a Constance Santana, professora de Língua Portuguesa e Literatura, percurso percorrido por mim, amorosamente, durante 30 anos. Formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Aquidauana/MS. Sou Pós-graduada em Educação e, hoje, Terapeuta de várias Técnicas de Cura, como o Ho'oponopono, Barras de Access, Despertar Quântico, Mandalaterapia, Radiestesia e Mesa Radiônica Quântica.

Como caminhante nesta vida, sou mãe de 5 amores e, atualmente, tenho 5 duplos amores (meus 2 netos e 3 netas), principalmente sou Grata a Deus por ser e estar neste momento aqui. Conheci a Ana Lúcia em uma escola estadual, pelos idos de 1992 a 1994, quando ela era minha diretora. Nossas vidas se encontraram para feitos lindíssimos naquele espaço e para a alegria de nossas vidas, nossos alunos e da comunidade.

Há dez anos sou Terapeuta, mudei minha vida, após uma depressão, e durante estes anos tenho visto muitos milagres de cura em várias famílias, de clientes, de amigos.

Especialmente falarei da cura da saúde de uma amiga em particular, que há 2 anos estava com câncer, e, junto com a quimioterapia, orações, incluiu a Técnica de Cura, chamada Ho'oponopono, ensinada por mim, em suas atitudes saudáveis.

O contato com a Márcia (nome fictício) começou há 34 anos, quando cursamos o antigo Magistério. Ali nasceu uma bela amizade que perdura até hoje. Há 2 anos, minha querida amiga contraiu um câncer de útero e foi para o tratamento: uma cirurgia, seguida de muitas sessões de quimioterapia. Em março de 2018, assim que

fiquei sabendo, combinei uma visita e levei para ela um Japamala (um cordão sagrado feito de contas, para ajudar os praticantes de meditação a entrarem em estado meditativo). Mas, como ainda não conhecia direito e não acreditava, o deixou guardado em uma gaveta da cômoda.

Em julho do mesmo ano, voltei à Aquidauana, e resolvi fazer uma visita surpresa para a minha amiga. Ao chegar lá, Márcia estava passando muito mal. Transtornada pelos enjoos, me recebeu; logo, perguntei onde estava o Japamala e pedi para que pegasse, pois eu iria mantrar junto com ela. Fizemos isso, mantramos juntas e, antes mesmo de terminar, ela já estava melhor, com a cor do rosto voltando ao normal, o mal-estar se tornando bem-estar. Fiquei muito feliz e com o coração agradecido.

A partir desse dia, minha querida amiga nunca mais parou com a prática e, em dezembro de 2018, recebeu alta médica. Hoje vemos com alegria sua saúde restabelecida e a vida tomando os rumos de paz, amor, saúde e alegrias.

Ana Lúcia, sou imensamente grata por estar participando deste projeto. Um grande Abraço! Luz e Paz!

Você conta:

História contada por:

Maria Celene de Figueiredo Nessimian



Há histórias para serem entendidas pela razão; outras que nos exigem grande sensibilidade e que, portanto, devem ser entendidas pelo coração! Pois é: a história que vou contar para vocês é uma história para o coração e do coração. É a história sobre a chegada dos meus dois filhos, que vieram do meu coração! Depois de muitas tentativas e de 16 anos de casamento, o telefone tocou!!!!

Sim!!! Não temos bolsa para estourar e avisar que está nascendo... Mas, temos um telefone que toca... E aí, saímos desesperados... emocionados... para conhecer nossos filhos como toda mãe e como todo pai...

E, então, os nossos chegaram assim... "feitos em parceria":

Era uma mãe, que precisava ter muito amor para doar um filho e uma outra mãe que tinha que ter muito amor para receber, de uma outra mãe, um filho. Assim, seguimos ensinando a eles que sempre teriam duas mães: uma mãe do corpo e outra, mãe da alma!

Hoje somos uma família de quatro com uma história em livro, que é contada para muitas outras famílias como a nossa. Somos a "Família Coração" (nome do livro)!!!

E, ainda fico muito honrada e feliz de também poder contar essa história aqui, porque a Ana Lúcia já trabalhou o nosso livro em uma de suas disciplinas do Curso de Pedagogia. E o livrinho acabou virando um livro gigante maravilhoso!

Resolvi também contar essa história, dentre tantas outras, porque estamos em uma semana dedicada à adoção; o dia 25 de maio é o "Dia Nacional da Adoção"!

Hoje, são quase 34 mil crianças em instituições de acolhimento e 5.040, totalmente prontas para a adoção.

Entretanto, devemos lembrar sempre que, como diz o Dr. Luiz Schettini Filho, psicólogo e pai por adoção: "Todos temos que adotar nossos filhos"!

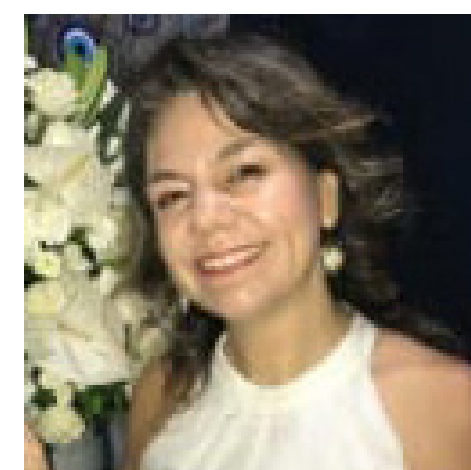
Sendo assim: parabéns e felicidades para todas as famílias que adotam os seus filhos!!!

Muito obrigada!!!!

Você conta:

História contada por:

Priscila Maria Marcheti Fiorin



Meu nome é Priscila Maria Marcheti Fiorin, sou enfermeira há 23 anos. Meu primeiro emprego foi em um hospital psiquiátrico, o que me fez especializar nessa área. Meu próximo trabalho foi como docente em uma universidade, atuando em disciplinas voltadas também para esta área, continuando a frequentar os locais de cuidados para pessoas com transtornos mentais, só que agora ensinando os alunos através das aulas práticas.

Com o passar dos anos, tivemos várias mudanças na psiquiatria, principalmente em relação à função do profissional enfermeiro, que antes era voltada para cuidados com a higiene, administração de medicamentos, auxílio na alimentação, observação das mudanças no comportamento, ou seja, cuidados com as necessidades humanas básicas. Porém, com a introdução da Política de Saúde Mental e criação dos Centros de Atenção Psicossociais (CAPS) e posteriormente a Rede de Atenção Psicossocial, essas atividades também foram reinventadas.

Atualmente, esse profissional integra uma equipe multidisciplinar nos cuidados das pessoas com sofrimento mental, realizam acolhimento de novos pacientes, elaboram Projetos Terapêuticos junto da equipe, realizam visita domiciliar e atendimento à família, participam e constroem oficinas e grupos terapêuticos.

Certo dia fui convidada pela enfermeira do CAPS a pensar uma oficina terapêutica para mulheres com transtornos mentais com idade superior a 50 anos. Um dos objetivos era a abordagem de temas de saúde relacionados a esta faixa etária, como menopausa. Após muita discussão, resolvemos utilizar a linha e a costura como fontes mediadoras do diálogo, iniciando a oficina fazendo fuxico

de tecido. Conforme as mulheres foram criando autonomia e segurança com a agulha, resolvemos introduzir a atividade do bordado.

Devido ao CAPS ser um serviço da Secretaria de Saúde do Município, a demanda de pacientes nesta oficina foi aumentando e, com o tempo, surgiu a necessidade de atribuir alta para as mulheres que já haviam apresentado melhora. Isso causou muita angústia e desespero, pois elas viam a oficina como um porto seguro, onde podiam falar dos seus sofrimentos sem serem julgadas e não estavam preparadas para a alta.

Foi quando tive a ideia de montar uma oficina terapêutica semelhante a essa na Universidade. Esta oficina inicialmente era ofertada somente para as mulheres (pacientes) que foram tendo alta da outra oficina. Posteriormente foi aberta para todas as mulheres em sofrimento psíquico acima de 40 anos de idade. A melhora destas mulheres era vivenciada em suas falas:

Menina, eu estou gostando. A oficina dá cor na minha vida... eu não vejo a hora de dar o dia de vir aqui, se tivesse jeito de eu vim mais vezes eu vinha...

E quando eu venho aqui sabe, parece que eu saio assim, mais aliviada.

E eu gostei muito de fazer o ponto-cruz. Aqui é onde eu mais me identifiquei. A oficina me prepara para o mundo lá fora.

Esta oficina promoveu o desenvolvimento psicológico, pois exigiu das mulheres capacidade de planejar e organizar; melhorando não só a sua organização mental, mas também a coordenação motora, a atenção, a memória e, principalmente, os aspectos afetivos. E foi a partir desta possibilidade de experimentação em tecer os bordados que o meu projeto de doutorado foi desenhado e deu vida à Oficina Terapêutica Bordando a Vida, pois...

...a gente vai bordando, mas vai colocando o bordado em nossa vida e, aí, de ponto a ponto, a gente vai descobrindo novas maneiras de sobressair das nossas dificuldades, da nossa saúde... da importância que faz em nossa vida.

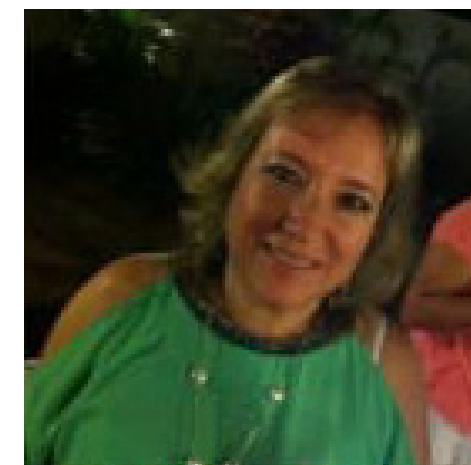


Foto: Vanessa Amin

Você conta:

História contada por:

Márcia Ribeiro



“A ARTE EXISTE PORQUE A VIDA NÃO BASTA”

Ferreira Gullar

Quando fui convidada a participar desse projeto, pensei sobre o que iria contar, refletir sobre nós mesmos, ouvir nossas memórias, dialogar com nosso mundo interno, às vezes pode ser muito desafiador!! Estamos sempre em movimento, não silenciando, não querendo olhar nossas questões internas e, nesse processo de inteireza com a gente mesmo, acontecem as descobertas do silêncio da alma, um exercício para acalmar meu mundo interno.

“O que muitos poucos sabem é que todas essas mudanças não nascem fora, mas muito no interior, na quietude e silêncio da alma. Porque quando se compreende a linguagem dos pássaros não é porque os pássaros aprenderam a falar, mas porque nós, os homens, aprendemos a linguagem do silêncio.”

(Luis RACIONERO. Textos de Estética Taoísta. p. 44.)

Já tive várias situações que marcaram minha vida, algumas tristes, outras alegres, a nossa vida é assim, subidas e descidas e a compreensão que nada fica parado, estático, tudo está em movimento, lembrei de um acontecimento que marcou minha vida e diz respeito à minha saúde mental, visto que com o acúmulo de trabalho acabei esquecendo de cuidar de mim... não tinha percebido o que estava acontecendo.

Todos os anos faço meus exames, para ter uma melhor qualidade de vida e principalmente prevenir doenças. Hoje no Brasil e no mundo, o câncer de mama é o tipo mais comum e a incidência cresce especialmente em mulheres acima dos 50 anos, mas teve

um ano que fui deixando de lado, não me cuidei e ao fazer uma mamografia foi detectado um nódulo na mama, fui rapidamente em um Mastologista, considerando que a maioria dos casos tem um bom prognóstico. Fiz uma série de exames e, graças a Deus, era benigno! Estava livre daquela sensação de culpa e abandono de mim mesma, só que em outro exame deu pedra na vesícula e tinha que operar, nossa...! Esse ano quando não era uma coisa, era outra! Mas tudo passou e me serviu como experiência do cuidado e acolhimento comigo mesma.

Adoeci aquele ano e depois de muitas reflexões, comecei a compreender que necessitava voltar para a minha essência, descobrir o que estava acontecendo dentro de mim, para não mais somatizar doenças, mas saúde e qualidade de vida, afinal sempre fui muito saudável!

Comecei a procurar algo que me deixasse plena, que houvesse momentos de encontro com algo maior, que restabelecesse meu equilíbrio e serenidade, e voltei a fazer ARTE, a desenvolver meu processo criativo.

“Segundo a visão do mundo chinês, o universo é um sistema harmônico de ressonâncias; as partes se correspondem umas com as outras e se harmonizam no todo do cosmos. O objetivo do artista é revelar essas harmonias que subjazem na realidade e que os sentidos não podem perceber, porque tais harmonias estão feitas de materiais mais sutis do que as ondas eletromagnéticas que excitam os cinco sentidos”.

(Luís RACIONERO. Textos de Estética Taoísta. p. 36-37)

Naquela época não conhecia a técnica da aquarela, suas aguadas, fluidez, pigmentos e seus processos terapêuticos; o que sabia e queria era voltar a fazer ARTE, e descobri na aquarela uma poesia, uma linguagem espiritual que mexe com todos os meus sentidos e meu mundo interior.

O aquarelista se apropria do seu trabalho quando ele compreende aquela água, que tem seu ritmo próprio e que muitas vezes não temos controle; nesta sutileza poética vamos nos apropriando de nós mesmos e das questões internas da nossa vida!

No meu curso de Pós em Arteterapia, descobri a razão da aquarela me fazer tão bem!! Naquela época como processo terapêutico, foi pela sua característica provocada pela água que dialoga com nossas emoções e sentimentos trazendo à tona memórias, projetos e podendo até nos libertar quando necessitamos.

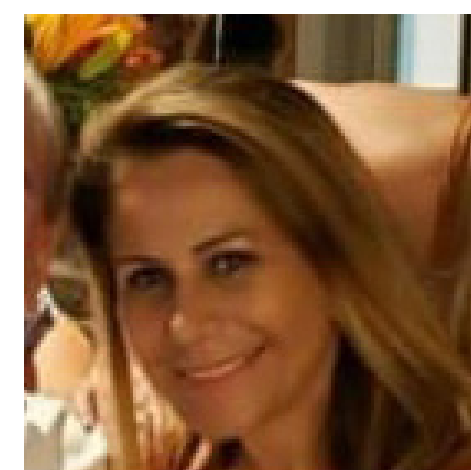
Compreendo que é necessário nos acolher, nutrir de bons sentimentos e emoções, a arteterapia por meio dos materiais utilizados, dos processos envolvidos, permite uma transformação interior. Tenho muita gratidão em ter descoberto a arte, em especial a Arteterapia! Ainda mais: poder num futuro próximo ajudar muitas pessoas e continuar cuidando do que há em mim mesma, por dentro e por fora!

Obrigada pela vida, que me proporciona novas descobertas e novos caminhos... e assim eu sou feliz!

Você conta:

História contada por:

Marize Lechuga de Moraes Boranga



O Mestre Chinês e o Tempo

Uma vez eu aprendi que quando se dá alguma tarefa para alguém devemos observar o tempo...

O tempo que se levará para aquela tarefa, porque alguém vai ouvi-la e esse alguém também dispôs dos seus 15 minutos...

E assim, foi como eu conheci o Mestre Chinês, que sorria muito e ensinava muita filosofia em suas aulas.

Tive a oportunidade de conhecê-lo em uma viagem maravilhosa em que fiz representando o Brasil na área de Engenharia de Avaliações, em Taiwan.

No final do curso, depois de receber, durante quase 20 dias, um rico intercâmbio de ideias na área, também recebi um grande ensinamento sobre o tempo... e o RESPEITO que está depositado nele, ao utilizá-lo para com o outro que vai recebê-lo e com você mesmo...

Assim sendo, o grande Mestre Chinês passou uma tarefa aos 24 representantes dos diversos países:

- Que apresentássemos da melhor forma possível o desenvolvimento de um Projeto bem-sucedido nos nossos respectivos países.

Ora, pensei logo no projeto em que ganhamos o primeiro lugar na Caixa Econômica Federal, empresa em que trabalhava na época.

Porém, destacou o amável Mestre Chinês: "será uma apresentação em no máximo 15 minutos"!!!

Nos preparamos dia e noite durante 48 horas. O entusiasmo era grande em falar do nosso país, do nosso trabalho. Quanto material, fotos, resultados e gráficos. Quase uma vida. Como apresentar em 15 minutos? Bem, isso ficou de lado...o importante era transmitir o que se fazia em nosso país. É claro...

Chegou o dia tão esperado. Todos a postos e um homem sentado próximo à porta da sala, com uma campainha em cima da mesa e um relógio grande para marcar os nossos 15 min.

O primeiro começou a sua fala e mal tinha explicado seu primeiro gráfico, a campainha tocou. Saiu assustado porque nem tinha bem iniciado. O segundo acelerou e pouco falou. Saiu antes! O terceiro quase terminou, mas a campainha não deixou, o quarto foi até a metade. O quinto ficou nervoso e não acabou. E assim os 24 foram se apresentando e o tempo passando e a cada 15min. a campainha tocando.

O meu também não deu tempo. Faltou 5 min....

Não me lembro mais do que falei, mas me lembro do que o Chinês falou:

“15 min. foi o que o seu cliente tratou com você... Não foi? Então o seu trabalho será em 15 min.

O cliente espera 15 min., você receberá por 15 min.

Por que então fazer mais do que 15min.!?

Faça o seu melhor no tempo que lhe é dado!”

E esse foi o dia que aprendi com o Mestre Chinês sobre o TEMPO... o respeito no seu uso, o respeito por mim mesma, o respeito ao outro que espera e que ouve.

Obrigada Mestre Chinês!

Você conta:

História contada por:

Roberta de Oliveira Maisatto



Meu nome é Roberta de Oliveira Maisatto, tenho 39 anos, casada, psicóloga, moro em Coxim/MS e trabalho na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Sou natural da cidade de Corumbá/MS e a história que escolhi traz um pedaço da minha infância que se passou lá na fazenda do meu avô. Nessas lembranças, pessoas especiais da minha vida estiveram presentes: mãe, pai, irmãos, avó e avô, tias, tios e primas e primos. Bichos, plantas, comidas, paisagens também fizeram parte desse universo encantado infantil. O retorno às casas que já vivi em minha infância fizeram ecoar a criança que ainda existe em mim. Sou muito grata à minha família e grata por tudo que vivi com eles. Meu pai faleceu há 25 anos e lembrar desses momentos com ele, que foram tão únicos, me fizeram realizar um passeio onde ele era presente. Agradeço à amiga Ana Lúcia, que conheci graças à Especialização em Arteterapia no INSTED/Campo Grande/MS, por me fazer acessar essas recordações tão especiais e ainda ter a oportunidade de compartilhar com outras pessoas. O texto de memórias chama-se:

Ela tinha...

(Álbum da família: foto tirada na casa da vila – Anos 80)

Ela tinha uma casa que ficava numa vila, ela era criança, era menina. Nessa vila tinha uma rampa que ela descia correndo junto com as crianças da vizinhança. Um dia viu uma frutinha vermelha, pegou na frutinha e depois colocou a mão na boca, saiu correndo com a língua ardendo em chamas, percebeu que era uma pimenta, não havia leite e nem grito que desse



conta daquela ardência, mas com o amor de mãe passou. Uma vez, ela tinha uma corda e pulou tanto, tanto, que caiu e bateu com a cara no chão, ficou toda ralada, tinha um *band-aid* no nariz, foi mimada pela tia que a pegou no colo. Outra vez, brincando de carrinho, sentada no sofá da mãe, com uma chave na mão, quis ligar a chave do carro dentro de uma tomada, voou longe e viu tudo verde, tinha levado um choque, mas com o carinho dos pais, logo se recuperou. Ela gostava de estudar e de dançar, sempre participava das coreografias das festas da escola e do balé. Gostava de estar fantasiada e toda pintada, coisas que a mãe sempre fazia e se orgulhava, tirando muitas fotos.

Ela tinha curiosidade e continuou tendo. De vez em quando visitava a casa nova que os pais estavam construindo, lá havia mais espaço, um quintal cheio de árvores. A casa parecia um labirinto no qual era possível se esconder, brincava com os dois irmãos de se esconderem nos armários ainda não embutidos. Quando a família mudou de casa, ela tinha uma bicicleta e passeava pelo quintal, fazendo uma viagem que nunca tinha fim. Ela tinha duas cachorras que deram cria ao mesmo tempo e o quartinho que ficava no quintal ficou cheio de cachorrinhos, que ela tinha que alimentar junto com seus irmãos e primos. Que lembrança daqueles bafinhos de cachorrinhos!

Ela tinha um pai que plantava uma horta com várias verduras e havia frutas no quintal, naquela época o chá podia ser com hortelã fresquinho. Tinha cana-de-açúcar que o pai descascava para a mãe, a filha e os irmãos, ela tinha o hábito de chupar cana em família, ahhh que delícia! Ela tinha uma mãe que cortava o cabelo do pai, dos filhos e da filha, ficava um cabelinho cuia, ou tipo *channel*, como o pai dizia que gostava do cabelo da filha.

Na época da Páscoa, a mãe escondia ovinhos de chocolate pelas árvores e esconderijos no quintal. Os irmãos, o primo e a prima se divertiam buscando os presentes do coelhinho da Páscoa. Sabíamos dividir com a prima mais nova que não conseguia

encontrar muitos ovinhos. Sempre tinha bolo fresquinho saindo do forno ou brigadeiro de panela; a moça que trabalhava lá que fazia, como era gostoso!

Ela tinha uma avó e um avô que tinham uma fazenda e iam para lá nas férias. A viagem era feita de trem que ia de Corumbá até a Estação Bodoquena. No caminho, eles comiam matula que a avó fazia, era pão de queijo, muito bom! Quando chegavam na Estação Bodoquena, a família seguia na caminhonete verde do avô. Naquele tempo, ia todo mundo embolado na carroceria junto com as bagagens. Chegando na sede da fazenda, a avó fazia bolinho de chuva, requeijão bemquentinho que se comia com açúcar, ela fazia também doce de leite no tacho e queijo. Logo cedo, o avô ia tirar leite da vaca e as netas e netos o acompanhavam, cada uma com sua caneca já com o açúcar e o Nescau dentro, para ser misturado ao leite recém tirado. O avô levava as crianças para passear a cavalo pela fazenda e era uma sensação de estar desbravando um mundo inteiro naquelas cavalgadas.

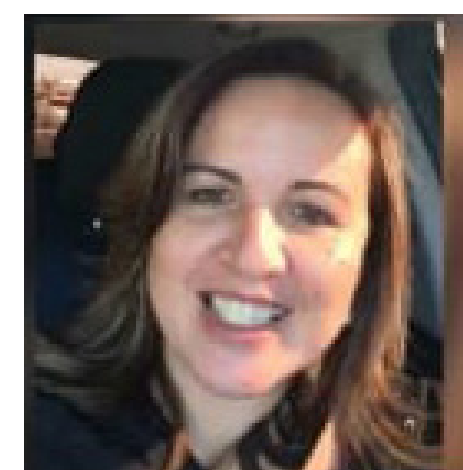
Um dia a turma de netos e netas saiu em busca de encontrar o "Burrinho", não era um bicho e sim a bomba de água da fazenda. Para isso, entraram no Corguinho e seguiram sozinhos, procurando o tal do "Burrinho" e enfrentaram mosquitos, medos da água turva e do que poderia sair dela, mas foram juntos e conseguiram atingir o objetivo.

Quantas lembranças do que ela tinha. Ela tinha tudo isso e ainda tem, nas memórias, nos afetos, na forma como ela é hoje em dia. Em tudo que ficou das experiências e descobertas de uma infância em família e feliz.

Você conta:

História contada por:

Alisandra Cavalcante Fernandes de Almeida



A DOÇURA E A DELÍCIA DA DOCÊNCIA

A docência me presenteou com uma das melhores vivências de toda minha vida. O ano era 2008, viajei muito ministrando aulas pela Universidade no interior do Ceará, mas essa viagem que duraria dois dias foi mágica; dessa vez eu teria optado em ministrar aula em uma região distante da capital e que tinha relação com minhas raízes.



Minha mãe viajaria comigo, após as aulas, seguiríamos 100 quilômetros em direção à cidade onde ela cresceu e que não visitava há mais de 40 anos. E assim seguimos, passamos dois dias na cidade de Quixeramobim e em seguida seguimos entrando no sertão do Ceará em direção à cidade de Solonópole.

As minhas lembranças eram através dos contos dela, das brincadeiras de roda, sobre a vida sofrida sem energia e ao mesmo tempo do período mais feliz de sua vida, ela contava que todos moravam perto; a família composta por tios e primos montaram um cenário de muitas risadas e peraltices que moviam as gargalhadas.

Chegamos tarde à cidade, naquela noite dormíamos e apenas pela manhã iríamos até o lugarejo, até aqui estava tudo certo, iríamos conhecer o lago, a estrada, talvez as casas do lugar. O dia amanheceu, seguimos em uma longa estrada, de longe víamos o lago no fim da estrada, para nossa alegria as casas ainda eram

habitadas e para minha surpresa os moradores ainda eram os mesmos.

E aqui começa a viagem no tempo, casas antigas do interior, limpas com um cheirinho de café torrado naquele momento e foi só minha mãe aparecer na porta que as pessoas corriam, abraçavam, sorriam e naquele momento começamos a ouvir os contos. Conhecer minha mãe criança através dos primos, conhecer minha mãe adolescente foi um grande presente, as histórias eram incríveis.

E seguíamos as próximas casas e a festa continuava, abraços, lembranças, bolos, queijos, biscoitos e muito acolhimento. E ali, naquele dia, nossa presença foi se espalhando e as pessoas iam chegando para abraços demorados, conhecer primos, filhos e netos desses primos foi mágico.

Enquanto escutávamos aquelas histórias, das festas, dos banhos de lagoa, das longas viagens até a capital, olhei para minha mãe que saiu daquele lugar para estudar ainda muito criança aos 8 anos, talvez naquele momento entendi como foi difícil e doloroso para minha mãe deixar a diversão, aquele aconchego para estudar também na casa de tios na capital. Penso que seu estudo contaminou todos em sua volta, sua dura jornada na capital a fez forte do jeito que só ela poderia ser. Aquele lugar foi parte dela, foi parte da alegria que ela espalhava, aquele lugar contaminou todos nós. Ela nos contaminou com sua energia, com sua alegria, com as brincadeiras que nos criou. As nossas raízes nos encorajam a seguir em frente, a ser forte mesmo no meio de tantas dores e dificuldades.

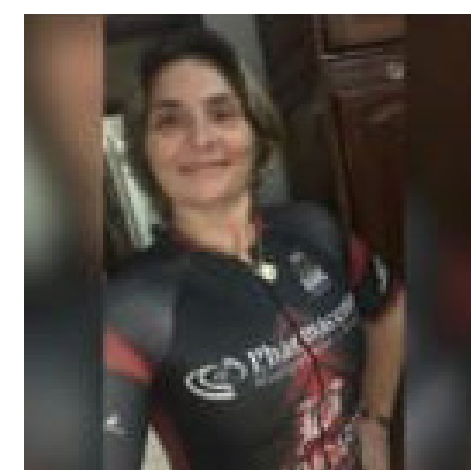
Minha mãe partiu aos 78 anos em 2016 e antes disso acontecer, todas as vezes que conversamos, relembramos aquela viagem, de como foi incrível visitar aquele lugar, conhecer pessoas tão felizes no meio de um lugar tão longe e tão diferente da nossa realidade. Que maravilha é realizar pequenas coisas com aqueles que amamos, não precisaria ser uma viagem grande a um lugar luxuoso, apenas uma viagem a uma cidadezinha com um lago e

pequenas casas no sertão do Ceará. Que gratidão! Feliz com a doçura e a delícia da docência em favorecer essa viagem. Que bom que deu tempo...

Você conta:

História contada por:

Josirene Dorte de Oliveira



Sou Josirene Dorte de Oliveira, natural de Cambará/PR. Tenho 45 anos, solteira, resido em Aquidauana há 25 anos. Neste lugar, tive a oportunidade de começar minha segunda formação profissional: Matemática Licenciatura. A primeira foi em Música, cursada no Conservatório de música Villa Lobos de Dourados/MS.

Iniciei meu curso de Matemática em 2004 quando passei na 1ª chamada do curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS/Campus de Aquidauana. Sempre gostei de matemática e de matematizar para ensinar, aliar as duas coisas me fez perceber que o gostar não é suficiente. Durante essa segunda formação (re) signifiquei conhecimentos, estruturei novos conteúdos e principalmente foi possível vivenciar na prática a docência em sala de aula!

Sabemos que o momento de estágio é oportuno e valioso como forma de experiência! No meu caso também foi motivador! Posso descrever como um divisor de águas! Era isto: eu queria ser professora.

No ano de 2005, iniciei a minha carreira no município de Aquidauana, período vespertino na Educação Infantil do Instituto Educacional Falcão como auxiliar e professora de música, onde estou até o presente momento, porém, já com outras funções. Além da música, ministro aulas de matemática e geometria. Estive durante esses anos trabalhando também em escolas estaduais, tanto de minha cidade como da cidade vizinha, Anastácio.

Por toda esta trajetória de avanços, alguns percalços, desafios e conquistas escolhi contar a minha própria história! Aprendi muito

e sigo aprendendo para chegar aqui onde estou! Amo minha linda Aquidauana!!! Gosto de me sentir parte deste lugar, laços significativos criei com a cultura da princesa do sul, mas preciso contar que esta não foi minha primeira impressão sobre a cidade.

Saí da minha cidade natal com seis meses de vida, para morar na cidade de Dourados/MS, onde morei por 20 anos. No ano 1993, meu pai nos comunicou que estava comprando uma fazenda no município de Aquidauana. Fiquei apavorada quando viemos fazer uma visita ao município onde residiríamos! Primeiro porque achei longe, melhor dizendo, fim do mundo, e em segundo e terceiro encontrei outros obstáculos para não gostar! Pensei e tentei maneiras para convencer meu pai de que eu poderia estudar e trabalhar em uma empresa do Banco do Brasil, parceira da faculdade que eu estava cursando, era Ciência da computação; argumentei que iria conseguir uma bolsa de estudos. Porém, não fiz esforço algum e muito menos fui atrás para tentar uma vaga, eu tinha a convicção de que ele jamais me levaria para a tal cidade de Aquidauana.

No ano seguinte, meu pai deu-me a última chance para definir sobre o tal emprego e vendo que nada havia se desenrolado, mandou um caminhão de mudança buscar eu e minha irmã, aproveitou e trancou minha faculdade. Fiquei muito revoltada com a atitude e este sentimento resultou em mais de seis meses na falta de diálogo com ele. Naquele momento não conseguia vislumbrar o quanto tudo isto estava convergindo a meu favor. Hoje tenho a convicção de que se lá estivesse, com certeza não teria me formado e construído uma profissão! A faculdade era grande e de muitas festas nos diretórios de diversos cursos e eu não perdia nenhuma. Período da juventude em que não se media o valor do tempo!!

Após alguns meses, sentindo a necessidade de me encontrar, decidi que era preciso estudar e investir esforços na profissão escolhida. Me matriculei no curso de Magistério e em seguida fui aprovada na Universidade, onde conheci várias pessoas, mas uma

muito especial que, ao longo desses anos, se tornou minha melhor amiga. Professora Ana Lúcia Gomes da Silva, que inclusive foi minha orientadora da monografia, o famoso TCC dos dias atuais. Fizemos um trabalho interdisciplinar bem integrado e com a orientação dela, vários professores, além da banca, foram assistir. Tratei do ensino e da aprendizagem da Matemática valendo-me do recurso da música, a linguagem da Música fazendo os acordes com a matemática, caminhando juntas.

Minha vida foi de grandes emoções, tristezas, decepções e separações. E com isso, eu e Ana ficamos alguns anos sem nos ver e falar. Mas, novamente a música nos uniu e juntas hoje fazemos parte de um grupo por nome "Cantoras de Maria" que alegra e canta nas missas e nas celebrações de nossa igreja.

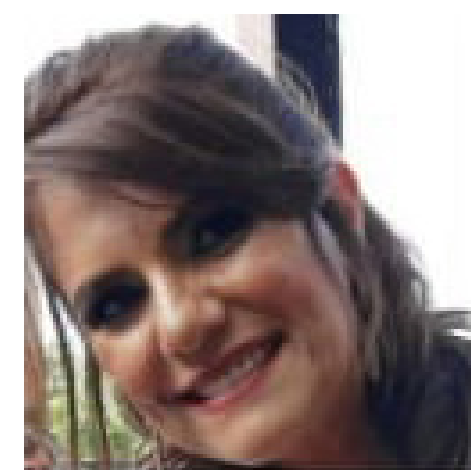
Abençoada amizade!! Por um convite dela vim participar deste grupo do GEPIAT.

Só tenho a agradecer a Deus por me dar muito mais do que eu preciso e por me abençoar muito mais do que eu mereço! Agradeço por todos os obstáculos que colocou em meu caminho! Nos momentos de dificuldades posso não compreender, mas quando chego ao topo da montanha, reconheço na paisagem a lição que Ele me deu. Gratidão!

Você conta:

História contada por:

Marilice Pereira Ruiz do Amaral Mello



Vou contar para vocês uma história recente e inusitada. História do casamento do Beto e Mel. Uma história com múltiplos sentimentos (alegria, tristeza, dor, incertezas, ansiedade, felicidade).

Em 2016, Beto e Mel começaram a namorar e já pensavam em casar-se. Desde o começo, eu (mãe de menino) participei de muita coisa relacionada às decisões do casal. Passado 2017 com muitos passeios e convivências aos finais de semana, o noivado ocorreu em 2018. Fomos de Piracicaba para Ribeirão Preto com muita alegria; nossa participação foi intensa nesse dia. Neste momento, iniciaram os preparativos para o casamento. Lista de convidados, escolha do local da cerimônia, enfim, tudo o que eles sonharam e, em especial, a noiva que viveria um “Conto de Fadas”.

Em julho do ano seguinte (2019), mais uma vez participamos com muita alegria da escolha dos *drinks* e músicas para o grande dia. Tudo muito emocionante. Os acontecimentos foram caminhando da forma que sonharam... ainda em 2019, mais especificamente no Natal, os noivos iniciaram a entrega dos convites para o casamento marcado para o dia 25 de abril de 2020. E eis que chega bem longe da gente o COVID, mas de uma forma tão rápida se alastra pelo mundo e chega com intensidade no Brasil logo depois do Carnaval (de 2020). E agora? Será cancelada a nossa festa? Adiar na verdade ... e adiou!

No dia 17 de março, eu estava na escola e recebemos a notícia que festas de casamento, entre outros eventos, seriam cancelados. Chorei muito e naquele momento minha nora estava recebendo a ligação do cerimonialista dizendo que a festa teria que ser adiada.

Foi uma notícia que, mesmo esperada, tínhamos a esperança que não aconteceria por ser em Ribeirão Preto e os casos estarem mais controlados. Depois de muito choro, aceitamos a situação. Não tinha o que fazer naquele momento. (Rezamos).

Sem a vontade dos noivos, passados dois dias do adiamento, minha nora foi para Ribeirão Preto na casa dos pais e meu filho por ser da área da saúde ficou trabalhando em São Paulo. Ainda no mês de março, o padre entrou em contato com minha nora e propôs uma cerimônia no civil e religioso para 20 pessoas. Não seria bom, porém, eu, meu marido, meu outro filho e minha mãe poderíamos participar. No começo de abril, ligou novamente e falou que se eles aceitassem teria que ser só no civil e além dos noivos 4 testemunhas e os 2 escrivães do cartório.

Aceitaram, mas ainda assim a confirmação só se daria 3 dias antes do casamento, pois o noivo se submeteria ao exame de COVID. Eu, mãe do noivo e tendo participado de tantas coisas, me preparado para a cerimônia, não poderia participar... novamente muito choro.

Dessa forma, o que e como fazer para estarmos presentes, mas de forma alegre e divertida já que teríamos que assistir ao casamento pelo aplicativo do Zoom. Fizemos um vídeo com pessoas queridas e padrinhos (aproximadamente 20 pessoas) e cantamos a música *Felicidade* do Seu Jorge. Os noivos adoraram e nós aproveitamos também!

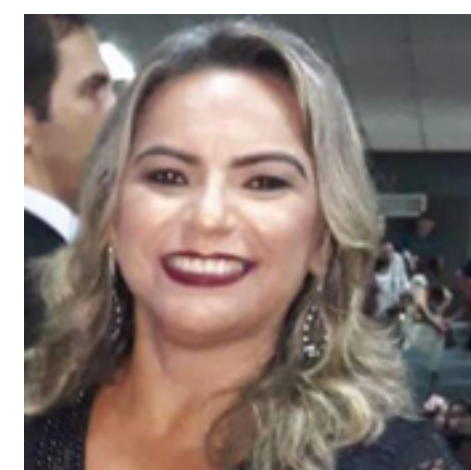
Para finalizar, tudo se tornou FELICIDADE.



Você conta:

História contada por:

Franchys Marizethe Nascimento Santana



Meu nome é Franchys Marizethe Nascimento Santana, nascida em Campo Grande/MS, tenho 6 irmãs que ajudei desde a mais tenra idade, da maioria, a prestar todos os auxílios para o bem-estar: lavando fraldas, preparando mamadeiras, colocando para dormir, auxiliando a darem os primeiros passos... me tornei um pouco mãe em todos afazeres e na subsistência.

Iniciei minha carreira docente aos quinze anos, como Assistente Materno, em uma sala de Berçário, com crianças de 4 meses a dois anos de idade. No mesmo período, minha mãe me matriculou no Magistério (antigo curso docente com duração de 3 anos). Após seis meses já era titular em uma sala de Jardim II e outra de Alfabetização. Fui aprovada no Vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 1987, para o curso de Pedagogia – Licenciatura em Educação Infantil, Anos Iniciais e Gestão Escolar.

Após concluir o curso universitário, casei e fui convidada a assumir a Direção de uma Escola Municipal em Aquidauana-MS, onde resido atualmente. Com 21 anos, meu maior sonho era ser “MÃE” e, após cuidar de tantas crianças, ele poderia ser realizado.

Já pensando no bem-estar do meu bebê, fui ao médico para fazer alguns exames e falei do meu desejo e fui encaminhada para fazer um ultrassom. Infelizmente, naquele momento começava um verdadeiro pesadelo ao ouvir que, para ser possível uma gestação, eu teria que realizar alguns procedimentos. E assim, iniciei um longo processo, persistente, por inúmeras vezes dolorido, mas sempre com a esperança de um resultado positivo.

Infelizmente, após oito anos, ouvi o que eu mais temia do meu

médico:

“Franchys, tudo que era humanamente possível foi realizado. Sugiro que você vá para sua casa e coloque seus joelhos no chão e ore a DEUS”.

Aquele foi, sem dúvida, o dia mais triste da minha vida! Não conseguia acreditar que depois de ter ajudado na criação e educação de inúmeras crianças eu não poderia ter uma minha (esse era meu pensamento ao ir para casa).

Fiz exatamente o que me disseram para fazer. Naquele dia eu coloquei meus joelhos no chão e tive a mais longa conversa com DEUS. Chorei, reclamei, olhei para os céus procurando uma resposta, fiz toda defesa a meu favor de tudo de bom que tinha feito ao longo dos anos para tantas crianças e solicitei “UM MILAGRE”. Sim... pedi, pois sabia e tinha FÉ que Ele era o médico dos médicos e tinha o poder de realizar o meu sonho. E prometi que se meu desejo fosse atendido eu faria o possível para criar da melhor maneira possível o Ser que colocasse em minha vida!

Ser “MÃE” era tudo que desejava a vida toda e a cada dia se tornava o meu maior objetivo! Retornei ao médico e ele me disse novamente que não havia nada mais a ser feito. Mas que eu tivesse FÉ e esquecesse por um tempo (como se fosse possível...).

Foram tempos difíceis, pois era diretora em uma grande escola e o contato com crianças me fazia chorar, não ia mais a festas, comemorações e até vendo bebê na televisão era motivo de tristeza. Cheguei a cogitar a ideia de adotar uma criança.

Posteriormente, mais ou menos um ano depois, em setembro de 1999, estava participando de uma capacitação em Campo Grande e senti fortes dores abdominais. Minha mãe, que trabalhava na saúde, me levou para fazer um ultrassom. Lembro-me de ouvir o médico falando com ela numa linguagem que eu não entendi e um silêncio perdurou até eu ir ao banheiro para limpar o gel usado

durante o exame. Quando retornei, lembro vagamente da minha mãe dizer que eu estava grávida de aproximadamente dois meses.

Vocês não imaginam o que senti naquele momento; maior alegria do que aquela só quando senti minha filha nos meus braços... não tem explicação... não tem alegria maior... é a maior bênção que DEUS pode conceber!

Samara nasceu no dia 24 de abril do ano de 2000, às 10h25min com 51 cm e 3.950kg. O bebê mais lindo do mundo... do meu mundo!!! Quanta felicidade ... e desde este dia eu nunca mais dormi uma noite completa...rsrsrs...

Ser "MÃE" foi a melhor e mais fantástica bênção que eu poderia ter recebido. Realizei todos os meus sonhos (aqueles que não pude usufruir) nela: proporcionei uma boa educação, levei para passear na Disney, sua festa de 15 anos foi magnífica e hoje ela cursa Medicina.

Posso afirmar, com toda certeza, que tenho uma ótima filha. Uma mulher forte, resiliente, que amadureceu com firmeza e tem inúmeras descobertas a serem realizadas. Mas ela é e será sempre meu bebê! O Ser que mais amo neste mundo!

DEUS É FIEL! SÓ ELE PODE FAZER MILAGRES!!

EU CREIO!!

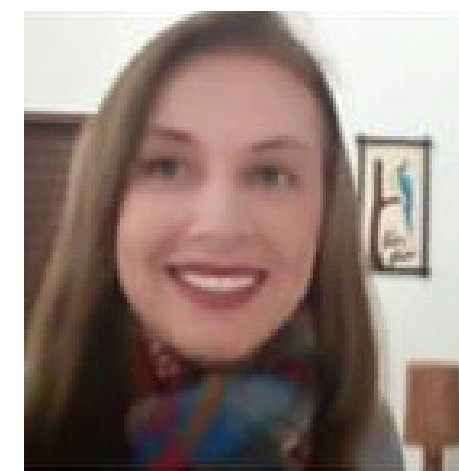


Você conta:

História contada por:

Daniela Althoff Philippi

Docente - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS,
Câmpus de Aquidauana, MS. Área de atuação: Administração.



Meu breve relato é sobre um fato que marcou a minha vida. Sou natural de Florianópolis/SC e professora universitária onde residia. Já na graduação, me interessei pela docência ao ser monitora das disciplinas Administração da Produção e Administração de Materiais, que se equiparam às que leciono atualmente. Terminei o mestrado em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2005, e logo comecei a trabalhar numa instituição de ensino superior particular no sul do estado. De três a quatro vezes por semana me deslocava para lecionar. Saía de Florianópolis às 16h e retornava meia noite e meia. Íamos numa van de professores. Era cansativo, especialmente porque passávamos pela BR101, na ainda não duplicada, e era perigoso, apesar de um super motorista nos conduzir.

Em 2017, fiz concurso público, em que fui aprovada, e passei a trabalhar no Centro Universitário Municipal de São José, município vizinho a Florianópolis, onde minha querida vó materna – *in memoriam* – nasceu, o que foi uma grande conquista e onde tive excelentes alunos nos cursos de Administração e Ciências Contábeis. No entanto, almejava trabalhar numa instituição maior e, também, pública. Fazer concurso para a UFSC era impossível, pois é uma universidade muito concorrida e eu não tinha sequer o doutorado.

Em constante ligação com o meu orientador de graduação e mestrado, ele sempre aconselhava aos seus orientandos para que aproveitassem os concursos públicos que estavam acontecendo com frequência em todo o Brasil. Em 2008, estive, no início do

segundo semestre, em um evento da Associação Nacional de Pós-graduação em Administração, em Brasília/DF e lá pensei: eu poderia tentar uma concurso para o Centro-Oeste... quem sabe Mato Grosso do Sul! Pensei mais ainda no meu retorno à Florianópolis e, no mesmo dia que cheguei em casa, acessei uma página em que se encontram concursos de todo o país e lá estava: um edital para a área de administração da produção – bem a minha área – para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – *campus* de Aquidauana, num perfil que me enquadrava com a exigência mínima de formação com mestrado. Fui então olhar no mapa: onde fica Aquidauana? Vi que era distante 120 km de Campo Grande e que não ficava na fronteira (tinha receio de locais que não fossem seguros) e, não hesitei, me inscrevi, lembrando-me com carinho de um primo querido que havia morado alguns anos em Campo Grande e contava que era muito bom. Vim para Mato Grosso do Sul e fiz o concurso. Fiquei em segundo lugar e havia apenas uma vaga, mas havia uma esperança; durante o concurso o candidato que ficou em primeiro lugar havia comentado que dali iria para Goiás tentar outro concurso e que, se passasse em ambos, provavelmente optaria pelo concurso da Universidade Federal de Goiás. Trocamos contato para que ele me avisasse, caso isso se sucedesse. De fato, no Natal, na tarde do dia 25/12/2008, ele telefonou e me avisou. Fiquei muito contente. Exatos três meses depois, eu tomava posse na UFMS e me mudava para Aquidauana.

A primeira semana foi bastante difícil, pensei que, em uma semana, conseguiria encontrar uma residência. Programei-me para uma semana e só depois entrar em exercício. Viemos eu e meu pai, que, muito querido e amável, veio dirigindo o meu carro. Foi uma viagem longa, de dois dias. Chegando aqui, ficamos num hotel, onde acabei ficando por 15 dias. O clima era muito diferente para nós. Muito quente e um sol forte como nunca tínhamos visto. A semana passou e tive que levar o meu pai para Campo Grande para deixá-lo no aeroporto: era hora de ele voltar e eu ficar. Como foi difícil a nossa despedida! Desabei a chorar, pois não conhecia ninguém

na cidade... era tudo novo: cidade, estado, emprego, instituição, cultura, clima etc.. Ele me abraçou firme e, ao final de um longo abraço, disse: vai dar tudo certo e serás bem-sucedida aqui! As quase duas horas dirigindo de Campo Grande até Aquidauana foram longas e de muitas lágrimas.

O que posso afirmar é que segui um lindo caminho. Fui muito bem acolhida pelo querido povo Aquidauanense. Com as pessoas tão queridas e especiais que conheci, aos poucos, fui me "familiarizando" e, passados mais de um ano, já estava mais acostumada, inclusive ao clima que de início chegava a me deixar com a pressão baixa e vista turva. Enfim, me aculturei. Fiz muitos amigos e amigos bons e sinceros. Meus alunos foram fundamentais nesta trajetória. Hoje agradeço a Deus por ter vindo. Tudo tem uma razão, realmente. Tudo tem seu tempo. Sou muito grata a todos e tenho certeza da mão de Deus nesta escolha que fiz. Desenvolvi-me muito aqui, superei barreiras, conquistei a minha independência, aprendi e aprendo, amo e sou amada e encontrei-me com Deus de maneira plena, a cada obstáculo, a cada conquista e em todos os momentos.

Sim! Contam-se mais de 11 anos e o S. Aderbal estava certo!

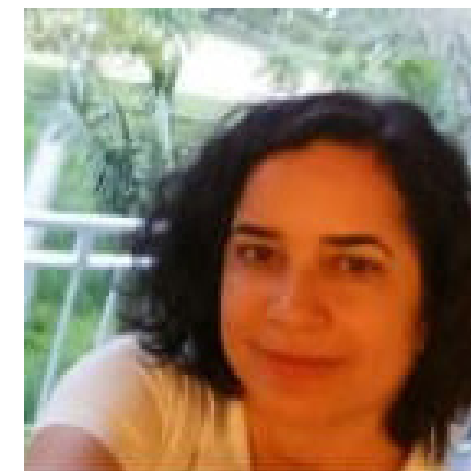


Fonte: Site livre de imagens (<https://bit.ly/3eHgSpC>)

Você conta:

História contada por:

Tereza Cristina



A lanterna

Um pouquinho de mim: Meu nome é Tereza Cristina, filha de João Mamoré (motivo desta história) e Terezinha de Jesus Mamoré (minha melhor amiga e uma ligação tão forte que não é deste mundo). Tenho 50 anos, 2 filhos maravilhosos, um esposo muito especial, parceiro de verdade e 2 cachorros: o Bolinha e o Tuxico (foi resgatado na rua, é uma linda história que um dia eu conto). Sou Pedagoga, muito curiosa, observadora, prefiro mais ouvir do que falar e sou apaixonada por educação em todas as suas formas.

Eu tive uma infância muito feliz com toda a liberdade que a criança merece e tem direito. Minha família era composta de 08 pessoas, meus pais e mais 05 irmãos eu tinha um pai muito diferente (já falecido); além de silencioso e econômico nas palavras, ele era bastante responsável e cumpridor de suas obrigações (motivo de muito orgulho para todos nós), mas era cheio de manias. Manias que me incomodavam na época e hoje eu consigo compreender. E veja que engraçado, tem algumas que, com o passar da idade, passaram a incorporar minhas ações no meu dia a dia.

Uma dessas manias é a lanterna que está no criado mudo ao lado da minha cama há mais de um ano, apesar do abajur e o interruptor ao meu alcance para ver as horas ao acordar e caso falte a luz à noite (hoje é muito difícil faltar luz).

Na verdade, eu tinha mais uma lanterna (mania do meu pai também).

Aí, quando meu filho foi para o seminário, na hora de arrumar sua mala, eu dei esta lanterna com muito carinho. Meu filho estranhou, achou engraçado e falou:

- Mãe o que eu vou fazer com uma lanterna?

Dei todas as minhas explicações: caso faltasse a luz, ao acordar não incomodar o colega de quarto, entre outras.

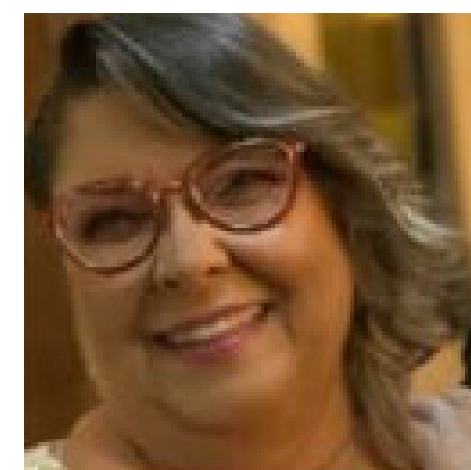
Na verdade, no meu inconsciente eu estava repetindo a mesma atitude do meu pai que, além da precaução, prevenção caso faltasse energia (e faltava muito naquela época), acima de tudo o cuidado ao acordar de não incomodar quem estivesse do nosso lado e para se sentir protegido.

Hoje eu entendo que a lanterna era um cuidado do meu pai aos medos que nossa imaginação criava sempre ao apagar da luz, era uma forma também de se sentir protegido. Mania que era carinho.

Você conta:

História contada por:

Suelise Ferreira



ANDANÇAS DE FORMAÇÃO

O Bufar da Terra

Era setembro do ano 2000 e estávamos no município de Dourados-MS durante a preparação da segunda etapa do Curso de Formação de Professores Indígenas daquela região. Para essa formação, reuníamos indígenas e não indígenas de forma participativa, os professores do curso, os representantes dos cursistas (professores indígenas em formação) e a coordenação, no intuito de produzir a próxima etapa da formação.

A pauta da reunião compreendia ouvir os cursistas e acolher suas impressões sobre como havia repercutido a etapa anterior para que cada vez mais o curso se aproximasse de suas expectativas, fortalecendo suas identidades e referências culturais. Naquela oportunidade, também trabalhávamos uma simbologia que expressasse o nome do curso. Como era difícil reunir este grupo, devido às diferentes agendas, as reuniões eram planejadas para durar todo o dia que, por sinal, estava intensamente quente.

Logo após o almoço, com aproximadamente uns 40 minutos da retomada dos estudos, inicia-se uma ventania do lado de fora da sala onde nos reuníamos. Em pouco tempo as cortinas esvoaçavam até o teto e as janelas se abriam, portas batiam, nuvens de poeira adentravam pela sala afora. Muitos dispersaram a atenção e levantaram-se para segurar as janelas e encostar portas. Mas todos os não índios estavam assustados com a repentina transformação do tempo.

Neste momento, eu já estava preocupada com a incidência de uma forte chuva que atrapalharia a visibilidade da estrada durante o meu retorno para casa, Campo Grande/MS, e como Dourados se encontra na região sul do estado, havia a possibilidade de mudança de temperatura e eu não tinha previsto isso ao deslocar-me para esse encontro.

Sentada em círculo estava eu ao lado de um cursista (professor indígena) que apreciava tudo sem se abalar, e disse-lhe:

- Nossa... Virá um temporal, uma grande tempestade. Que ventania. Será que teremos frio, também?

Ele me olhou calmamente e com sua cosmovisão, sua vida própria, com seu jeito de ser e de viver e que sempre conviveu com o saber dos mais velhos, trouxe sua visão do fato e disse-me:

- A Terra está bufando. Ela está cansada. Está sendo muito explorada. Essa é uma manifestação do seu descontentamento. Ela vai chorar um pouco.

Fiquei sem palavras diante de tanta compreensão de que a Terra era viva, dinâmica e que estava em constante transformação, sofrendo ação antropocêntrica. Ao buscar a etimologia da palavra *bufar*, encontrei seu significado que é "expelir ar pela boca com força, reclamar, protestar com veemência, enfurecer-se, arquejar-se", entre outros.

Eu havia resumido tudo em "vai chover", mas o olhar do outro era profundo ao trazer um conhecimento específico, tradicional que foi passado de pai para filho em sua comunidade.

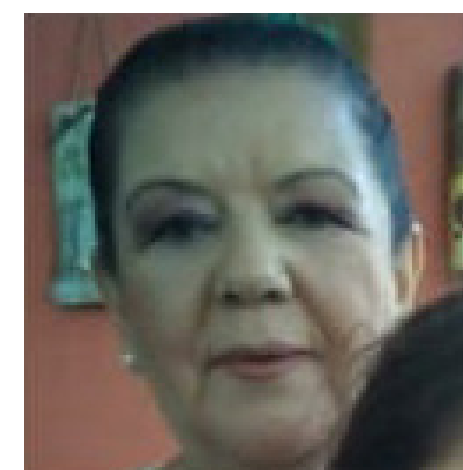
Pouco tempo depois a chuva caiu mansa e minimizou a temperatura daquele dia.

Hoje, pergunto-me: Como será que ele denominaria esse momento que estamos vivendo (pandemia)?

Você conta:

História contada por:

Odila Amélia Veiga França



Gratidão por esta rica oportunidade.

Que turma!!!!

Que histórias lindas!!!!

Que mar de sentimentos tão bons... edificantes... terapêuticos...

Fizemos a trilha desde o hooponopono, artes visuais, amor, adoção impregnada de amorosidade, até entendermos o bordado da vida, a costurinha do bem vitalizando a existência humana, o tempo dando a marcha da aprendizagem, o amor à memória da mãe. O encontro entre a ciência matemática e a fertilidade da música. Amor à filha do amor e da espera vigiada. O acolhimento vivenciado em Aquidauana. Casamento e felicidade

"Felicidade é te ver todo dia" ..🎵e pelo Zoom... 😊 🤝

Ficando e agindo "Como os nossos pais" 🎹 ...
e presenteando o filho com uma lanterna.
Eu amo tudo isso!

Formação de professores indígenas no Pantanal... isso é para além de majestoso ...

Até o resgate do meu "erro honesto" com o Jairo e a retração depois de aprender a aprender....



Fonte: Márcia Ribeiro

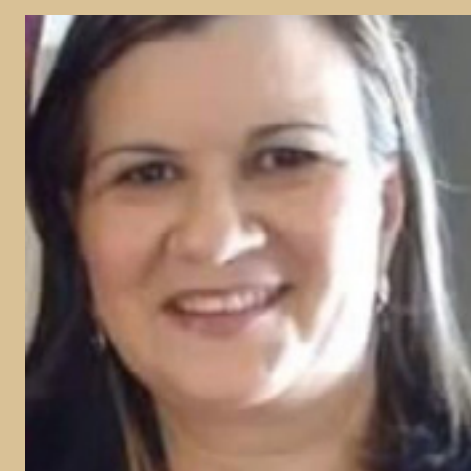
Uma noite bem dormida e de bons sonhos para todos(as).
Para você, bênçãos abundantes do céu ...

Espaço Arteterapêutico na Live do GEPIAT

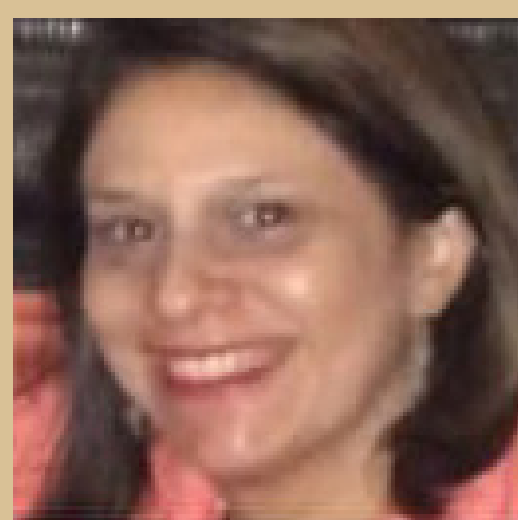
17/06 às 18h horário local MS

Tema: **Registro de memórias**

Eu conto
Ana Lúcia



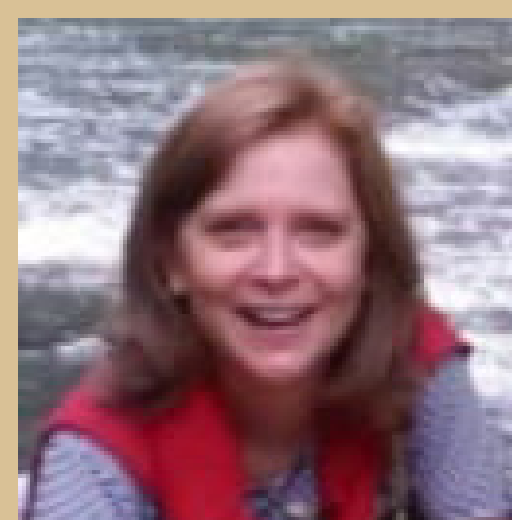
Eu conto



Simone



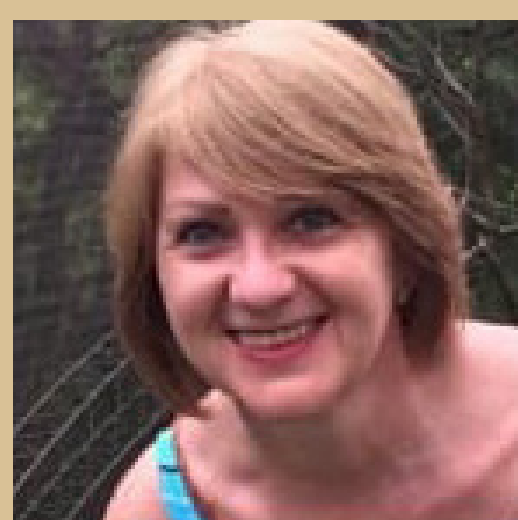
Tânia



Cristina



Marcela



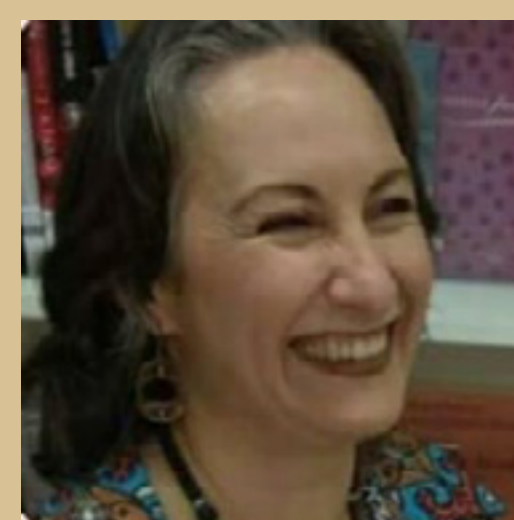
Ione



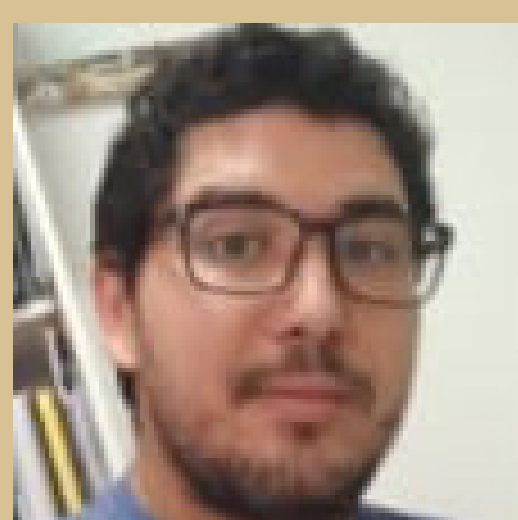
Sherry



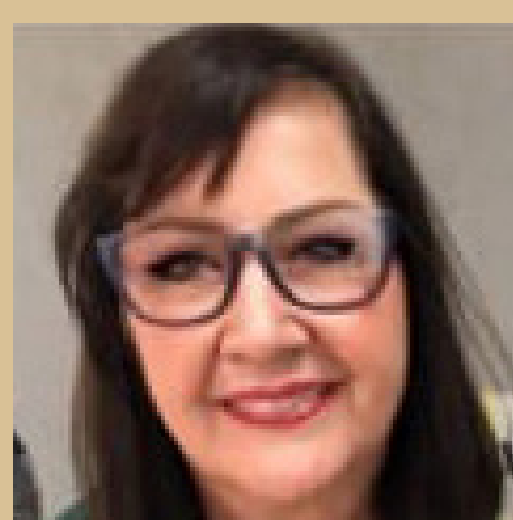
Carmem



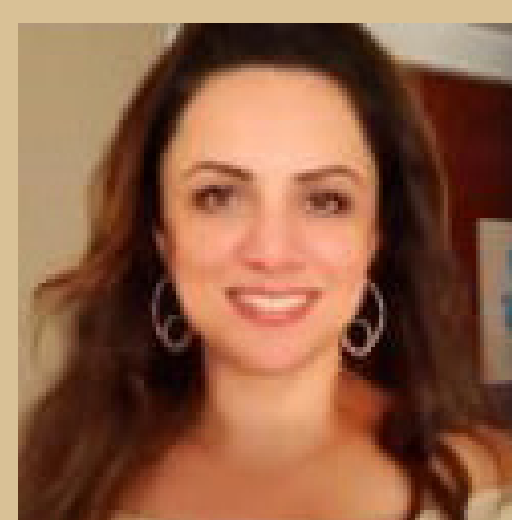
Tatiana



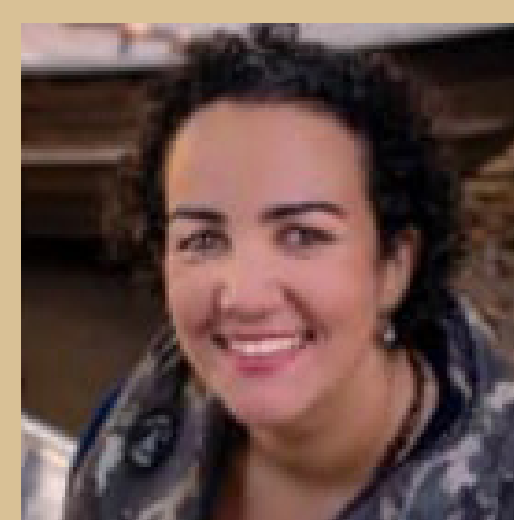
Fábio



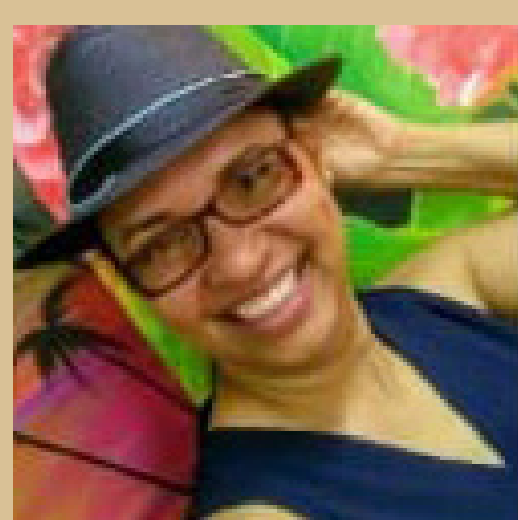
Paula



Juliana



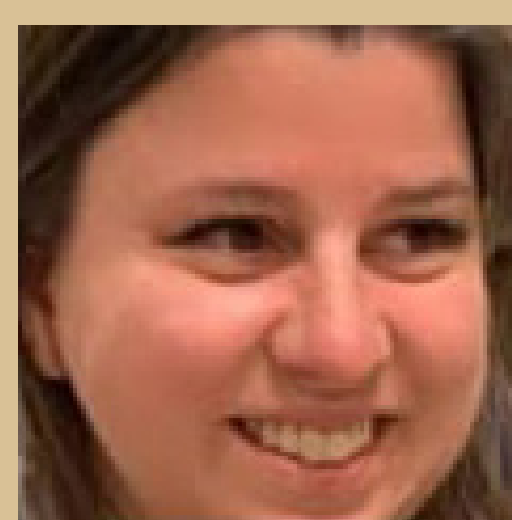
Denise



Mareide



Suelí



Daniela

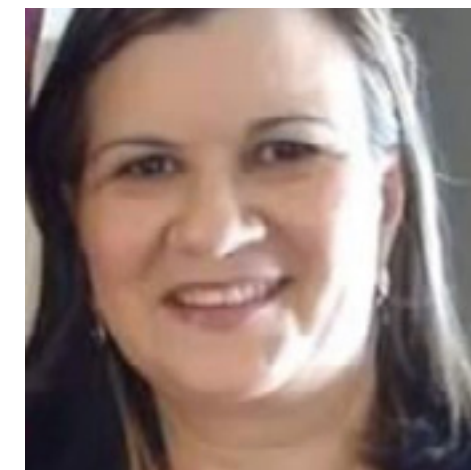


Lara

Via: **Google Meet**

EU CONTO.....

Ana Lúcia Gomes da Silva



Minha história é um registro vivo de memória na criação do nosso Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Arteterapia – GEPIAT. Uma ideia que confesso nasceu tímida e que me surpreendeu no primeiro encontro, presencial, em 04 de março (importante: antes da pandemia). Quando pensei em criar o grupo não imaginava que tantas emoções (sem plágio do Roberto Carlos KKK) iriam permear nosso encontro! Começando pelo número de participantes, pessoas que disseram “sim!”, que fazem parte do nosso convívio como amigas queridas! Profissionais da educação, saúde, engenharia, psicologia, arquitetura e da arteterapia, inclusive que se deslocaram de Campo-Grande, amigas do nosso curso de Arteterapia do INSTED em uma viagem que foi narrada do começo ao fim como muito prazerosa, com direito ao tereré pelo quarteto Tereza, Priscila, Tatiana e Suelize vieram acompanhadas, com toda boa vontade pelo marido da Su, um motorista especial kkkkk. Priscila foi quem nos contou sua experiência linda nas vivências com os bordados, um projeto que já deu frutos maravilhosos e ainda muito há para colher!



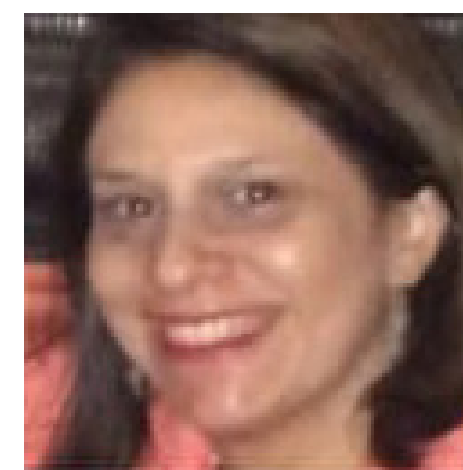
Planejando o segundo encontro, nos deparamos com situação de riscos pelo vírus do COVID e, como vocês, também precisamos pensar um novo formato de encontro. Assim começaram nossos registros de memórias e há cada encontro vemos revelar quão grande a necessidade de valorizarmos a escuta sensível para

entrarmos na nossa história e na história do outro. Somos agraciados pelos registros! Quantos fatos, lembranças hilárias, emocionantes, tristes, felizes, comuns na vida dos outros, mas tão especiais nas nossas vidas!!!

Você conta:

História contada por:

Simone M. de C. Andrade



Com formação em Psicologia, mestre e doutora em Educação, pela PUC/SP, atuando como psicóloga clínica e educadora desde 1991, compreende o processo terapêutico como uma reeducação para o autoconhecimento e autocuidado. Com base em uma abordagem da psicologia simbólica junguiana, utiliza várias técnicas expressivas, tais como, recursos gráficos, imaginativos, corporais e outros que possibilitam a expressão do ser integral. Atende jovens e adultos, em psicoterapia, orientação de pais, vocacional e *coaching* integrativo.

Meus temas de pesquisa são autoconhecimento e autocuidado a partir da interdisciplinaridade e psicologia simbólica junguiana. Isto significa que, no meu trabalho, almejo o desenvolvimento do ser integral e a minha missão é ser uma facilitadora deste processo. Como pesquisadores, pautados na interdisciplinaridade, com a orientação da Dra. Ivani Fazenda, aprendemos a importância de integrarmos a nossa história de vida às nossas pesquisas. Este caminho é facilitado pelo reconhecimento das nossas metáforas que possibilitam o encontro do sentido entre o ser e o fazer. A minha história de hoje, que se denomina “o presente”, está relacionada à minha metáfora. Cada vez que



revisitamos as nossas metáforas, ampliamos o nosso aprendizado. Desta vez, o aprendizado diz respeito ao exercício da intuição, aceitação e desapego frente à situação atual de pandemia. Muitas vezes queremos controlar tudo ao nosso entorno, não “ouvimos” a nossa intuição e privilegiamos a razão. No momento atual, percebemos muitas vezes que não podemos exercer o controle em muitas situações de nossas vidas. A minha metáfora é simbolizada pela flor de lótus, que é uma flor que nasce do lodo e, ao ter o contato com a luz, floresce. Assim, remete ao significado simbólico da importância de integrarmos a nossa sombra para podermos nos transformar.

Hoje eu quero contar para vocês uma vivência simbólica que está na minha tese que virou livro. Aconteceu no dia 06/08/2016 em Gonçalves, Minas Gerais. Em família, saímos de São Paulo com destino a São Francisco Xavier – distrito de São José dos Campos. No caminho nos perdemos duas vezes e não chegamos ao nosso destino. Perguntamos indicação, olhamos a rota no Waze, mas fomos para a direção oposta e aceitamos esta situação. Pernoitamos em Brasópolis (MG) e no dia seguinte, fomos para Gonçalves, uma cidade próxima. Ao chegarmos na cidade, paramos em uma sorveteria e o dono da sorveteria, prontamente, veio nos atender e contamos o que havia acontecido na véspera; ele disse que estava mesmo esperando por nós. Nos convidou para participarmos de uma meditação para as mulheres da cidade que ocorreria no dia seguinte. Disse que tinha um presente para nós e nos deu o que chamou de folha desidratada de flor de lótus. Estávamos incrédulos, pois não o conhecíamos e nem tampouco poderia conhecer a minha metáfora. Agradecemos o presente dele e sentimos que estávamos exatamente onde teríamos que estar naquele momento. Este foi o grande aprendizado que esta vivência nos possibilitou. Aceitarmos o momento presente e desapegarmos do controle. Se insistíssemos em voltar para a cidade ou retornar, esta vivência não teria ocorrido. Foi uma sincronicidade incrível ao receber justo

uma pétala de flor de lótus quando estava desenvolvendo a tese embasada nesta metáfora. Desta forma, é com uma mensagem da flor de lótus que quero terminar a minha história de hoje: “Caminhe, movimente, transforme-se. Respeite a intuição no seu processo. É só seguir. Mesmo que desvios ou diferentes trilhas ocorram mesmo sem o seu controle, estará no caminho. Confie!”.

Você conta:

História contada por:

Tânia Maria Pereira da Costa Marques



MINHA VIDA, MINHA HISTÓRIA INFÂNCIA/ bons tempos

Meu nome é Tânia Maria Pereira da Costa Marques, nascida em Aquidauana, numa família muito simples, filha única de mãe com 3 irmãos e de pai com mais 3 irmãos. Formada no curso de Pedagogia e no curso de Arte, atualmente estou trabalhando na Coordenadoria Regional de Aquidauana/SED/MS como técnica pedagógica.

Ao receber o convite da professora Ana Lúcia para participar da *live* “Registro de memórias: Eu conto, você conta”, uma proposta do Espaço Arteterapêutico do GEPIAT, achei que ia ser fácil falar sobre algo, mas não foi bem assim, pois quando foi chegando o dia da *live*, não tinha ideia do que apresentaria ao grupo, qual seria o recorte da minha vida que poderia apresentar e



Da Série “Canções para Gael e Joaquim: A Tarde” (2018) Óleo em Tela (55x80x5 cm)

isso provocou-me momentos de reflexão, onde pude voltar ao passado, lembrar episódios que foram marcantes na minha vida. E embalada pela música do nosso querido Almir Sater, “cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz, e ser feliz”, e com as palavras de Casimiro de Abreu que diz “Oh! Que saudades eu tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais...”. Então, bora lá, vamos para um recorte da minha vida, voltar para o túnel do tempo, da infância dos bons tempos.

Nesse período da minha vida, a infância, pude olhar com os olhos do presente e recordar o que aprendi com ela. Recordar o passado não é algo simples, e como fogos de artifícios que explodem diferentes sentimentos, de alegria, tristeza, medo, humor, surpresa, esperança encantamento. E hoje, posso contar para vocês que foi no bairro da Serraria onde passei a minha infância, regada de boas lembranças, das peripécias que todos meninos e meninas gostam de aprontar, no meu caso aproveitar muito, principalmente das coisas que tinha ao meu redor, dos tocos de árvores que fazia de palco para cantar “beijinho doce” de Tonico e Tinoco, e outras músicas inventadas, da rua para as brincadeiras de pega- pega, queimada, jogo de taco, esconde-esconde, subir em árvores, correr, pular corda, andar de bicicleta e ser feliz. Assim, fui seguindo em frente, deixando as coisas ruins passarem e deixando o lado bom da vida sobressair. E essa magia de lidar com a vida abriu a porta para o amor que tenho pelas crianças, do encantamento de estar com elas. Não podia deixar de contar que tenho um menino na minha vida de 5 anos, meu sobrinho amado que me permite compartilhar com ele as coisas que desfrutei quando criança. Nesse período de pandemia eu e o Joca estamos vivendo momentos mágicos de brincar na rua, de pega-pega, esconde-esconde, de andar de bicicleta, de perder os horários, enfim, estamos brincando e vivendo a felicidade.

O que eu e o Joca estamos vivendo agora certamente é diferente do que foi a minha infância, pois as coisas vão mudando de geração para geração, os tempos são outros, novos modos, novos pensamentos, novas ciências, enfim são duas vidas vivendo momentos diferentes, mas em comum temos a nossa infância vivida com muita alegria.

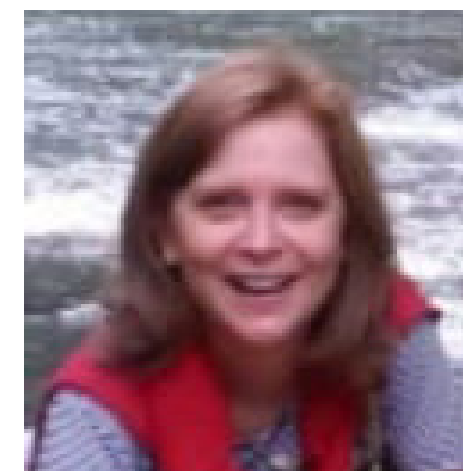


Você conta:

História contada por:

Cristina Brandt Nunes

Professora Associada da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) – Aposentada. Enfermeira pediatra. Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina (UNIFESP/EPM). Cursando Especialização em Arteterapia pelo INSTED.



Memória de amorosidade

A motivação em contar esta história, que mora em minha memória, está no significado do cuidado atencioso por parte de uma colega de aula para comigo. O fato aconteceu há 37 anos quando eu ainda era estudante do curso de graduação em Enfermagem. Era junho de 1983 e tinha 21 anos de idade. Na época, morava em Porto Alegre e estudava na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Me lembro de uma festa de São João num sábado à noite. Me diverti com várias brincadeiras e danças próximas a uma grande fogueira montada no pátio onde aconteceu a comemoração junina. Quando terminou o evento, fui embora e no meio da noite acordei com muita dor e ardência nos olhos. Saí correndo sozinha do meu apartamento e fui a pé, em plena madrugada de domingo, até o apartamento do meu namorado, a aproximadamente um quilômetro dali. Fomos em busca de um atendimento médico oftalmológico e depois de várias buscas, encontramos um hospital especializado. Fui diagnosticada com úlcera de córnea em decorrência da exposição excessiva ao calor e do uso prolongado de lentes de contatos. Foram prescritos colírios, suspensão do uso das lentes de contato e tive que ficar dois dias com os olhos totalmente vendados e no escuro. A sensação de não enxergar e ficar dependente de alguém foi impactante.



Na época, estava em período de exames do penúltimo semestre do curso (meio ano antes da formatura). Me lembro que uma colega soube do que havia acontecido e se dispôs a estudar comigo, pois teríamos o exame final da disciplina Materno infantil dali alguns dias. Dessa maneira, ela gentilmente e com muita paciência leu para mim toda a matéria durante três dias, o que me possibilitou a aprovação na avaliação. Ainda parece que eu escuto a voz dela lendo e explicando cada detalhe dos assuntos e conteúdos que tivemos durante um semestre. O bom humor dela era algo impressionante, o que proporcionava leveza à situação. A atitude dela foi de imensa generosidade e jamais vou me esquecer do acolhimento que teve para comigo. O que me chamou a atenção foi a espontaneidade do ato. Tal fato me mostrou a importância de perceber as necessidades do outro nas diversas situações em que este se encontra. Junto de minhas memórias, tenho a lembrança do apoio recebido e da amorosidade dispensada. Diversas vezes em minhas atividades como professora e enfermeira da área pediátrica me recordei deste acontecimento. Acredito que este gesto foi o primeiro impulso que tive para a escolha profissional no cuidado com crianças! Obrigada, Marta Inês! Espero um dia te encontrar, te abraçar e te agradecer pessoalmente!

Você conta:

História contada por:

Marcela Lemos Monteiro



Sou a Marcela, Jirousek de solteira, origem tcheca e Lemos Monteiro pós casamento. Desde pequena queria trabalhar no campo, tal era minha paixão pela natureza e pela produção de alimentos, mesmo vinda de uma família urbana. Meu pai, empreendedor, tinha uma indústria de autopeças e minha mãe era pianista. Escolhi cedo ser Engenheira Agrônoma, nunca tive dúvida, e lá na ESALQ em Piracicaba encontrei meu futuro marido. Um fazendeiro pantaneiro, daí ser natural nos mudamos para Campo Grande perto do nosso trabalho. E é onde nasceram meus três filhos. Consegui conciliar meu gosto da vida rural com meus desenhos e pinturas. Registro fotograficamente a fauna, a flora, o trabalho de gado, o pantaneiro, a chuva, o sol e a lua, tudo que me encanta no Pantanal e depois não resisto passar para a tela.

Mas vamos lá, já me apresentei e agora vai a minha história. Nunca imaginei que eu escreveria um livro até que em uma bela madrugada acordei e os pensamentos me vinham a mil por hora. Peguei um caderninho e anotei tudo; estava ali o TIQUINHO DO PANTANAL – o dia a dia de um menino pantaneiro, faltando apenas as ilustrações e as devidas correções e alguns burilamentos...

Inseri como as pessoas lá vivem e trabalham, como as crianças estudam, um pouco sobre a fauna e a flora e da pecuária, como se produz carne com sustentabilidade no Pantanal. Escrevi também o mesmo texto em inglês e mandei traduzir para o francês. Saíram estas três versões: TIQUINHO DO PANTANAL – TIQUINHO FROM THE PANTANAL e TIQUINHO DU PANTANAL. Fiquei realizada deste livrinho infantil ter sido usado em escolas públicas, algumas particulares e em algumas escolas de idiomas. Novamente tentei

coniliar estas minhas duas paixões: a arte com a realidade produtiva e bela do Pantanal. Incrível como um *insight* de uma madrugada lá em 2004 me mostrou este caminho. Foi uma realização para mim. Fica uma dica: deixar uma caderneta na cabeceira e anotar as ideias que nos vêm à cabeça ao acordarmos ou gravar no celular: são preciosos momentos mágicos que se perdem durante o dia.

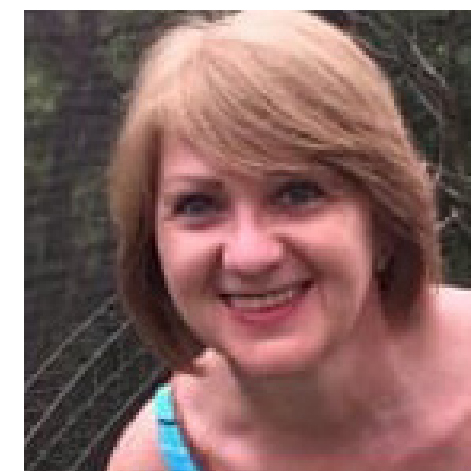
Não preciso dizer, mas optei por esta história em homenagem a Ana Lúcia, que trata com tanto carinho o tema Pantanal no seu Espaço Eco Pantaneiro.

Você conta:

História contada por:

Ione Vier Dalinghaus

Com graduação, mestrado e doutorado em Letras, docente aposentada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Câmpus de Aquidauana/MS, tendo atuado na área de Letras Português/Espanhol.



Nasci e cresci numa pequena cidade de Santa Catarina e, desde criança, queria ser professora. Confesso que, quando estagiei no magistério, perdi o encanto pela sala de aula, por algumas razões que não vêm ao caso agora. Exerci outras profissões e somente bem mais tarde (17 anos depois), já em Mato Grosso do Sul, surgiu a oportunidade de cursar uma graduação, pois onde eu morava antes não tinha Universidade na época. Despertava em mim um desejo adormecido, optei por Letras e me redescobri nesse curso. Eu teria muitas histórias para contar sobre a minha vida, contudo, meu breve relato é sobre um fato que marcou a minha trajetória acadêmica e profissional.

Durante o período em que frequentei a universidade (1998-2002), muito se discutia a temática “disciplina dos alunos em sala de aula”. As literaturas consultadas e discutidas foram inúmeras, mas nenhuma delas me deu o suporte necessário para garantir pleno êxito em sala de aula. Quando falo em disciplina, não me refiro ao conceito antigo, em que se exigia silêncio absoluto dos alunos enquanto o professor tentava “transferir” seus ensinamentos. Refiro-me a um ambiente favorável ao aprendizado, com a participação discente de forma organizada e produtiva. Este relato refere-se a uma situação vivenciada no Ensino Básico, em uma escola particular de Dourados, MS.

Faltava pouco tempo para concluir a Graduação, mas eu ainda não havia passado pela experiência do Estágio Supervisionado. Estava entusiasmada com a nova carreira que se iniciava, no entanto, a cada nova oportunidade de substituição, ficava apreensiva, pois ainda

me sentia insegura. Quando surgiu a possibilidade de trabalhar numa escola particular, minha primeira reação foi de felicidade, porém, após a primeira conversa com o coordenador, confesso que fiquei preocupada, pois a professora que eu substituiria havia desistido por não conseguir “dar conta do recado”.

As turmas eram de 40 alunos, em média, com apenas uma aula de Língua Espanhola por semana. Eu já sabia que a maioria do alunado preferia aulas de Língua Inglesa. Na verdade, notava-se certo preconceito em relação ao espanhol/castelhano (realidade muito semelhante aos dias de hoje) em que a grande maioria das escolas não oferece a disciplina. Ainda nessa conversa com o coordenador, ele me disse que eu teria que ministrar uma “aula show”, pois os alunos eram “difíceis”, o que potencializou a minha apreensão. Contudo, fiquei surpresa ao saber que todos os discentes possuíam o livro didático de espanhol, já que, em outras escolas da cidade, os próprios professores precisavam produzir o material e a maioria dos alunos não tinha condições financeiras para fazer a cópia desses materiais. O fato de os discentes terem seu próprio material didático deixou-me mais animada, pois, com certeza, isso facilitaria muito o preparo e a execução do meu trabalho. Assim, preparei as primeiras aulas com o maior cuidado e esmero, selecionei uma música própria para a faixa etária deles e já imaginava a “aula show” idealizada pelo coordenador.

A expectativa era grande, tanto da professora quanto dos alunos, que demonstravam esse sentimento. Nesse primeiro dia, saí das salas de aula um tanto decepcionada, não pelo comportamento dos discentes, mas pelo tempo reduzido de aula para ministrar o conteúdo, o que comprometia o rendimento. Só a sistemática da escola quanto ao controle de frequência já tomava pelo menos quinze minutos da aula, restando apenas meia hora. Tentei colocar em prática tudo o que eu havia aprendido na faculdade, ações que poderiam contribuir para uma aula dinâmica e, ao mesmo tempo, disciplinada. Porém, a cada semana eles “aprontavam” algo que me deixava extremamente irritada. O rendimento, que já não era

o esperado no início, caía ainda mais. A dificuldade em memorizar o nome e a fisionomia de cada um deles foi um dos fatores que, na minha autoavaliação, me prejudicou bastante. Enquanto eu preparava as aulas, a maior preocupação era com a metodologia. Como fazer para motivar esses alunos e ser mais respeitada por eles? Esses questionamentos me acompanhavam a cada volta para casa, era um verdadeiro desafio. Tentei trabalhar em duplas, em grupos, mas nenhuma dessas formas de trabalhar com eles era satisfatória. O tempo que eles levavam para se organizar tomava boa parte do tempo que tínhamos para cumprir a tarefa.

Certo dia decidi fazer uma aula de prática de leitura. Cheguei no 8º ano (na época, 8ª série) e expus as regras para aquela aula. Disse a eles que se tratava de um teste de leitura, valendo nota. Para garantir a ordem, chamei primeiramente o aluno que mais conversava. Assim



Fonte: <https://bit.ly/3heKyfw>

que o chamei, a turma toda começou a falar ao mesmo tempo, dizendo que aquele colega era gago e que não poderia fazer a leitura. Achei muito estranho, pois eu nunca havia notado essa dificuldade dele. Imediatamente disse a eles que isso não era problema, que todos tinham os mesmos direitos e deveres e que o fato de ele ser gago não alteraria a nota. O menino começou a ler, enquanto toda a turma ria. Irritada e muito surpresa com esse comportamento deles, pois era nítido que ele estava fingindo gagueira (disfemia), pedi que outro aluno prosseguisse com a leitura. Antes mesmo de ele se manifestar, reiniciou-se o mesmo movimento da turma, desta vez me dizendo que aquele colega era fanho e que, portanto, não poderia ler. Ignorando a atitude deles, ordenei que começasse seu teste e ele iniciou a leitura, de modo fanhoso. Logo percebi que era outra armação da turma, estava tudo combinado. Diante dessa situação, os dois foram

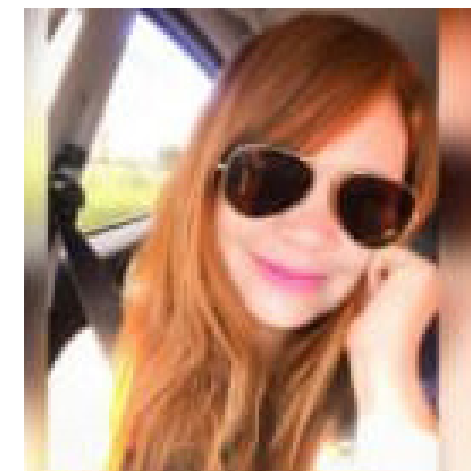
advertidos, assinaram uma carta de advertência e tiveram que se apresentar na coordenação que, posteriormente, tomou as providências cabíveis. Muito decepcionada com esses e outros fatos ocorridos durante as minhas aulas, deixei a escola pouco tempo depois, convencida de que não existe uma receita para motivar os alunos e ser respeitada por eles. Aprendi também que não se pode parar diante do fracasso, mas buscar sempre novos desafios.

Hoje, avalio tudo isso como um grande aprendizado. Não desisti, ao contrário, busquei mais e mais conhecimento e superei novos desafios. Pouco tempo depois, consegui uma vaga na universidade em que me formei. Foi nesse contexto que me identifiquei e continuei depois na UFMS, realizando meus projetos acadêmicos, dos quais restam só boas lembranças.

Você conta:

História contada por:

Sherry Maia



Eu sou Sherry Maia e sou artesã, faço bonecas de pano resgatando costumes e tradição ancestral, usando plantas tintórias na elaboração de cada peça; é uma jornada afetiva de entrega, amor e beleza, onde exploro matérias vivas, orgânicas, onde entro em contato com a alma antiga que mora em mim. Essa paixão pelas bonecas me levou a lugares inimagináveis, presídios femininos, áreas rurais, ateliês de vários cantos do Brasil e Europa, América, Ásia e território canadense;

Minha história fala dos “Sim” que dizemos para a vida!

E começa com uma pergunta: Quando você era criança, e olhava para o céu, o que você pensava?

No imaginário de uma criança, não existe o impossível! Imagino que cada um de nós já imaginou pegar uma escada enorme e subir até lá, algo de sagrado sempre emanou quando olhamos para o céu!

Anos atrás eu disse sim para o inesperado, e depois disse sim centenas de vezes. Lembro de uma vez que uma querida cliente me convidou para ir em seu haras, onde ela tinha um restaurante rural, no meio de casas de veraneio num lindo condomínio no meio de São Luís do Purunã, Paraná, eu não a conhecia pessoalmente; haveria um Enduro e o convite era para eu expor e vender as minhas bonecas. Agora lembro que fiquei um tempo em silêncio e respondi sem pensar que eu aceitava o convite! Muitas pessoas amigas ficaram preocupadas, pois era um risco, eu nem sabia como ela era e assim comecei a preparar as bonecas e peguei um voo para Curitiba. A conexão de amizade, respeito e carinho nasceu imediatamente; fui para aquele lindo e mágico lugar no meio de montanhas.

Para minha surpresa, um amigo dela veio até minhas bonecas e era um ator global muito conhecido; ele ficou encantado com tudo que viu, fez sua compra e começamos a conversar em trio. Ele disse que morava ali e que ajudava a comunidade sempre que podia e o sonho dele era levar o artesanato para essas pessoas mais simples, e disse também que já tinha tentado fazer um trabalho voluntário ali sem muito sucesso. Ele perguntou se eu toparia voltar no próximo ano, entre o intervalo de uma novela e outra, onde ele estaria presente, e eu topei na hora. Disse outro sim.

Data marcada, peguei um voo e cheguei até a comunidade, eles já haviam reservado o salão da prefeitura, prepararam os lanches e cada um de nós três compramos materiais diversos e eu levei os projetos. Trinta pessoas se inscreveram, nunca vi um público tão grande, passamos o dia fazendo artesanato, foi um dia incrível! Os proprietários de uma linda pousada nos convidaram pra ir jantar e tomar banho de piscina aquecida à noite. A conversa, o bem querer, a realização foi um momento inesquecível, e lembro de me perguntar: como vim parar aqui???



Fonte: Acervo da autora

E eu lembrei dessa escada que sonhamos quando criança, essa escada que nos leva ao inimaginável, ao inesperado, ao sagrado; essa escada existe sim, bem perto de nós, bem dentro da gente, existe nos nossos pensamentos, na nossa comunhão com o divino, no nosso acreditar!

Você conta:

História contada por:

Carmem Lúcia Além Corrêa



Sou Pedagoga, formada pela universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Aquidauana e atualmente faço parte da equipe do Espaço Eco Pantaneiro e do Grupo de Estudos GEPIAT. Adoro contar histórias e fazer minhas amigas rirem, no trabalho ou em qualquer lugar, acredito que sorrir faz bem para a alma!

A história contada por mim aconteceu 16 anos atrás. Eu morava em um bairro tranquilo, na minha rua todo mundo se conhecia, minha casa era sem portão e sem muro dos lados e a casa ficava lá no fundo do terreno; não tinha fundo e era geminada com a casa que ficava nos fundos da minha vizinha que tinha 80 anos e morava sozinha e ela alugava. No dia do fato, estava em minha casa e estava de resguardo, pois minha bebê tinha dias de nascida e naquela noite eu iria ficar só, porque meu esposo foi viajar a trabalho e voltaria somente no outro dia. Para não ficar só, minha mãe foi dormir em minha casa; ela sabe que sou medrosa e seria difícil para mim.

Assim jantamos, assistimos TV e em seguida fomos dormir, mas por volta das duas da madrugada, ouço um barulho que me despertou; era como se alguém batesse na parede, arrastasse as coisas e ainda cochichava... era assustador! Eu levantei e já acordei minha mãe que logo me disse: E agora? Prontamente respondi assustada: "Meu Deus! Deve ser um ladrão, vamos chamar a polícia!". Então imediatamente liguei, relatei o fato e disse que eu estava sozinha com minha bebê e minha mãe e com muito medo e rapidamente a polícia chegou. A cena da chegada da polícia parecia filme de ação; no carro tinha muitos policiais, todos abriram a porta ao mesmo tempo e armados até os dentes. Sem pensar deixei minha filha com

minha mãe e fui ao encontro deles, na fé que estava salvando minha vizinha das mãos de terríveis ladrões. No primeiro momento, a casa foi cercada e alguns policiais entraram pelos fundos na intenção de surpreender o ladrão caso ele fugisse; eu ainda assustada acompanhei o policial que entrou pela frente da casa. Ele chamou pela vizinha dizendo que era a polícia e, por ser de idade, ela não ouviu. Fiquei assustada essa hora, sendo assim, o policial gritou e ela finalmente abriu a porta e desorientada perguntou: “O que está acontecendo?”. E prontamente lhe respondi: “A senhora está bem? Cadê os ladrões?”. E ela sem entender ficou sem ação; nesse momento percebi que algo estava errado e descobri que havia cometido um terrível engano. Ela disse que não eram ladrões e que o barulho que eu ouvi era dos novos inquilinos que haviam mudado naquela tarde, momento este que havia saído para ir no mercado. Envergonhada sem saber o que dizer, pedi desculpa aos policiais pelo engano e eles ficaram rindo da situação; hoje eu conto e dou risada, mas no dia fiquei tão sem jeito!

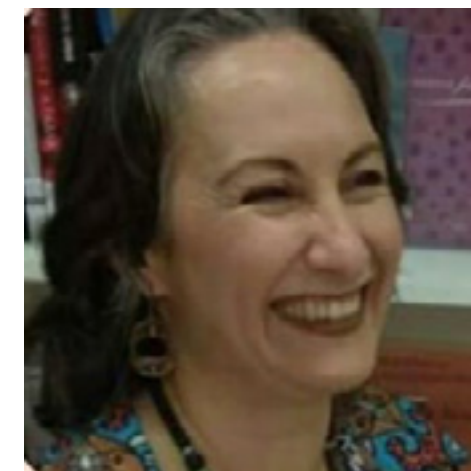
“Quero sempre poder ter um sorriso estampado em meu rosto, mesmo quando a situação não for muito alegre. E que esse meu sorriso consiga transmitir paz para os que estiverem ao meu redor”.

Mario Quintana

Você conta:

História contada por:

Tatiana De Conto



Gosto de ler e escrever desde menina. Graduei em Psicologia, fiz pós em Arte educação e mestrado em Comportamento social. Estudei teatro do Oprimido, Danças meditativas e venho inserindo a arte da palavra na minha prática como psicóloga educacional há 10 anos, pois ela me possibilita abordar temas difíceis de forma amorosa, assim me descobri uma Biblioterapeuta.

Este texto foi inspirado na benzedeira Ivani Caxias. Ela sempre me chamou a atenção por sua capacidade de doação a quem fosse e ela segue dentro de mim sendo um exemplo de amor, simplicidade e sabedoria. Aproveito este texto para homenagear todas as benzedeiros e ainda incluo algumas reflexões sobre o viver.

A BENZEDEIRA

O quintal varrido se abria em perfume das mangas no verão. Ao lado da casa, escorria água que se acomodava gentilmente no corpo de uma árvore seca. Aroeira, árvore forte, dura feito pedra.

Havia árvore para todos os lados, nos postes que cercavam as vacas, nos postes que seguravam a luz. Na casa, árvore seca, mas não morta. No tempo úmido apareciam mofos, madeira que já foi árvore está acostumada a ter moradores, formigas, lagartixas, ninhos de todas as espécies, a vida se reinventando e mutuamente se fazendo existir.

No quintal, também tinha árvore com corpo de gente. No tronco, pulsava um peito que enviava vida aos galhos e eles abraçavam a casa nas noites de ventania. Foi numa destas noites de tempestade que a alma do tronco se desprende em sonho e a sabedoria antepassada foi habitar outro corpo.

Maria morava sozinha na pequena casa, tinha nem sei quantos anos, às vezes fazia traquinagem como criança, noutras, era tão sábia como a grande mãe. Quando acordava respirava tão fundo que o ar entrava inundando o corpo com a energia do dia. Sim, cada dia tem uma potência diferente, ou acha que um dia de chuva é igual a um dia de sol? Ou um dia de medo é igual a um dia de alegria?

Cedo, antes do sol, fazia fogo com a árvore seca e colocava água para esquentar, e assim, a árvore queimando carvão, lembrava Maria a transitoriedade da vida e a eternidade da alma.

Não tardava se dirigir ao curral junto com a cachorra e chamava as bichinhas pelo nome: Malhada, Mimosa, Traquina, e uma a uma, com a amorosidade de uma mãe boa, entravam no curral e se deixavam tocar nos tetos para acordar o dia. Cada jorro de leite que tocava o balde era um raio de luz que se fazia no horizonte. E assim todos os pássaros, Maria e a cachorra, testemunhavam a magia do amanhecer.

Encantada em suas atividades diárias, antes de receber qualquer gente, ela se enchia de belezas miúdas: a flor que abre, o sorriso da cachorra, o barulho da água que corre, corre, corre. Este era seu maior segredo e trunfo, olhar para a singela abundância e não para a escassez. Assim, olhava a sua volta e fitava a árvore-gente que lhe havia transferido a sabedoria ancestral. Grata, em silêncio, diminuía os ruídos do mundo, pois sabia que era fundamental sentar dentro de si mesma para ouvir melhor. Era uma observadora, preparando-se para sua maior jornada.

Todos os dias, filas de gentes à procura de um bálsamo. Cada um trazia seu presente, um pé inchado, cobreiro na testa, impinge, olho gordo – aquela coisa que as pessoas põem na gente, inveja – era a clientela de maior procura. Criança nos braços, outros em cadeira de rodas, não tinha tempo às vezes, para um banho, porque sempre alguém a estava esperando. E ela se doava num sorriso grande,

pegava um pedaço de planta e começava a rezar, para cada mal uma reza diferente. Nunca consegui decifrar o que ela dizia, mas eu acho que cada gesto que fazia mandava raios de amor e ia assim curando, aquecendo o coração das pessoas pelo ouvido.

Quem não sabia ouvir ou não estava pronto, perdia o bálsamo das palavras de Maria, por pura tonteria. É que algumas pessoas têm a boca na cabeça e uma cabeça que fala o tempo todo não deixa prestar atenção em nada, e quem está com a cabeça num lugar e o corpo no outro, pode se machucar. Esse era outro mistério dela, estar entregue ao instante que vivia, via, ouvia e sentia. O futuro pode mudar muito se você estiver presente, dizia ela ao pé do ouvido.

Era emocionante ver a capacidade, disponibilidade e amor que doava a quem fosse, na hora que fosse. Afinal, sabia o poder que gera a doação e a gratidão.

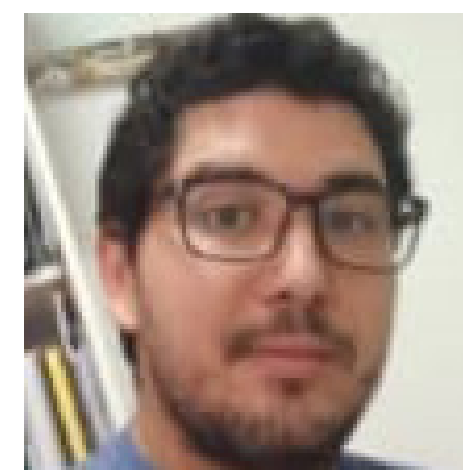
A velha sábia tinha uma alegria e confiança abissal na vida, sabia da importância de nutrir os olhos e o coração com singelezas. Sabia também que estar inteira, entregue ao instante e ser observadora de si mesma era o que lhe garantia não se misturar às dores alheias. Afinal, cada um cria sua alegria e tristeza conforme onde destina sua energia e pensamento.

Até hoje, no final da rua de terra, naquele lindo quintal varrido, cheio de árvores que nunca morrem, mas se transformam, está uma fila de gente em busca de um chá, uma erva, um conselho. Eu vou lá de vez em quando para lhe abraçar e assim acredito estar abraçando o próprio universo.

Você conta:

História contada por:

Fabio Augusto Zeferino Ramiro



Tocado pela arte

Me chamo Fábio, sou psicólogo e arteterapeuta. Vivo em Campo Grande/MS e minha inspiração para a história vem do meu encontro com a arte.

Quando eu tinha 13 anos, tive meu primeiro contato com a arte, enquanto potencializadora do ser humano. Na época, nunca havia feito curso ou aulas de arte além das aplicadas na escola. Uma amiga disse sobre uma aula de pintura com um professor muito bom; fiquei curioso quando ela se referiu ao curso como terapêutico. Me matriculei neste curso em fevereiro de 2003.

Logo no primeiro dia, fiquei encantado com o ateliê com as diversas expressões artísticas nas paredes, o cheiro e as cores das tintas. Fui imediatamente reconhecendo aquele lugar como algo diferente dos



outros; uma mágica proporcionada pela arte, onde poderia me expressar por completo, me sentindo acolhido por todo aquele processo artístico e material.

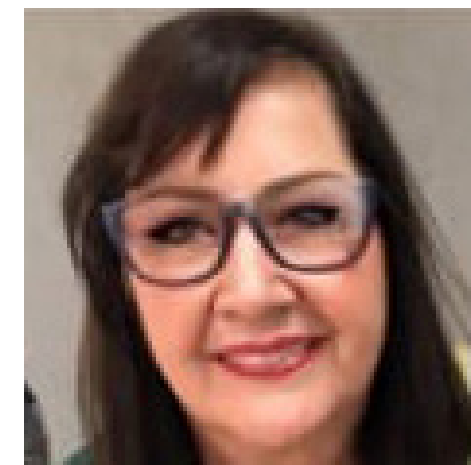
O ateliê passou a ser um local sagrado em que as missas eram rezadas pelos grandes mestres das artes. Foi a primeira experiência que tive com a arte enquanto a possibilidade de transformação e seus efeitos terapêuticos, consegui me autoconhecer e organizar meus pensamentos, o que acabou refletindo para outros aspectos

da minha vida; este é o poder da arte para mim, integrar o ser humano e aflorar suas potencialidades, nos colocar em contato com a história e permitir a nossa transformação em humanos mais completos. Guardei minha primeira tela como lembrança deste momento em que fui tocado pela arte.

Você conta:

História contada por:

Paula Lucia Bonfily Nocera



Duas fortes emoções antagônicas, porém, interligadas.

Meu nome é Paula. Nasci há 66 anos em São Paulo, onde completei o curso de Bacharelado em Estatística na USP.

Com 21 anos, estava casada e iniciei a pós-graduação e mestrado na mesma universidade com intenção de ser professora. Meu marido, que trabalhava como engenheiro, resolveu deixar o emprego para formar uma fazenda de propriedade de seu pai, numa área próxima à Aquidauana, em Mato Grosso do Sul. Desta forma, decidi acompanhá-lo e deixar minha carreira acadêmica.

Mudamo-nos para Campo Grande, para facilitar as idas e vindas da cidade para a fazenda. Foi uma grande transformação para ambos e, durante um período de 10 anos, vivíamos em função de trabalho, sem pensar em filhos.

Com a idade de aproximadamente 32 anos, achei que seria a hora de ter um bebê, mas não aconteceu. Fiz vários exames e tratamentos, mas só consegui engravidar uma vez, sendo que com menos de seis semanas de gravidez sofri um aborto espontâneo. Até fiz uma tentativa de inseminação artificial, em Ribeirão Preto (SP), mas não quis prosseguir com as tentativas, desistindo do sonho de ser mãe.

Minha sogra sugeriu que adotasse uma menina e meu pai também me dizia para adotar, mas meu marido não aceitava muito bem a ideia. Entretanto, dizia que, se eu quisesse, aceitaria.

Por um tempo não se falou mais no assunto. Minha cunhada, que também não conseguia engravidar, entrou para uma lista de adoção e insistiu para que eu fizesse o mesmo. O meu marido continuava

rechaçando a ideia, dizia: “você que sabe, quem cuida é a mãe”. Sem o apoio dele, mais uma vez percebi que não me tornaria mãe.

Foi então que, em fevereiro de 1995, recebi a pior notícia de minha vida. Estava na academia de minha grande amiga, fazendo hidroginástica, quando ela vem me avisar que meu pai havia sido baleado durante um assalto em São Paulo. Pelo tom já percebi a gravidade: liguei para vários telefones em busca de mais notícias, mas não responderam – não havia celular naquele tempo.

Foi tudo muito rápido. Peguei o primeiro avião disponível e cheguei a tempo do velório e enterro. Minha mãe estava desolada e perdida. Ela havia almoçado com meu pai naquele dia e mais tarde, durante uma tentativa de assalto, seu marido levava dois tiros à queima roupa e não resistira.

Amava muito meu pai, uma pessoa amorosa e dedicada à família. Fiquei quase dois meses em São Paulo depois do ocorrido, dando suporte para a minha irmã e mãe. Nesse período, recebi um telefonema de minha cunhada de Campo Grande. Ela dizia que um bebê havia sido abandonado na maternidade Cândido Mariano e que eu podia adotá-lo. Num rompante, decidi viajar até o menino e no outro dia estava falando com o diretor da maternidade. Ele dizia ser urgente a minha decisão, pois o bebê estava sem alimentação havia três dias – só havia ingerido chá e necessitava de leite.

Duas amigas foram me apoiar. Olhamos a criança, um menino magrinho, não chorava, apenas nos olhava. Uma delas levantou a hipótese de ele ser portador do vírus HIV – naquela época, era uma preocupação muito grande, pois não havia sobrevivência para esta doença. O diretor respondeu que eu deveria fazer o exame de sangue e, caso desse positivo, poderia devolver o bebê. Eu ficaria com a guarda temporária até que completasse o processo de adoção.

Minha cabeça rodava, não conseguia decidir, meu marido estava na fazenda e não havia comunicação imediata naquela época. A

decisão veio quando uma enfermeira trouxe um papel com a foto e o nome da mãe da criança: ela tinha o mesmo sobrenome da minha avó, mãe do meu pai que falecera recentemente. Pareceu o aviso que precisava para tomar a decisão.

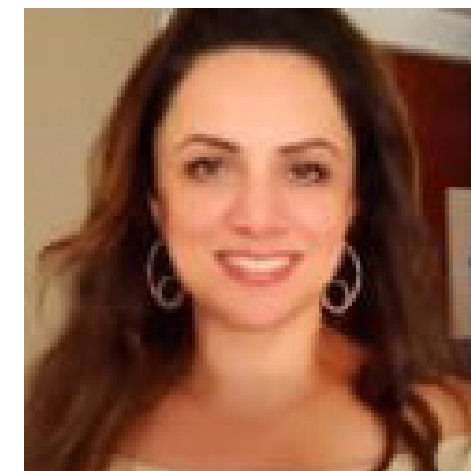
Decidi ser a mãe daquele menino. Comprei o necessário: leite, mamadeira, fraldas, algumas roupinhas e levei para casa o meu filho C.H.B.N. – dei a ele o nome do meu pai. Conseguí falar com meu marido por telefone rural avisando que agora ele era pai. Imagino o nó que deu na cabeça dele!

Naquela noite, de 10 de abril de 1995, preparei a mamadeira e levei o K1 (apelido que o pai escolhera) para meu quarto. Estava sozinha em casa e precisava alimentá-lo. Aconcheguei meu filho em meus braços e assim o fiz: ele mamou os 30 ml. recomendados de uma só vez – imagine a fome que estava! Dei mais um pouquinho e coloquei o pequeno bebê saciado no meu peito, coração com coração. Foi a maior emoção da minha vida!

Você conta:

História contada por:

Juliana Moreno Cavalheiro



Quero contar uma parte importante da minha história. A história de como me tornei professora.

Imagine uma pintura de uma paisagem. Nessa pintura, há vários planos. Nos primeiros planos da pintura, podemos ver árvores com tons de verdes exuberantes, flores de todas as cores, um riacho límpido e estreito, compondo outros planos, e as montanhas, no último plano, preenchendo o fundo da paisagem. As cores, esmaecidas ao fundo da cena, podem ser comparadas ao passado, onde memórias fragmentadas emergem lentamente. Aos poucos, o olhar viaja pela paisagem enxergando além das montanhas, além do cinza azulado.

Eu era uma menina curiosa, sempre muito introvertida, que adorava desenhar. Que eu me lembre, eu desenho desde que aprendi a segurar um lápis.

Meu nome é Juliana Moreno Cavalheiro e quero contar essa parte da minha história. A parte que está lá, depois das montanhas. Uma parte difícil, porém, muito importante da minha história. Ela está lá no fundo da paisagem, com tons azulados e cinzas esmaecidos, dando profundidade à cena, revelando um passado distante, um pouco apagado, mas que faz diferença na paisagem.

Na minha infância não tive acesso a livros. Meu pai tinha dois ou três gibis Tex, aqueles gibis com histórias sobre o velho oeste, todo em preto e branco. E tínhamos uma Bíblia Sagrada bem grande, toda ilustrada, com desenhos que pareciam fotografias, de tão perfeitos que eram. Eu ficava encantada com as ilustrações da Bíblia e com as dos Gibis. Dois objetos tão diferentes em sua

temática, essência e estética. Eu ficava olhando e admirando como alguém tinha conseguido desenhar daquele jeito.

Minha família era muito pobre. Meu pai e minha mãe tinham pouca instrução. Meu pai havia estudado até a 4ª série. Minha mãe até a 7ª série.

Meu pai era carpinteiro e ganhava pouco para sustentar uma esposa, dona de casa e mãe e três filhos. E para agravar a situação, ele sofria com o alcoolismo e nos fazia sofrer também. A bebida o deixava violento e frequentemente sem trabalho, por ser genioso e ter uma personalidade difícil de lidar. Constantemente ele perdia o trabalho e passávamos necessidade.



Os anos se passaram e eu entrei na adolescência. Continuava tímida e um pouco mais insegura, mas era sempre estudiosa. Eu sempre morei no mesmo bairro, na cidade de Ponta Porã, interior de Mato Grosso do Sul, fronteira com o Paraguai. A vida toda estudei em escola pública e até os meus 14 anos, eu estudava em uma escola que ficava no bairro onde morava. Quando concluí o ensino fundamental II, antiga oitava série, aconteceu algo que normalmente não acontece na maior parte das famílias. É normal que os pais se sintam orgulhosos quando seus filhos demonstram vontade de estudar. Na minha família foi o contrário!

No bairro onde eu morava não havia escola de ensino médio. Apenas no centro da cidade. Eu tinha duas opções: fazer um ensino médio tradicional, antigo científico, ou fazer o Magistério, antigo curso normal, que tinha duração de 4 anos e era profissionalizante. Optei pelo segundo, por ser um curso diurno e pela necessidade de trabalhar.

Porém, quando meu pai soube que eu teria que estudar no centro da cidade, disse que eu iria parar de estudar, pois não queria que eu pegasse o ônibus e fosse sozinha para escola. Ele era rígido e conservador e sua maior preocupação era que eu engravidasse antes do casamento. Bem, eu com 14 anos dei meu primeiro beijo e só. Era uma menina muito tranquila em relação a isso.

Diante da discordância dele em me deixar estudar longe de casa (embora fosse na mesma cidade), eu insisti que queria estudar e bati o pé. Depois de muitas discussões e com o apoio da minha mãe e da minha tia, que era irmã do meu pai, eu consegui convencê-lo a me deixar estudar.

Então, fui fazer o magistério, que me prepararia para uma profissão. Com muita dificuldade financeira e psicológica, em razão das confusões causadas pelo meu pai alcoólatra, consegui chegar ao 3º ano do curso.

Na maior parte dos cursos, sejam eles de nível médio ou superior, é natural que, nos últimos anos, a quantidade de alunos diminua. Com a redução do número de alunos, a direção da escola decidiu transferir o último ano do curso para o período noturno.

Mais uma vez, meu pai quis me impedir de concluir o curso, alegando que eu não iria estudar à noite pelo fato de ser nova e de ele considerar errado moças de família andarem sozinhas à noite. Mais uma vez, conversei com minha mãe, minha tia e agora a diretora da escola. Todas nós nos unimos (está aí a sororidade feminina) e depois de muita conversa e discussões, conseguimos convencê-lo a me deixar concluir o curso no período noturno.

Eu tinha acabado de fazer 18 anos quando me formei professora. Tendo trabalhado no último ano do magistério como auxiliar na educação infantil e conseguido uma sala de aula como regente, decidi prosseguir com os meus estudos ingressando no curso de Pedagogia. Meu salário de professora era para ajudar nas despesas da família e pagar a faculdade. Não sobrava dinheiro para roupas, calçados ou diversão.

O último ano de Pedagogia foi o mais difícil de todos, pois eu trabalhava o dia todo e estudava à noite. Comia pouco, dormia pouco, ganhava pouco...

Certa vez, antes de sair de casa, em meio a mais uma das centenas de brigas e discussões, meu pai, tomado pela bebida, disse que eu era uma professorinha de m***. Essa fala nunca saiu da minha cabeça. Ela ainda ecoa na minha memória. Mas por mais pesada que ela tenha sido, não me fez desistir. Pelo contrário, me fez querer mais, me esforçar e crescer como pessoa e profissional e ser uma boa professora. E provavelmente, lá no fundo da alma, eu quisesse, mais uma vez, fazer o contrário do que ele esperava de mim. Isso mesmo, sou do contra. Ainda bem!

Meu pai foi o grande exemplo daquilo que eu não queria para mim: a falta de perspectiva. Aprendi muito com os erros dele. Aprendi a buscar e conquistar aquilo que ele não me deu. Aprendi que sonhar com uma vida melhor e lutar por ela tem um sabor muito melhor. Não guardo mágoas dele, que faleceu em 2016. Só sinto muito por ele não ter recebido ajuda psiquiátrica para tratar seu alcoolismo e, provavelmente, seu transtorno de Borderline. Sinto também por ele não ter valorizado a educação como eu valorizei e valorizo. Certamente teria sido mais fácil se ele tivesse me apoiado.

Às vezes é preciso nadar contra a correnteza, reconhecer o que é bom e confiar nos próprios instintos. As dificuldades financeiras e a falta de apoio do meu pai foram as molas que me impulsionaram. Sonhar com uma vida diferente também. E assim me tornei professora. Eu não escolhi o magistério, mas ele me escolheu. Alguns anos depois, me aventurei em outra profissão, após aprovação em um concurso público. Porém, tudo aconteceu para que eu voltasse para a sala de aula. Até que me dei conta de que nasci para ser professora. Dessa vez, eu escolheria o magistério, mas agora por amor.

Além do curso de Pedagogia, muitos anos depois ingressei no curso de Artes Visuais na UFMS. Hoje em dia, sou professora de Arte em

três escolas, duas municipais e uma Estadual. Estou concluindo o Mestrado em Educação e fazendo uma Especialização em Arteterapia. O conhecimento científico e artístico me fascina e transmitir esses conhecimentos é extremamente empolgante e prazeroso.

Agora, as montanhas esmaecidas estão longe, em um passado distante. O barulhinho do riacho acalma a alma e o colorido das flores enfeita meu presente, que me apresenta um futuro melhor, repleto de realizações e aprendizados. Visitar o passado me faz enxergar que é preciso sonhar e batalhar por um futuro bom, que é preciso ter perspectivas e é preciso transpor barreiras, com coragem, persistência, dedicação e fé em si mesmo.

Você conta:

História contada por:

Denise Silva



Nasci numa comunidade rural localizada ao lado da terra indígena de Cachoeirinha, no município de Miranda/MS; estudei em sala multisseriada até a 4ª série do ensino fundamental. Nas séries finais do ensino fundamental, fui colega de turma de muitos indígenas. Desde criança era fascinada pela língua e pela cultura do povo Terena.

Ao concluir o magistério, atuei como professora alfabetizadora de uma escola municipal que atendia a população ribeirinha do município de Miranda. Esse foi o meu primeiro contato com os pescadores. Nesse mesmo ano, fui aprovada no vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para o curso de Pedagogia. Ainda na graduação tive um colega terena, ficamos amigos e passei a me interessar pela educação indígena, principalmente após conhecer um pouco mais da realidade dessas escolas.

Após terminar a graduação, voltei para Miranda onde atuei como coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação. Nesse período, foram criadas as escolas indígenas.

Ao acompanhar a implantação das escolas indígenas, passei a questionar o que era uma escola indígena, visto que o que presenciava era um prédio localizado em área indígena, com professores não indígenas e sem um projeto político pedagógico específico. Na mesma época passei a atuar como orientadora do curso de pedagogia e acompanhei diretamente os professores indígenas matriculados no curso. Alguns deles tinham sido meus colegas de sala no ensino fundamental e constatei o quanto vivemos num mundo desigual onde nem todos têm as mesmas oportunidades.

A maior angústia deles, que também se tornou minha, era a ausência de um trabalho com a língua materna na escola. Como eu já tinha desenvolvido uma pesquisa de iniciação científica baseada no trabalho com a oralidade, comecei a questionar o modelo imposto pela secretaria de educação e a ouvir a angústia da comunidade diante da perda linguística que pude acompanhar durante esses anos.

Decidi que iria estudar a língua e compreendê-la, para então ajudar os professores na implantação dessa escola diferenciada. Comecei a peregrinação pelos programas de educação dispostos a discutir o ensino da língua e fui aprovada nos programas de Mestrado em Educação de três universidades.

Muitas vezes pensei em desistir, mas quando ia para campo (aldeia) e via a alegria dos professores em saber que eu estava estudando a língua deles, me motivava a continuar.

Embora os professores indígenas estivessem felizes que eu entendia um pouco da língua e podia ajudá-los a refletir sobre ela, percebia que eles queriam algo mais concreto e que pudesse contribuir com as escolas indígenas. Foi aí que em 2009 iniciei o doutorado na UNESP de Araraquara com uma proposta de dicionário para a língua terena.

Em 2011, optei por mudar para Miranda para conviver com os terenas e aprender sua língua e elaborar junto com eles o dicionário que fazia parte da minha tese. E assim fizemos: compilamos um banco de dados de mais de 5 mil verbetes em terena-português, discutimos a estrutura de verbete, transcrição fonética e fonológica e a mudança sonora em curso. Devido à proximidade com a realidade das escolas indígenas, começamos a sentir a necessidade de materiais didáticos específicos, de cursos de formação continuada de professores e, buscando atender essa demanda, fundamos o Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural – IPEDI.

O primeiro projeto desenvolvido pelo IPEDI foi um curso de formação continuada de professores para o ensino da Língua e da Arte Terena. Esse curso resultou no primeiro livro didático para a língua terena. Esse material ganhou o prêmio de Tecnologia Social da Fundação Banco do Brasil e com o recurso iniciamos a produção de um material similar para a Educação Infantil.

Em 2013, iniciei o Pós-doutorado em Linguística na UNESP com projeto enfocando as etnociências e suas relações com a língua e a escola.

Em 2015, participei da comissão que elaborou o projeto da Pós-graduação *lato sensu* em língua terena ofertado pela UEMS e em dezembro fui aprovada na seleção para docente do curso de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu da UFGD.

Em 2016, assumi a presidência do IPEDI, continuamos trabalhando com projetos educacionais e culturais nas aldeias de Miranda e passamos a oferecer um projeto de alfabetização de pescadores, pois o município possui um índice altíssimo de analfabetos, sendo quase 15% da população analfabeta (porcentagem maior que a média brasileira e da América Latina). As atividades repercutiram e ganhamos visibilidade nacional, recebemos prêmio do Ministério da Cultura, da Natura, da Fundação Banco do Brasil, do IPHAN e ampliamos as ações desenvolvendo projetos de leitura, música, produção e comercialização de artesanato, produção de material didático e principalmente passamos a atuar na formação de lideranças locais nas comunidades tradicionais do Pantanal (indígenas, rurais e ribeirinhos).

No final de 2019, optei por solicitar o meu desligamento da Fundação Bradesco para me dedicar aos trabalhos com as comunidades tradicionais do Pantanal, em especial nas ações voltadas para a salvaguarda do patrimônio cultural material e imaterial desses povos, em especial, os povos Terena e Kadwéu que passam por um acelerado processo de perda linguística e cultural.

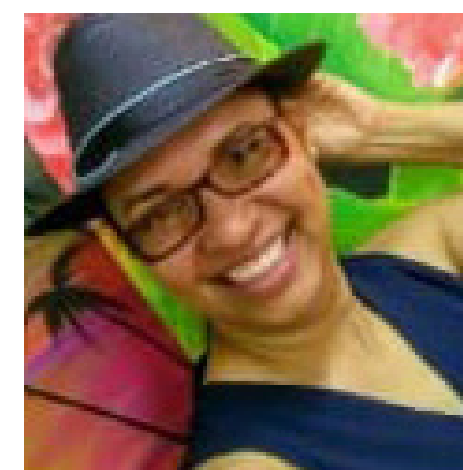
Estar numa comunidade tradicional é uma oportunidade de aprendizado para a vida, e posso dizer sem medo que muito do que sou devo a essas pessoas que me acolheram com amor, com respeito, que acreditaram nos meus sonhos, que compartilharam comigo seus sonhos e suas dores e que hoje caminhamos juntos, construindo um mundo mais bonito que nossos corações sabem ser possível.

O filósofo Charles Einstein aponta que estamos na era do interser e o filme Avatar tem uma cena clássica em que a protagonista diz “eu vejo você”. Para mim, não há título ou prêmio maior do que olhar nos olhos de um indígena e de um pescador e me ver neles e ver eles em mim, olhar para trás e ver que aquela menina da zona rural conquistou seus sonhos e teve o privilégio de voltar junto aos seus para conquistar sonhos coletivos... que apesar dos títulos acadêmicos que pude obter ao longo da minha formação, para mim o mais importante é a relação construída com as comunidades. Nossa história está sendo materializada nos alunos que formei, nos registros que fizemos, nos sonhos que compartilhamos, nas dores que sentimos, nos caminhos que estamos percorrendo de mãos dadas... E é assim que, mesmo em tempos difíceis, seguimos desenvolvendo ações que fomentem políticas linguísticas que auxiliem as comunidades tradicionais do Pantanal na salvaguarda do seu patrimônio cultural material e imaterial.

Você conta:

História contada por:

Mareide Lopes de Arruda



E m o ç ã o é a palavra que me inspira, sustenta, move e me define.

Narrarei minha história utilizando para representar cada final de ciclo uma coroa. Serão quatro ciclos aqui representados, entendendo que “[...] o dilema só se resolve quando percebemos que não há texto perfeito, nem definitivo, quando sentimos, na nossa escrita, que temos algo importante e significativo para partilhar com os outros” (NÓVOA, 2014, p. 17).

Antes de qualquer título o que me compõe é o Ser Humano. Narrar minha história não é nada simples, devido à diversidade de seres que me constituem, todos imbricados numa composição singular, sem mistérios, porém apaixonado por minúcias.

Quando menina, viajava pelos palácios e florestas encantadas, por meio das ondas do rádio do “Seo” Garcia, ao meio dia dos domingos. Não tinha livros infantis, mas isso não era empecilho para ver o belíssimo vestido de Alice, da Branca de Neve e da Cinderela. Cantar as músicas de João e Maria e dar as gargalhadas da bruxa. Ah! Inesquecível! E foi esse encantamento que me alfabetizou, somado à regência singela e cândida da tia Eloina, normalista do Jango de Castro, que me ensinou a pegar no lápis. Para esse período trago como símbolo a coroa de rosas brancas, cálidas, serena.

Meu trajeto para a escola era feito na garupa da bicicleta roxa do meu pai que, dos 7 aos 8 anos de idade, me ensinou o caminho e como caminhar de casa até o castelo da escola pública nominada Cejar, onde descobri labirintos de cimento, que me acolheram, e me mostraram a cor real dos vestidos de Alice e das demais princesas, bem como as garras afiadas do príncipe real, desencantado, fazendo de minha adolescência um grande aprendizado. Nessa

escola usávamos saia de tergal azul marinho com pregas macho, que desciam até os joelhos. A camisa de tergal branco trazia no lado esquerdo do peito um bolso com brasão daquele “colégio” na cor laranja. As meias eram estonteantemente brancas e iam até os joelhos, coberta nos pés por um lustroso kichute preto, enquanto os cabelos eram estilo “Joãozinho”.

Nessa escola vivi dos 7 aos 15 anos. Lá os recreios eram mesclados por brincadeiras de Pique bandeira, Barra manteiga, Pegador, Amarelinha, Roda, Turito, Passará, Corda, Passa anel, etc. Ah, que tempo bom! Para esse período trago a coroa de rosas cor de rosa e outras nuances do amarelo, rosa e laranja, suaves, ingênuas.

O magistério foi o berço da docência, onde descobri que me importava muito com o outro, com os seus pensamentos, com a criança, com o processo de ensinar. Porém, se pudesse ter optado à época, meu desejo era desvendar o comportamento humano, ser psicóloga, curso disponível em período integral, na cidade de Corumbá, cuja manutenção era impossível naquele tempo.

Da turma de 35 alunos fui a primeira a passar no vestibular em 1985. E na faculdade – CUA/UFMS, conheci o porquê das entrelinhas e comecei a ampliar minhas viagens com as metáforas. Esse período me ensinou que nada é para sempre e meu sorriso entristeceu com o final da jornada do meu único irmão, nesse plano, aos 23 anos. Aqui o divino foi questionado e passei a desmistificar a verdade. Para essa fase trago a coroa de cipó verde musgo, entrelaçada por arame prata fino.

O tempo se estendeu, e num decurso fiquei à espreita aprendendo a ser mãe, filha, neta e docente.

No mestrado, desmistificando verdades, aos 49 anos, encontrei-me senhora de mim, do meu destino, forte, potente, sem, porém, deixar de sonhar e fazer crianças sonharem e acreditarem nas fadas, no coelho da Alice, nos encantos de Emília e suas travessuras reconfortantes.

Nessa fase conheci os limites do corpo, o que é pensar e o cérebro não comandar a marcha, falar e ninguém entender o que foi dito. Aprendi a parar, respirar e dar um novo ritmo e um novo tom às narrativas interrompidas ou descartadas desde a infância. Passei a olhar melhor para os infantes e jovens que, como nós acreditam e fazem a Educação, ou seja, compreendi que o “saber da experiência se dá na relação entre conhecimento e vida humana” (LARROSA, 2014, p. 30).

Reeducar-me foi preciso!

Nova missão me foi dada e o divino agradecido!

Hoje, com toda certeza, acredito que precisamos, assim como Alice, sair do buraco quando a ação do externo suscitar nossa ação, e para o buraco voltar quando for preciso resgatar o belo que há ou restou no mais profundo de nosso ser, resgatando o encantamento que trará a luz, a vida para nós e àqueles que de nós precisarem. Tudo com esperança e emoção! Para essa fase trago a coroa de cobre com gota de cristal.

Encante-se! Encante-me! Vivamos a paz em paz!



Referências

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

NÓVOA, A. Carta a um jovem investigador em Educação. **Conferência de abertura do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação**. Vila Rica, 2014.

Você conta:

História contada por:

Maria Suelí Periotto



Sou a professora Maria Suelí Periotto, responsável pelas escolas da rede de ensino da Legião da Boa Vontade (LBV), nas quais seguimos as diretrizes da pedagogia criada pelo fundador das nossas escolas, José de Paiva Netto, desdobrada nas nomenclaturas de *Pedagogia do Afeto* (para as crianças até os 10 anos de idade) e *Pedagogia do Cidadão Ecumênico* (a partir dos 11 anos de idade). Na aplicabilidade dos conceitos desta linha educacional, nasceu uma metodologia criada pelos professores, formada de 6 etapas, que utilizamos nos planejamentos de nossas aulas, com o nome de MAPREI (Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional, Emocional e Intuitiva).

Atuo na gestão da unidade de São Paulo, que tem aproximadamente 1.500 alunos durante o dia (do Berçário (4 meses) ao Ensino Médio); de noite, otimizamos as salas de aula para uso de jovens e adultos com a EJA-Educação de Jovens e Adultos. Ainda continuo ativa na docência, com alunos da 3ª série do Ensino Médio, na disciplina de Convivência, que aborda assuntos da atualidade. A sala de aula sempre me trouxe encantamento, gosto demais do contato com os estudantes. Tenho me inspirado na abordagem do educador Paiva Netto de que devemos oferecer conteúdo pedagógico de excelência a crianças, adolescentes, jovens e adultos que vivem em situação de vulnerabilidade social, porque é preciso acreditar no potencial interior de cada um deles; isso os ajudará a resistir aos desafios (enfrentados, em enfrentamento e os que virão) e que a Educação é determinante para vencerem suas condições materiais de carência. Destaquei este trecho do subtítulo “Óleo do sentimento”, no qual o autor nos provoca a cuidar do sentimento e do intelecto, observando cada um de nossos estudantes como

seres integrais, que merecem receber oportunidade de expandir sua inteligência:

Reclama-se bastante da violência nas escolas, mas, se o estudante vai para lá aprender a expandir o próprio raciocínio com o intuito de absorver as lições necessárias à sua formação técnica, paralelamente — sem nunca esquecer o espírito de disciplina — o cuidar melhor possível do sentimento deve ser levado na devida consideração. O afeto para as crianças e o respeito aos jovens são semelhantes a uma máquina funcionando: em uma parte das rodas dentadas, a mente, a lógica; em outra, a Alma, o sentir, que nos impede de nos tornar cada vez mais selvagens! Ora, os dentes da roda vão se encontrando e fazendo o mecanismo girar. Contudo, se você não põe nessa engrenagem, o óleo da Fraternidade, da Solidariedade, da Generosidade, da Misericórdia, da Compaixão, tudo grimpá, trava, cria ferrugem e entra em falência! (PAIVA NETTO, 2010, p. 91).

Acredito muito neste óleo do sentimento! E me empolgo com um ambiente escolar que incentive os alunos a serem falantes e se sentirem à vontade para verbalizar seus pensamentos, com liberdade de expressar o que acham de quaisquer temáticas, mantendo sua timidez (se existente) ou cultivando seu jeito mais expansivo de ser, mas que não se cale! Por isso, temos um trato entre os nossos professores de estarmos atentos a algum sinal de apatia, tristeza ou desmotivação dos educandos, observando e acolhendo-os; sempre os motivando a não se calarem e nem se intimidarem.

Quando a querida Ana Lúcia me convidou para o “Eu conto, você conta”, achei lindo este incentivo dela em nos chamar para falar, para *contarmos coisas...* Que lindo um espaço para *ouvir o outro*, com atenção... E, do nada, voltei no tempo (uns 15 anos ou mais) e lembrei de um aluno de uma de minhas turmas, que num dia de apresentação de trabalho relutava em falar. Ele havia feito o trabalho, mas achou que fugiu um pouco ao tema. De fato, fugiu um pouco, mesmo... mas, ele fez o trabalho! Só que numa perspectiva

diferente da que eu havia orientado. Fui tentando convencê-lo a apresentar, mas ele me explicou que eu havia pedido uma pesquisa sobre “o diabetes infanto juvenil e seus perigos para o jovem” e que se empolgou quando leu sobre a maneira como os laboratórios detectavam os diabéticos nos anos 1950. Pedi que ele me contasse e ele ficou mais animado, por perceber que a professora não sabia algo que ele sabia... Ele ganhou coragem e começou a apresentar aos colegas sua pesquisa, relatando que os laboratórios – naquela época antiga – descobriam que alguém era diabético porque os exames eram realizados nos quintais onde se situavam, nos quais havia grandes formigueiros: colhiam uma amostra de urina dos pacientes, colocam a uma distância “x” do formigueiro, esperavam por um tempo estabelecido e, findo este tempo, pelo número de formigas que ficavam na urina, era possível ter a certeza da existência da doença nos que estavam sendo analisados. E surgiram expressões de surpresa, olhos de aprovação pela novidade, e ele ficou muito feliz por ter feito sua apresentação. Seus olhos brilharam pela aprovação da plateia! E este meu aluno passou a querer pesquisar sempre além do que eu e outros professores pedíamos.

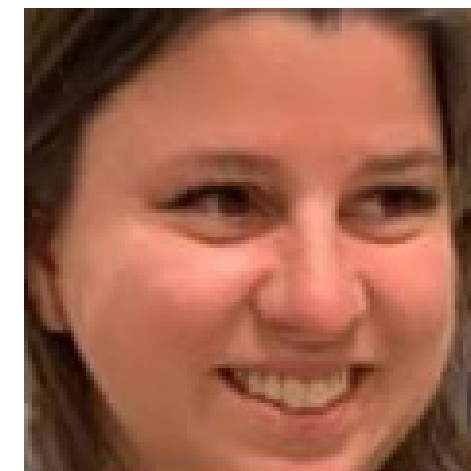
Até hoje, penso se ele teria ficado frustrado ou receoso de novas apresentações, caso eu não tivesse insistido para ele expor sua pesquisa... Sim, insistamos que nossos alunos, irmãos, professores, amigos ou cônjuges falem. Mesmo que não seja o que estivermos perguntando, falar fará bem a eles, pela permissão de terem seus pensamentos compartilhados. E saibamos ouvir, mesmo que não seja o momento, o assunto ou quem queiramos escutar. Deixemos as pessoas *contarem*... E falemos, também, mesmo quando pareça que o que vamos falar é simples ou não tão interessante. Quem nos ouve poderá criar coragem para falar com um outro, que se motivará a falar com um outro, que *contará* e ouvirá *novos contos*!

Querida Ana Lúcia, eu *contei*, porque **você** me convidou a *contar*, porque você *contou* antes e despejou em mim **o óleo do sentimento**! Beijos, querida amiga! Continue contando e ouvindo contos!

Você conta:

História contada por:

Daniela Emmerich de Souza Mossini Miskulin



Aventuras no Canadá

Minha jornada no Canadá completa quase 2 anos. Viver em Ontario é um sonho. Gostaria de relatar um pouco da nossa jornada e convidar vocês para fazer suas pesquisas aqui.

Minha primeira visita técnica internacional foi em Portugal com Rafael na barriga. Ao fazer meu doutorado sanduíche na Universidade do Minho em Braga (2008-2009) tive a oportunidade de conhecer a vida de um estudante internacional. Embarquei grávida de Rafael e desembarquei grávida de Gabriel.

Portugal foi uma experiência marcante porque nossa família começou lá. Apesar de termos passaporte Europeu, não houve um dia sequer que me sentisse fazendo parte daquela comunidade. Que interessante a mesma língua, mas ainda assim brasileiros não são brasileiros, são nossas ex-colônias.

A decisão de imigrar foi tomada no dia em que nos casamos em 2008. Mas foi só em 2016, após visitar o Canadá junto com a colega de PUC Rachel Braun, que escolhemos o Canadá. Dez anos depois de tomar a decisão de ir embora... cheguei em Toronto (2018) com meu filho Rafael agora com 10 anos.

Chegar em Toronto no meio do inverno é uma aventura divertida. Rafael foi para escola Católica Saint Bonaventure fazer seus 5 anos. As escolas públicas em Toronto podem ser católicas ou não. A educação é bilíngue em todo o país, mas os pais escolhem a língua de instrução (inglês ou francês) e a língua de aprofundamento.

Em julho de 2019, meu marido chegou com Isabel e Gabriel, como as crianças têm *special needs*, foram para classes especiais em escolas regulares. A inclusão é um projeto criterioso e em execução.

No Canadá, mais de 50% da população é estrangeira e em Toronto esse número chega a quase 60%. O que significa que estamos numa comunidade plural, multicultural, multilíngue, diversa, moderna, dinâmica, polivalente, resiliente, inclusiva e democrática.

Uma cidade de 3,5 milhões de habitantes que falam muitas línguas, mas onde todos entendem o inglês.

O inglês aqui falado é Americano e o escrito é o Britânico. Isso é bem complicado às vezes. Nunca sabemos se temos que concordar com a Rainha ou com o Trump. Isso vale também para unidades de medida como kg, pounds, feets, milhas enfim... bem dinâmico isso.

E um país multicultural, social democrático e muito acolhedor, muito parecido com o Brasil em alguns aspectos.

A Educação pública e integral das 8h30 às 15h, mas a jornada de trabalho vai até as 17h.

Compartilho com vocês o texto da Catariana que bem descreve como Ontario melhorou seus índices de desenvolvimento educacional.

Contem comigo para ajudar a programar a visita de vocês por aqui seja como pesquisadores ou turistas.

A vida aqui é um sonho geladinho... saúde, segurança e educação para você trabalhar tranquilo...

Você conta:

História contada por:

Lara Scalise



Eu me vejo em mim

A convite do Espaço Eco pantaneiro, voltei aos meus 12 anos e depois de 36 anos me reconheci em mim mesma. Percebi que ainda carrego a mesma alegria, coragem e esperança, nos meus apenas 12 anos. Relembrei um livro solicitado pela minha escola quando cursava a então 6ª série daquela época, em que fui solicitada a escrever a história da minha vida. Sei que guardei esse caderno por 36 anos até aqui, e hoje me vi recordando minhas “Alegres Recordações”. Sou saudosista ao extremo e essa viagem ao passado trouxe muitas lembranças. Hoje com 48 anos, vejo-me em mim, ao reler minha história. O coração aperta, a emoção reverbera uma saudade dos momentos vividos. Saudade que, entre tantas, há lembrança do poema infantil de Luiz Peixoto, que minha mãe declamava e que me fascinava... talvez ela nem saiba o quanto, e que sempre me acalentou e continuará me acalentando.

Compartilho o poema aqui com vocês:

MINHA TERRA de Luiz Peixoto

Minha terra
tem uma índia morena
toda enfeitada de penas,
que anda caçando ao luar.

Minha terra
tem também uma palmeira,
parece a rede maneira,
ao vento se balançar.

Minha terra,
que tem do céu a beleza,
que tem do mar a tristeza,
tem outra coisa também:
Minha terra,
na sua simplicidade,
tem a palavra saudade,
que as outras terras não têm.

Saudade da vida vivida, à espera de mais vida, isso me faz sentir,
isso me traz sentido.

"[...] Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
A sombra das bananeiras

Debaixo dos laranjais! [...]" (Meus oito anos de Casimiro de Abreu)

Alegre ou triste mas com a certeza que foi preciso, foi possível, foi
inesquecível.

"[...] Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,

Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar. [...] (CANÇÃO DO
TAMOIO de Antônio Gonçalves Dias)

Termino esse pequeno texto com algumas das minhas lembranças literárias que trago desde criança, estas que me guiam, me norteiam na minha caminhada, me trazem segurança, apoio e confiança. Avante.

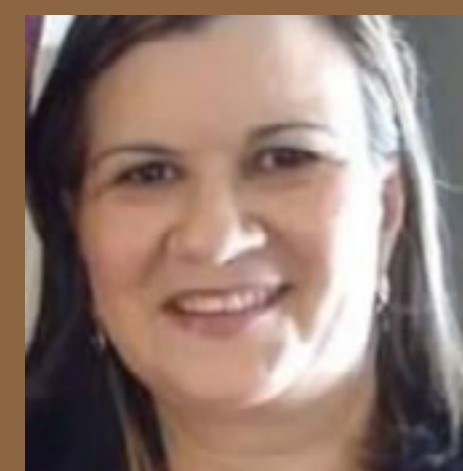


Espaço Arteterapêutico na Live do GEPIAT

08/07 às 18h horário local MS

Tema: **Registro de memórias**

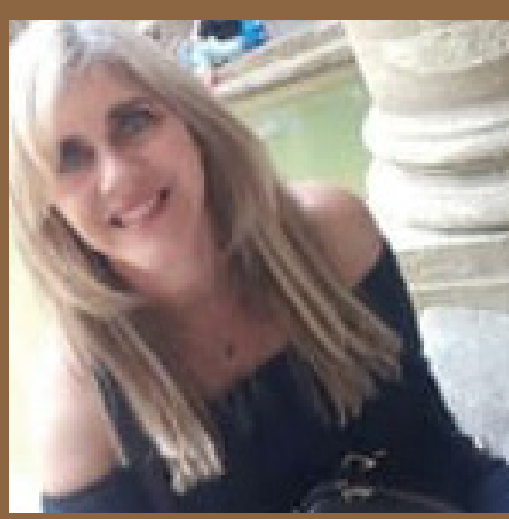
Eu conto
Ana Lúcia



Eu conto



Neide



Milene



Telma



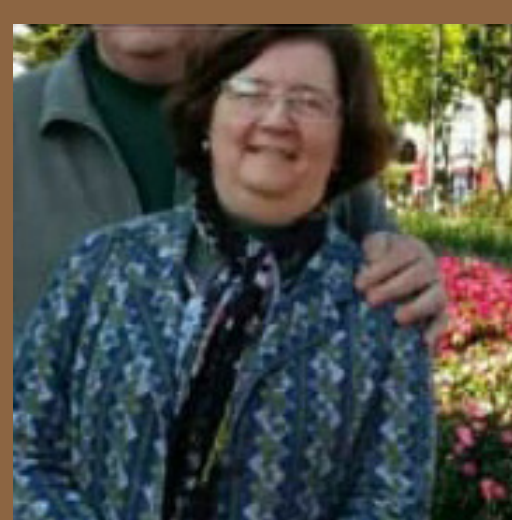
Simone



Marcelo



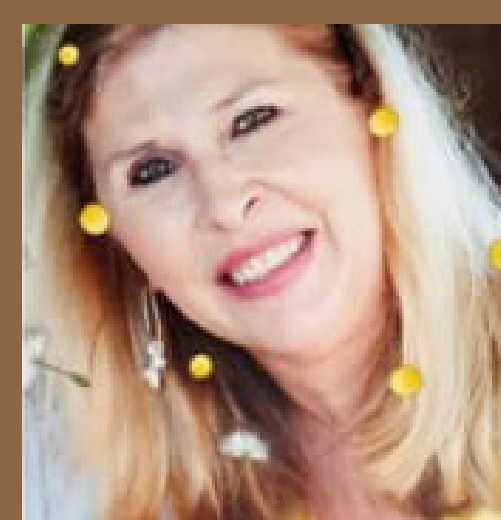
Helen



Neusa



Alessandra

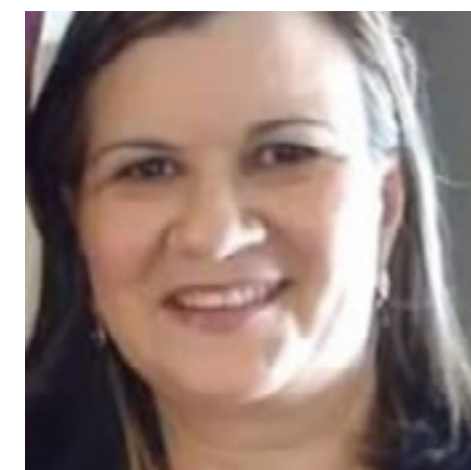


Luiza

Via: **Google Meet**

EU CONTO...

Ana Lúcia Gomes da Silva



Vou contar a vocês uma história que ouvi durante as minhas andanças nas pesquisas do doutoramento e que me provocou reflexões não mais esquecidas.

Entre elas, selecionei

A HISTÓRIA DO SAPO E DO TUIUIÚ NARRADA PELOS INDÍGENAS

Seu Genésio, um indígena de 78 anos nos conta que: na história, o tuiuiú representa a sociedade brasileira e o sapinho representa os índios Terena. O sapinho já estava para ser engolido, mas descobriu que, se abrisse as perninhas, não passaria pelo pescoço fino do tuiuiú e assim seria devolvido para a terra. Na análise, o pescoço é onde se dá a produção da língua; então, para os Terena, o pescoço é a língua portuguesa. Os próprios indígenas reconhecem, nas suas narrativas, que o tuiuiú é mais forte, mas os indígenas não serão engolidos pelas suas próprias estratégias, entre elas a de caráter linguístico e milenar. Ao final da história, ficou a evidência que existe uma condição puramente linguística e outra ideológica; daí a justificativa dos Terena quando buscam mostrar primeiro que sabem escrever na língua portuguesa e depois na língua materna.

Os Terena têm uma organização política muito forte, são descendentes dos aruaque, termo que significa “comedor de farinha”. Muito cedo eles aprenderam a articular-se para defender suas formas de pensar e viver a cultura. Calcula-se que 74 tribos indígenas no Brasil tinham seus idiomas derivados da raiz linguística dos aruaque. Mas esta força não basta e fica minha indagação: será que a educação bilíngue dará conta, com êxito, dos resultados esperados nas especificidades e na diversidade de uma boa educação escolar indígena? Assim, ao pesquisar e escrever sobre

o que acredito e o que duvido, onde interajo e onde me separo, onde começo e onde recomeço, reflito sobre os passos na dimensão do “chão batido ao asfalto novo”, como tempo e espaço para, sem destruir o construído, seguir o caminho.



Oficina de arte e cultura indígena terena na aldeia Argola / Babaçu / Cachoeirinha em Miranda-MS

Compartilho minha história numa trajetória do “chão batido ao asfalto novo”, como uma maneira de exprimir a edificação de uma caminhada, que não rompe com o antigo, mas o renova em cada passo neste caminho.

Você conta:

História contada por:

Neide Pena



UM OLHAR PARA A TRAJETÓRIA DE VIDA AOS 65 ANOS

Como dizia o sábio Mario Quintana: “Não me recorte em fatias, ninguém consegue abraçar um pedaço”. É isso mesmo. Olhar para a minha trajetória de vida, exatamente, ao final de 65 anos de existência, é também um gesto de escuta da voz interior, que ora é silenciosa, mas sempre ardente; ora é agitada, mas também serena. Contar é rememorar, é estar nesse lugar entre a memória que está sempre presente, “que não reconhece seu lugar no passado”, como dizia Mário Quintana, e a realidade que é carregada de incertezas, sonhos e medos, principalmente neste momento em que escrevo este texto, há quatro meses passando pela epidemia da COVID 19. Um tempo que eu riscaria do calendário, mas sei que não é bem assim. Impossível riscar da memória imagens tão fortes e dolorosas como as que assistimos todos os dias graças à mídia e sofremos juntos. Um momento em que nos sentimos apenas um pouco do nada, invisível, cada um em seu isolamento social e, ao mesmo tempo, tão perto de uma trágica realidade global, para além das paredes, mares, montanhas e oceanos.

Ao tomar a palavra para escrever um pouco de minhas memórias o faço como um ato de reflexão e emoção sobre o presente que mantém vivas as memórias de uma trajetória que fizeram e fazem de mim o que sou hoje. A vida é um movimento de constante e contínua transformação, de aprendizado e sentimentos que se debatem e se renovam. Todos os momentos são singulares e constituem a memória que sustenta cada tomada da palavra, cada gesto de ser e de agir. Posso dizer que não existem memórias bonitas ou, ao contrário, são simplesmente memórias, que não reconhecem seu

lugar no passado porque estão sempre se fazendo presentes a cada cheiro, a cada sensação e sabor. Diante de apenas um estímulo, elas vêm à tona como se estivessem ali, prontas para nos amparar ou nos desafiar. Quanto mais o tempo passa, a sensação é que elas são acionadas com mais facilidade, parecendo um cofre que vai ficando cada vez mais cheio de memórias e elas começam a transbordar. Em pesquisa de escola, no período de aulas remotas por causa da pandemia, recebi uma ligação da minha netinha Angelina: “Vovó, você se lembra do que você brincava quando era criança? Qual era seu brinquedo preferido? Como você brincava? Quem brincava com você? Quem te deu o brinquedo?”.

A memória me levou longe – década de 1950, a um passado no interior de Minas Gerais, uma cidadezinha da zona rural, sem estradas asfaltadas, com luz de lamparina, água de bica, bonecas de pano, trabalho em vez de brinquedo, que viveu e cresceu numa família de dez irmãos com seus pais, que sempre foram muito trabalhadores e ensinaram os filhos a trabalhar desde crianças. Apenas uma criança que, dentre dez irmãos, veio a se formar professora e, atualmente, tem uma trajetória de 48 anos na carreira docente; tomada por uma sensação de que está sempre em débito, diante das angústias causadas pela falta de condições de se aproximar mais do “conhecimento”, dito intelectual ou científico. Após 40 anos de magistério, concluiu o Doutorado em Educação, realizando o sonho de toda uma vida e, talvez o sonho da vida de sua mãe, que nem entendia o que é uma formação mais especializada, mas rezava todos os dias, pedindo a Deus inteligência para os seus filhos para que eles conseguissem estudar. Isso era forte e significativo para ela e continua sendo para mim, por isso, selecionei relatar aqui uma prática que fazia parte da nossa vida de criança: colher mamonas para fazer azeite para serem doados à igreja da cidade a fim de iluminar o Santíssimo Sacramento no altar.

Debaixo de sol ardente, era minha obrigação “catar” mamonas; aquelas que, de tão secas, estouravam a casca e suas sementes se espalhavam pelo chão. Como o trabalho já fazia parte da vida de

todos nós, ainda crianças, esta era apenas mais uma atividade. Mas, para a minha mãe, esse trabalho não acabava ali e representava muito mais. As sementes eram torradas, moídas e cozinhadas até soltar um óleo, que ela chamava de azeite. Uma vez pronto, esse azeite era levado ao padre para colocar na lamparina que iluminava o Santíssimo Sacramento. Esse gesto era a sua promessa, que foi feita pedindo a graça da inteligência para seus filhos estudarem. Enquanto isso, para meu pai, filhos eram para ajudar na roça e, por isso, a escola sempre atrapalhava. Ao chegarmos da escola, sempre tínhamos tarefas a cumprir na roça, como capinar, colher café, milho, feijão, cuidar das galinhas e dos irmãos menores. Enfim, o trabalho sempre fez parte da minha vida e não o brinquedo, até porque, na hierarquia cronológica, eu ocupo a posição do meio na escala de um a dez filhos de José Faustino Pena e Irene de Souza Pena.

Eu e meus irmãos tínhamos, cada um, a sua enxada e outros instrumentos de trabalho, mas sempre sobrava um tempo para brincar de pique, de pular corda, apostar corrida, antes do anoitecer. Em noites de lua cheia, a gente também brincava após o anoitecer e tenho ainda cicatrizes na perna devido às topadas que, às vezes, dávamos com as cercas de arame farpado, e de buracos onde caímos. Neste momento, quero pontuar que as mamonas e a fé da minha mãe não foram em vão e chego a me remeter ao dito popular “fé remove montanhas”. Não posso afirmar se a fé da minha mãe removeu montanhas, mas posso garantir que os seus filhos prosseguiram os estudos, menos uma que era deficiente, e todos se transformaram em profissionais honestos e trabalhadores.

Tornei-me professora em 1972, o que foi uma grande conquista e sonho de muitas moças da época e da minha mãe. Era também o meu ideal, motivado pela imagem de uma professora que parecia uma “sinhazinha” da fazenda ao ir para escola, linda e faceira, montada em uma charrete puxada por dois cavalos comandados por filhos de empregados da fazenda, sempre se cobrindo do sol por uma sombrinha cheia de babadinhos. Mãe de três filhos homens,

hoje profissionais, vovó de cinco netinhos, lindos e maravilhosos, desde 1994, resido em Pouso Alegre, Minas Gerais. A partir de então, um novo rumo se vislumbrou em minha vida e na trajetória profissional: fim de um casamento, conclui o mestrado e realizei o grande sonho do Doutorado em Educação e, atualmente, sou docente do Mestrado em Educação (Univás). Enfim, quero dizer que as memórias trazem força, renovam sonhos e esperanças. Elas não ficam para trás, são ecos de uma vida que se transforma e se renova e nos fazem caminhar. Quanto mais vivemos, mais produzimos memórias.

Você conta:

História contada por:

Milene Santos Estrella



Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica de Campinas-PUCC, com Pós-graduação em Metodologia no Ensino Superior e o Uso das Tecnologias pelo Centro Universitário de Campo Grande-UNAES, Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente na Universidade Uniderp Anhanguera e Doutora em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária na UCDB Universidade Católica Dom Bosco em Campo Grande/MS.

Atuação na área de desenvolvimento de projetos residenciais e comerciais e experiência de coordenação e de docência no curso superior em Design de Interiores do Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande. Idealizadora e Organizadora da Mostra de Decoração e Paisagismo denominada Casa Mostra. Funcionária pública atuando no momento como docente no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. **Perfil:** Curiosa por natureza, tem interesse em tudo que envolve o processo criativo, o estudo da arquitetura, do meio ambiente, do universo da neurociência, física quântica e do poder do pensamento positivo.

Desde a infância, motivada pela função lúdica do mundo literário, lia livros desde Monteiro Lobato a Gabriel Garcia Marques. Mas a leitura do livro *O poder do subconsciente*, de Joseph Murphy, mudou minha maneira de interpretar alguns acontecimentos, e me ensinou a entender o mundo subjetivo da mente.

Esse assunto muito me intrigava, pois me deparei inúmeras vezes mentalizando algo e na sequência acontecia. Passei a ficar mais atenta a essas sincronicidades do cotidiano.

Fui fazer minha primeira pós-graduação na faculdade FIC-UNAES, ainda quando situava no antigo prédio, próximo ao centro da cidade de Campo Grande/MS. No decorrer do curso, aconteceu a transição do antigo endereço para o novo prédio localizado na avenida Fernando Corrêa da Costa, nordestada pelo córrego Prosa, contendo belas araras que ali faziam festa nos coqueiros do local. A beleza da arquitetura do novo prédio, com formas arrojadas para época, e das cores vibrantes do mezanino do espaço interno, me encantou.

Numa visão panorâmica do estacionamento, avistei o segundo andar, e falei para mim mesma que em breve estaria trabalhando como funcionária naquele local, o que em poucas semanas se realizou. Passei a coordenar o curso de Design de Interiores e tive a ousadia de criar uma mostra de decoração para os alunos, assumindo dessa forma uma grande responsabilidade. Desde então passei a contar com mais afinco com o poder da mentalização e da fé, solicitando a intercessão de Nossa Senhora da Aparecida, minha santa protetora, para dar sinais e direção em quais casas deveria decidir sediar o evento.

Depois de muito procurar o local ideal, encontrei uma casa no bairro Sotter que, sob a orientação do proprietário, foi liberada para eu visitar e ver se era do meu agrado. A casa inacabada em alguns detalhes contava com um senhor que fazia a função de guarda, para proteger e dormir na obra. A linda residência encontrava-se sem a porta definitiva da entrada principal, protegida provisoriamente por um tapume. Logo no primeiro contato, com minhas percepções aguçadas, avisto na lapela do blazer desgastado do guarda um broche com a imagem de Nossa Senhora de Aparecida. Ele me mostrou todos os espaços da casa ainda vazia e na sequência paramos para conversar na sala de almoço, que continha como mobiliário apenas um colchão no chão onde ele dormia e um aparelho de som das antigas, sob o qual havia uma cruz, terços e objeto de devoção. Acreditei diante disso que fosse um sinal dos céus e decidi fazer a primeira mostra, a qual foi um sucesso e

muito abençoada. A partir de então, passei a seguir essa linha de conduta, e como recompensa da minha confiança, no processo da montagem da segunda mostra, algo maior foi apresentado.

Me deparei com uma casa de 1000 metros quadrados, grande demais para o objetivo do evento, mesmo assim fui conferir. Para a minha surpresa, a proprietária dessa casa, uma senhora viúva muito solícita, me atendeu na sala que ela mais utilizava naquela grande residência neo-colonial.

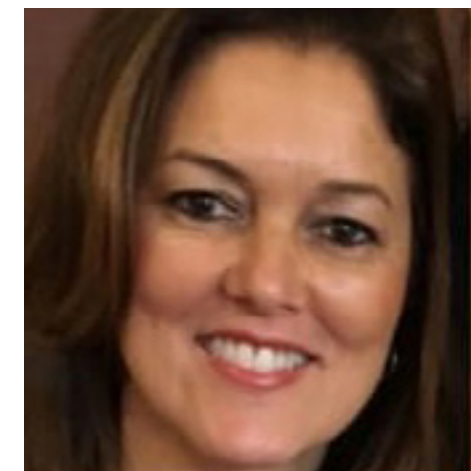
Nesse ambiente, que tinha como função ser uma ampla sala de tv, observei uma escultura magnífica de pedra ametista, que continha dentro dela uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, com aplicação de pequenas pedrinhas brilhantes em seu manto. Como resultado, mais uma vez, o desafio foi vencido e o evento se realizou de maneira perfeita. Nos anos seguintes, outras duas mostras foram realizadas, baseada nessa confiança e na confirmação de sinais sempre evidentes.

Desde então, viso compreender essa linguagem nesse mundo literário espiritual, esforçando-me para ler nas entrelinhas, onde Deus nos fala e aponta caminhos.

Você conta:

História contada por:

Telma T. de Oliveira Almeida



Os movimentos no resgate das memórias

Considerando que tudo na história individual é importante, acredito que cada um nunca pode deixar de mencionar suas primeiras marcas, suas primeiras aventuras, suas raízes, seus sonhos mais inteiros, aqueles que nascem junto com a sua (minha, nossa) infância. Percebo o quanto as marcas desses movimentos instigaram caminhos inusitados na busca pelo saber.

Essas lembranças são consideradas importantes para dizer onde se iniciam os meus sonhos e para mostrá-los ao longo dessa trajetória. Sonhos que moveram meus estudos, minhas descobertas, meus encontros, minhas vivências corporais e o sentido de viver servindo, trocando, descobrindo, desejando que acontecessem todas as realizações potencialmente inscritas em meu estar no mundo. Quando me adentrei na busca pelo doutorado, escrever a Tese também fez parte desse sonho, embora descoberto no percurso das trilhas que percorri. Sonho que descobri em determinado trecho dessa caminhada, junto ao autoconhecimento, à interdisciplinaridade, a pessoas que encontrei ao longo do caminho e que me mostraram os pequenos atalhos, a subida mais leve, a direção a seguir. São as valiosas e preciosas encruzilhadas que fazem o ser aprender que o sonho é possível, realizável.

O percurso dos momentos vividos na fazenda durou até os oito anos, quando andava descalça, subia em árvores, corria, pulava, saltava. Não havia obstáculos. Sempre tive muita liberdade de brincar, por isso criava meus próprios brinquedos, reinventava maneiras diversas em meio à natureza, nadava em rios, subia até o topo de montanhas. Os meios de transporte mais utilizados

eram o cavalo e o trem de ferro. Eis o despertar dos sentidos, a reapropriação de si pelo sujeito pesquisador, que me permite refletir sobre essa construção de vida.

Meus pais sempre lançavam os filhos no mundo da experiência, do experimentar tudo, da prática, “do fazer”. Aprendi a plantar, colher, cuidar dos animais, desfrutar da beleza do germinar de uma semente, de acompanhar o crescimento de uma árvore, dos alimentos que vinham para nossa mesa; a diversidade era incrível. Acompanhávamos todas as tarefas, desde as domésticas até as mais complexas da fazenda.

Essas ações exercidas com a liberdade de movimento possibilitaram minhas habilidades motoras, minha flexibilidade, força e equilíbrio, minha inteligência cinestésico-corporal. Esses movimentos, embora inocentes a princípio, fizeram-me crer na força interna que buscava desde muito jovem.

Quando conheci uma escola pela primeira vez, estava com oito anos. Meu pai não permitiu que os filhos estudassem na escola rural, alegando ser “fraca”, isto é, não os capacitaria de forma adequada, não proporcionaria uma boa educação formal. Dessa maneira, minha mãe alfabetizou-me em casa. Recordo isso com alegria, pois não enfrentei nenhum sofrimento com a alfabetização (algo tão inexplicável hoje por muitos).

Por volta dos dez anos, comecei a fazer parte das atividades corporais da escola. Envolvia-me todos os anos nas expressões corporais, mostrando o potencial da expressão e do movimento. Hoje percebo como esse período mostrou-me o processo, a reapropriação pelo sujeito pesquisador, a legitimidade do refletir sobre a construção da minha vida, mesmo sem saber o que estaria por vir.

Nesse grande movimento, brotaram “os meus sonhos”, um dos quais era ser “bailarina”. Mas naquele lugar não havia recursos e meus sonhos foram guardados...

Meu ser singular conflitava com uma infância rica em motricidade, de brincar na rua, de explorar a natureza, de participar das atividades artísticas corporais; pensava em estudar algo que me propiciasse trabalhar com o corpo.

Certa de que a Educação Física poderia corresponder aos meus anseios, busquei essa possibilidade de crescimento por meio da formação na área em nível de graduação.

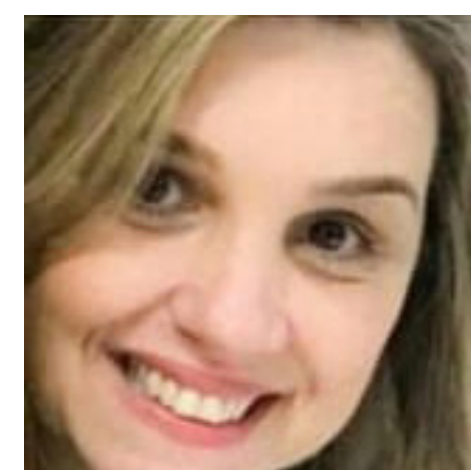
Muitas vezes, por não ter sido “atleta”, sentia-me “deslocada”, como se não fosse o meu mundo. Apesar de sempre estar envolvida com as práticas corporais e ter muitas habilidades, ser atleta era algo muito diferente.

Neste momento, destaco: Tudo que vivi na infância, meus sonhos, minhas habilidades “não desenvolvidas como bailarina” vieram ao encontro dessa busca da valorização do ser humano em todos os sentidos e do ato de aprender, mostrando ser possível estimular os alunos que não são atletas, e não só aqueles que tiveram oportunidades. E este é o ponto crucial: poder fazer com que todos, independentemente da idade, da cor, da condição social, tenham oportunidades de desenvolver seus talentos. A terceira idade é um exemplo vivo disso: não importa a idade, o corpo se adapta a tudo, desde que haja ações que o preparem para essa adaptação.

Você conta:

História contada por:

Simone Esteves Fachini



Sempre gostei muito de artesanato e sempre fiz pequenas artes por intuição, bordar ponto cruz, bijuterias, peças de MDF, colagens e pequenas pinturas.

Em um dado momento da minha vida, estava encantada com a técnica da decoupage, mas estava frustrada como os meus trabalhos, pois o resultado não me agradava. Consegui um horário na vida profissional muito compromissada e fui em busca de um curso de decoupage em uma papelaria que oferecia aulas, mas não tinha vaga, e a atendente ofereceu um outro curso que tinha apenas uma vaga; resolvi fazer; as aulas eram de PATCHWORK.

A professora era um doce e as amigas do curso muito receptivas, o ambiente era muito gostoso. Mas a minha habilidade com a máquina de costura era zero, tudo dava errado, encontrei muitas dificuldades, mas algo dentro de mim não me desanimava... quanto mais sentia dificuldade, mais vontade de aprender eu tinha, pois, o mundo dos tecidos e das linhas me encantaram.

A minha criatividade ficou muito estimulada e cada vez mais queria construir e produzir peças e a dificuldade continuava, mas desta vez eu não me frustrei, queria cada vez mais aprender, fiz muitas pesquisas, estudei muito e comprei uma máquina de costura.

Comecei a costurar em casa e não apenas uma vez por semana na aula; ficava até tarde estudando, pesquisando e costurando. Então conheci o mundo das bonecas de pano e com o tempo fui dominando as técnicas.

Como sempre gostei de ensinar e desenvolver pessoas, montei um ateliê junto com minha amiga Lara... ah! que é outra paixão, e uma boa história para contar outro dia.

Hoje faço especialização em arteterapia e no meu consultório tenho realizado algumas atividades com os pacientes; tenho também um trabalho, no momento suspenso por causa da pandemia, com um grupo de mulheres e a construção de bonecas de pano.

Hoje fico pensando que, como diz Freud, “nada é por acaso”: não existe vocação, existe esforço, disciplina, inspiração, intuição, bom senso e persistência quando se quer realizar “algo” na vida. Só o pensamento não muda as coisas e errar é absolutamente humano... repetindo e treinando, vamos aperfeiçoando.

“Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes. O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade. Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça. Digo o que penso, com esperança.

Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor.

Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende!” (Cora Coralina)

Você conta:

História contada por:

Marcelo Macedo Costa



Quem sou?

Marcelo Macedo Costa, engenheiro, projetista de estradas, atualmente exercendo a docência no IFMS/Campus de Aquidauana, casado com Ana Lúcia Gomes da Silva, filho de Argemiro Costa e Tereza Macedo Costa. Fui provocado a escrever uma história e entre as muitas que colecionei, resolvi começar por onde viemos ao mundo...

Nasci aos 12 de janeiro de 1957, no hospital São Joaquim, na cidade de Ituiutaba/MG, neto de portugueses por parte de pai e avós maternos mineiros. Família constituída por pai (*in memoriam*), mãe e quatro filhos, sendo eu o mais novo dos três homens.

Tive uma infância muito feliz, costumava brincar das tradicionais brincadeiras como piora, pião, pipa, bola de gude (chamo de biloca), esconde-esconde, jogar futebol etc. Destes registros das lembranças de infância, o tempo seguiu seu curso nas aventuras mil da juventude!!!

Chegou então o momento de pensar na profissão! Prestei vestibular em vários lugares: Uberlândia, Barbacena (medicina, acredita?), Cesgranrio (Rio de Janeiro), PUC de Campinas e finalmente em Uberaba/MG, onde acabei fazendo Engenharia Civil, me formando em 1980.

Eu acho que meu destino estava traçado: a minha ida em Brasília no final de 1981 era o sinal de que minha vida mudaria radicalmente, saindo dos projetos civis para construções de estradas.

Apreendi muito nos dois anos em que eu estive em Vilhena/RO. Trabalhava em torno de 16hs por dia, me acostumei a dormir nos veículos da empresa quando estes se deslocavam no trajeto das obras, era uma loucura! Mas reconheço que foi bom! Lá eu tive o alicerce e experiências valiosas para ser um legítimo engenheiro rodoviário.

Como fui parar em Rondônia? Fiquei três dias em Brasília na porta do Ministério dos Transportes sonhando que o ministro Eliseu Resende me recebesse, espera que não foi totalmente em vão. Fui recebido pelo secretário dele, penso que simpatizou comigo e me perguntou se queria trabalhar na área de estradas; topei na hora, independentemente de onde seria esta oportunidade.

Foi especial trabalhar no norte do país, Vilhena parecia uma torre de babel, mistura de todos os cantos do mundo: mineiros, sulistas, paulistas, nordestinos, nortistas, bolivianos, japoneses, entre outras culturas. Experimentei culinária exótica, comi carne de javali (caititu), jacaré, anta, paca, cutia, veado e, acredite, sucuri. Durante os anos da minha vida profissional, tiveram acontecimentos por vezes hilariantes, alguns poucos tristes e outros particularmente comuns, mas de certa forma marcantes como este que segue.

No início de 82, período que se fazia uma ponte de concreto na divisa de Mato Grosso com Rondônia, tive um destes dias que não se esquece!

A concretagem havia iniciado às 7h da manhã e a equipe era composta de 30 homens em cada turno. Em Rondônia, costumava dar aquelas nuvens de gafanhotos (estou revendo isto atualmente). Era em torno de 16h e resolvi tomar café na cantina que foi construída abaixo da construção, calculadamente uns 30 metros, quando reparei que se aproximava uma nuvem escura; pensei que era mais uma vez uma nuvem de gafanhotos, ledô engano... era simplesmente um enxame de abelhas africanas que atacou com fúria os peões da obra sem dó nem piedade. Foi uma correria, uma gritaria geral, uns se jogavam no rio, outros rolavam no chão, foram

picados ferozmente pelas abelhas. Saldo da guerra: parecia que os peões estavam com catapora, coitados! Bem, como isto termina? Algumas abelhas morreram, mas a maioria foi procurar outros desavisados. A dor causada pelas abelhas perdurou pelos próximos dias e agradecemos a Deus por não termos tido ocorrências ainda mais graves.

Após este fato, outras vezes senti a fragilidade humana, mas não sabia ainda o que estava por vir. Com a crise do petróleo em 1983, gestão do Presidente Figueiredo, as obras em todo Brasil foram paralisadas e as empresas começaram a demitir em massa, eu fui um deles. Retornei para Uberlândia.

Daí em diante outros rumos que dariam muitas histórias!!

Afinal somos seres em construção...

Você conta:

História contada por:

Helen Paola Vieira Bueno



Minha vida no Exército Brasileiro

Me formei na faculdade de Psicologia nos anos 2000. Assim que terminei o curso, atuei por dois anos atendendo pais, alunos e professores em escolas públicas e particulares e no consultório, afinal, ter experiência no atendimento de consultório é o grande desejo da maioria dos formados nessa área.

Em 2003, uma nova oportunidade de emprego surgiu, era uma vaga para ser psicóloga em uma escola do Exército. Fui concorrer à vaga pela oportunidade de atuar na área que eu trabalhava desde formada, mas não tinha ainda muito conhecimento ou informação de como seria esse trabalho. Durante o processo de seleção, obtive mais informações e fiquei sabendo que era uma vaga de Psicólogo Escolar em um Colégio Militar para atuar como Oficial Temporária, no cargo de Tenente do Exército Brasileiro.

Passado o primeiro impacto de tomar conhecimento dessas informações, pois muita responsabilidade era exigida nessa função, ainda era meu objetivo atuar como psicóloga e fui com mais afinco concorrer à oportunidade de trabalho, porém, eram muitos candidatos e apenas uma vaga. Mesmo sem esperança de obter êxito, continuei e fui em frente na seleção de emprego.

Qual foi minha surpresa ao ser selecionada em primeiro lugar. Bom, agora é só começar a trabalhar, não é mesmo? Foi o que pensei. Mas não era bem assim, agora vinha o treinamento militar, pois eu não exerceria somente a função de psicóloga, seria também uma Aspirante a Oficial e depois Tenente do Exército e isso requer preparação e treinamento.

Por três meses, eu fiquei com outros colegas médicos, dentistas, veterinários e enfermeiros em um quartel recebendo esse treinamento; eles diziam que era para “pintar de verde” a pessoa, afinal três meses não tem comparação aos anos que esses homens e mulheres passam se preparando para servir a Pátria. Mas nesse curto período, daria para ter uma breve noção do Exército, suas normas, regras e importância para o País. Aprendemos, por exemplo, sobre a importância dos dois pilares dessa instituição: a hierarquia e a disciplina.

Não era só ser selecionada para a vaga de Psicóloga, agora vinha o treinamento militar e esse era um grande desafio. Hora de comprar o “enxoval” com coturno, farda camuflada, roupa de educação física, boina e muitos outros itens para compor a militar que eu iria ser nos próximos anos.

Essa era uma vaga para militar temporário que é uma modalidade de contratação do Exército para suprir algumas vagas necessárias à instituição. Eu sabia que ficaria por até 7 anos nesse ambiente e eu fiquei por 6 anos. Fui embora antes do prazo expirar porque passei em um concurso para ser professor efetivo na Universidade Federal em Mato Grosso do Sul no *campus* de Aquidauana, vaga que ocupo até hoje como professora de Psicologia.

Os meus anos de Exército foram de muita aprendizagem, porque pude conhecer ainda mais sobre liderança em todos os níveis da sua cadeia hierárquica, patriotismo, civismo, respeito aos outros e às normas existentes, determinação, persistência, motivação, amor à profissão e valor ao próximo.

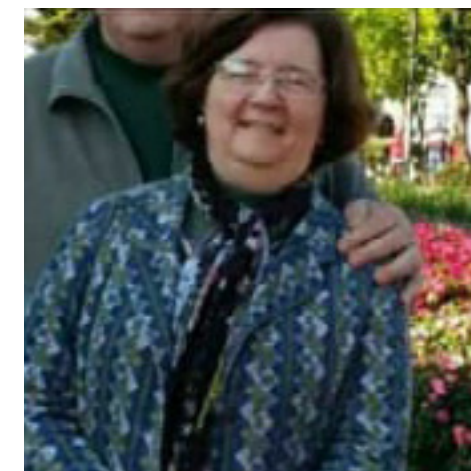
Para mim, foi um desafio em especial, pois quando eu era criança eu só podia brincar de boneca, enquanto eu via meu irmão andar de bicicleta na rua, andar de carrinho de rolimã, subir em árvore, correr e pular. Era um desafio das minhas capacidades físicas e intelectuais, de atuação como profissional, de aprender a arte de ser líder e ser subordinado, de romper um estigma e de aprender muitas coisas que não imaginava um dia poder aprender.

Minha experiência no exército, como oficial, como Psicóloga e como mulher trouxe para minha vida um aprendizado muito grande: romper fronteiras das minhas capacidades e aprender a arte da superação.

Você conta:

História contada por:

Neusa Maria Gehre de Oliveira



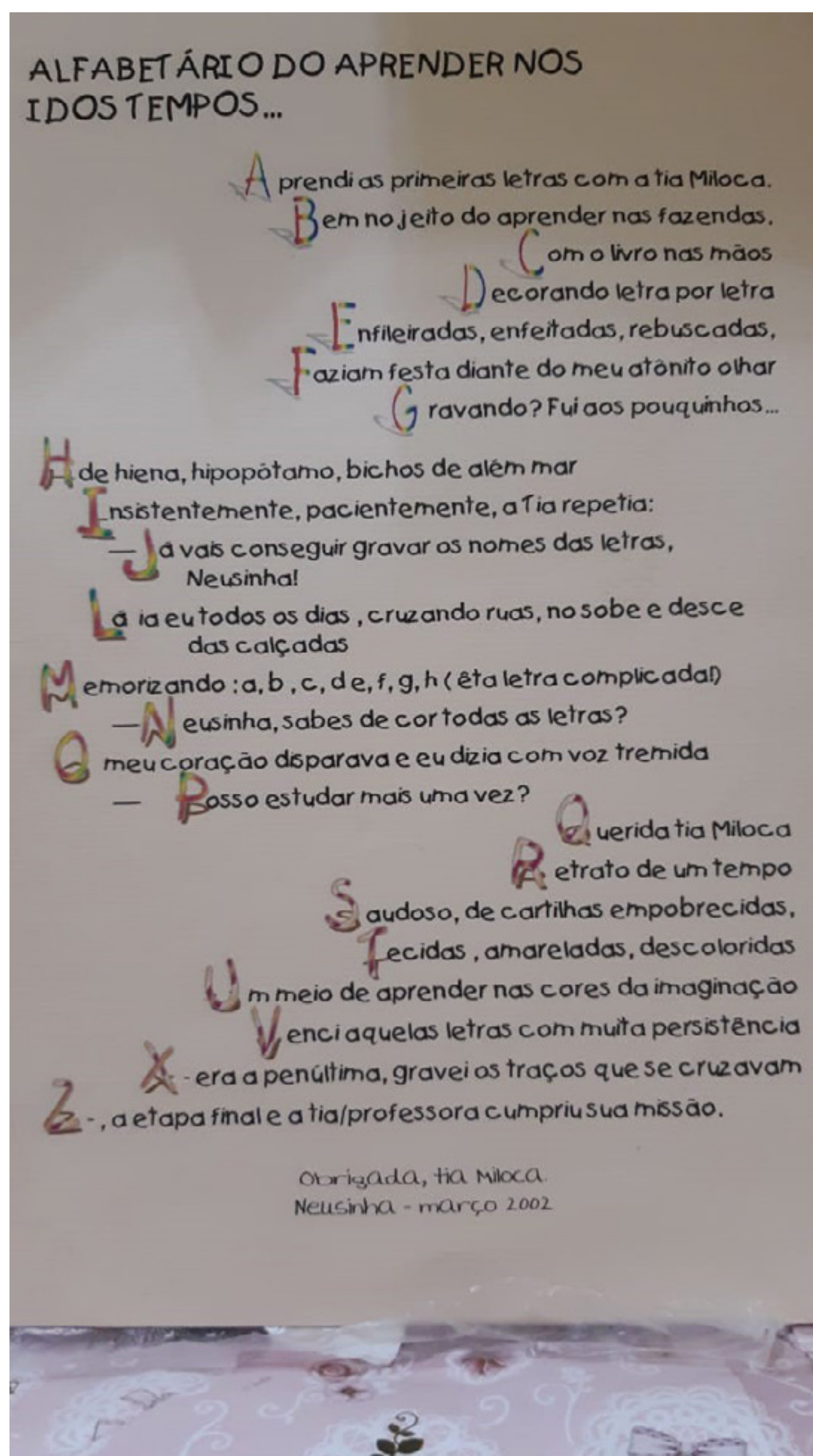
Uriuelipo, “o rio é limpo”

“Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado”.

João Guimarães Rosa (1908-1967), em *Grande Sertão: Veredas* (1956).

Neusa Maria Gehre de Oliveira é o meu nome, casada, mãe de duas filhas, três netas e desde criança tenho o apelido de Neusinha. Na família, sempre fui chamada assim desde muito pequena, estendendo depois para amigos e alunos os quais carinhosamente me chamavam de Professora Neusinha. Sou a mais velha de uma família de quatro irmãs, cuja infância foi repleta de brincadeiras nos quintais e no pátio da fazenda do meu avô. Nessas brincadeiras, invariavelmente, brincávamos de escola. Na fazenda, observávamos a tia Miloca alfabetizar os filhos dos peões, tomar as lições nas cartilhas, passar e corrigir as tarefas nos cadernos. Sempre estávamos por perto, silenciosos, mas atentos ao desenrolar das aulas para não atrapalhar aqueles momentos tão importantes para a vida da Maria, Eugênia, Emília, Jerônimo, Jacinta... na verdade, aprendíamos e viajavamos juntos nas curiosidades e descobertas cotidianas. Após o ensino fundamental, fiz o Curso Normal, hoje Magistério, com a duração de três anos. Ainda muito jovem, já estava legalmente capacitada para o exercício da profissão.

Prestei o vestibular e ingressei na educação superior – Letras, habilitação Português/Inglês – no recém criado Centro Pedagógico de Aquidauana (1970), campus de Aquidauana, integrado à Universidade Estadual de Mato Grosso. Exerci diferentes cargos e funções durante minha vida profissional, estive como coordenadora pedagógica em escolas públicas e privadas, trabalhei na antiga Agência Regional de Educação e, como docente, ministrei aulas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no ensino fundamental e médio. Como coordenadora pedagógica na Escola Estadual Cândido Mariano, fui apoiadora da saudosa professora Zuma Monteiro de Oliveira na criação da Sala de Leitura Maria Clara Machado, a primeira de Mato Grosso do Sul, pela qual recebemos Voto de Louvor da Secretaria de Estado de Educação. Aquela sala possibilitou a inúmeros alunos a entrada no mundo mágico da leitura, de saborear o folhear dos livros, o colorido das ilustrações e escutar as narrativas dos professores e professoras com interesse e atenção. O mais importante dessa trajetória profissional foi ser alfabetizadora, marco duradouro para minha vida e que trouxe a melhor e permanente realização profissional. Na Escola Estadual Marechal Deodoro da Fonseca, tive inúmeros alunos, acompanhei suas descobertas, compartilhei



suas alegrias, conquistas, dificuldades. Sorri e me emocionei com seus olhares, palavras e gestos. Aprendi mais do que ensinei: a ser paciente, a buscar novos caminhos, respeitar o tempo de cada um, a ter perseverança, a estimular e encorajar. Muitas vidas passaram por aquelas salas de aula, as gavetas da memória ficaram repletas de lembranças, de intenso trabalho no preparo das aulas diárias, do cansaço no final das tardes, mas com a recompensa da colheita fértil no campo da aprendizagem.

Foram tantas histórias, as mais diversas, diferentes, marcantes ou não, mas que algum dia cruzaram a porta de uma escola e permaneceram na memória de quem as vivenciou. Um dos alunos que mais me marcou foi um menino pantaneiro – aqui, Menino Pantaneiro –, criado nas lidas de uma fazenda, cujo pai era capataz. Veio para Aquidauana aos seis anos para estudar, foi residir com a avó paterna, deixando seus pais, seu aconchego e proteção e o mundo que conhecia... a fazenda no Pantanal com seus barulhos e cores tão característicos. Lembro-me que chegou acompanhado da prima, iriam estudar juntos, na mesma turma, estava assustado, inquieto, inseguro. Ficava o tempo todo ao lado da prima. Nos primeiros dias, o choro se fazia presente diante de qualquer dificuldade; era um menino frágil nas suas miudezas, tanto de idade quanto nas emoções que escorriam dos olhos... Uma das formas que me aproximou dele foi por meio do seu conhecimento de mundo. Trouxe seus saberes para a sala de aula e com eles fazia a ponte com o processo de alfabetização, os bichos que conhecia, as plantas, os costumes vivenciados. E assim foi-se apropriando da leitura e da escrita junto com os demais colegas. Seus saberes foram fundamentais para fortalecer uma relação de confiança mútua e o início de um sólido carinho aluno/professora que se estende até hoje. Nas atividades, costumava alternar desenho livre, utilizando diferentes técnicas, onde os alunos davam asas à imaginação com outras nem tanto criativas como pintura de um desenho. Um dia, o Menino Pantaneiro veio com a folha de papel com contorno de um telefone e perguntou: “Professora, existe

telefone branco?”, afirmei que existia, “Este aqui é branco!”, recolhi a folha e tudo bem.

Passaram-se os dias e, em uma certa aula, dei um desenho de uma galinha para pintarem, desenho este relacionado com um tema que estava sendo abordado. De repente, o Menino Pantaneiro vem até mim e diz: “Olha só, professora, esta galinha é todinha branquinha, não tem nenhuma peninha de outra cor!!”. É, o Menino Pantaneiro não gostava de pintar desenhos que já vinham semiprontos, usou a criatividade para me mostrar que existiam outros caminhos para aquela pessoinha colocar suas asas e voar, e retornar para a universo onde viveu os primeiros anos da sua infância, acordar com o cantar dos pássaros e o mugir dos bezerros, tomar banho no rio de água límpida; tudo isso ficou expresso nessa primeira frase que escreveu e que guardo até hoje.

Você conta:

História contada por:

Alessandra Zago Dahmer



Sou pedagoga de um curso com habilitação em tecnologia educacional, com ênfase em ensino a distância. A minha atuação profissional inicial não foi diretamente com tecnologia, mas com educação infantil em uma escola que fundamenta seu trabalho pedagógico no socioconstrutivismo, à luz do construtivismo e interacionismo por compreender que sujeito-meio-sujeitos estão em relação constante. Nesta escola, atuei como professora e coordenadora de educação ambiental em local apropriado sobretudo para esta última função, com 9 mil metros de área habitada por espécies da Mata Atlântica, cachoeira, lago, hortas e animais domésticos. Assim é a escola sítio, referência em educação num pedacinho de terra perdido no mar, na qual tive a oportunidade, após muito trabalho e estudo, de tornar-me sócia-gerente. É claro que o percurso não foi sempre tranquilo como pode aparentar esta breve introdução, pois no campo da educação, vivenciamos experiências diversas, tensões e instabilidades de trabalho também. Essa experiência inicial no campo da educação institucionalizada foi muito importante para minha formação, não somente profissional, mas também como pessoa e como mãe.

Após alguns anos de trabalho na educação infantil, vivi um período de instabilidade e questionamentos. Lembro que foram meses de reflexões com terapeutas para a tomada de decisão num horizonte incerto, sem oportunidades concretas de inserção no mercado formal de trabalho. Era o ano de 2000, mudança do milênio, do *bug* e do fim do mundo que não aconteceu. O ano foi inesquecível, minha filha Marina tinha 4 anos. Era o início do mundo “amor incondicional” que acontecia.

Depois de um certo tempo, a minha formação em tecnologia educacional, na graduação, foi retomada e abriu-se outro leque de possibilidades. O que se configurava era abraçar o sonho de conhecer e aprender como utilizar as tecnologias e o centro de interesse se voltou para o campo da educação de adultos. Retomo meu percurso para esse momento da transição da educação infantil para a de adultos na modalidade a distância. Essa passagem esteve associada com a continuidade dos meus estudos na pós-graduação: mestrado e doutorado. A pesquisa na pós-graduação proporcionou descobertas e aprofundamentos do conhecimento das tecnologias na educação. Este campo de atuação abriu um leque de possibilidades de trabalho, como desenvolver projetos relacionados à educação corporativa presencial e a distância, inovação, *design* instrucional e *thinking* para instituições acadêmicas e corporativas públicas e privadas. Foi neste período que um dos cursos a distância que realizei, o *design* instrucional, foi considerado um dos cinco melhores do Brasil. Tive a honra de ser professora homenageada de curso de graduação, vivenciei a docência em curso de pós-graduação de mestrado e especializações, desenvolvi projetos pedagógicos de cursos e de soluções de aprendizagem para universidades acadêmicas e universidades corporativas de organizações renomadas do mercado nacional e internacional.

Mudanças são molas propulsoras de desafios, desafios que podem trazer alegrias dos momentos e pessoas que “lá no fundo do coração” você estava buscando. No primeiro trabalho com educação a distância para adultos, conheci meu companheiro, melhor amigo e marido, o André. E há 20 anos, eu, ele e a nossa filha Marina crescemos juntos com novos desafios e novas perspectivas de vida e resiliências em busca dos nossos sonhos. E posso garantir, na prática desta mudança, que apreendi mais uma vez o sentido deste conceito que vem com muitas recompensas!

Resiliência. Ser resiliente: “lat. *resiliens, entis*, part. pres. do lat. *resilire*. Capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças” (HOUISS, 2009, p. 1651). No campo profissional, resiliência também pode ser compreendida como uma competência profissional de “pessoas que têm a capacidade de retornar ao seu equilíbrio emocional após sofrer grandes pressões ou estresse, ou seja, são dotadas de habilidades que lhes permitem lidar com problemas sob pressão ou estresse, mantendo o equilíbrio emocional” (HOUISS *on-line*).

Atualmente, me vejo diante de nova resiliência com sonhos em 2020. Poderia causar receio de buscá-los; afinal, a idade já não é a mesma daquela jovem de 28 primaveras no ano 2000. Mas como dizia Rubem Alves (1992, p. 112), “quem é rico em sonhos não envelhece nunca. Pode até ser que morra de repente. Mas morrerá em pleno voo...”.

E lá vou eu novamente com coragem em busca de compor a educação de adultos e tecnologias com as premissas de criatividade e colaboração no contexto da transformação digital, ou simplesmente ancorar o “coração” na inteligência artificial. Afinal,

“todo jardim começa com um sonho de amor. Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma. Quem não tem jardins por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles...” (ALVES, 2000, p. 156).

E, pensando bem, o meu jardim sempre foi a educação e a minha trajetória profissional é um passeio pelos jardins da educação infantil até a educação de adultos: o jardim desta área de conhecimento que me move e motiva a apreender, sonhar e viver.

Referências

ALVES, R. **O retorno e terno**. Campinas: Papirus, 1992.

ALVES, R. **Entre a Ciência e a Sapiência**. O dilema da Educação. São Paulo: Loyola, 2000.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Você conta:

História contada por:

Luiza Bittencourt Krainski

Assistente Social e Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa,
Doutora em Educação: Currículo pela PUC/SP.



Ciclos de Vida

O início de um ciclo é sempre uma oportunidade de crescimento. Mas para que ocorra precisamos saber também quando se finaliza uma etapa. Precisamos desenvolver nossa “escuta interior” através da nossa capacidade de compreensão para aceitar essas mudanças, nos reposicionar e dar boas-vindas ao novo com suas infinitas possibilidades.



Não existe uma receita pronta como um bolo na qual você segue os passos de forma sequencial. Quem nos derá. É algo que internamente nos intranquiliza, nos incomoda e cada pessoa tem o seu tempo. Encerrando ciclos, fechando portas, terminando capítulos, teses – não importa o nome a ser dado, esse momento oportuniza revisar, ressignificar e dar um novo sentido à nossa realidade.

Geralmente, nos sentimos propensos ou motivados a realizar mudanças significativas em nossas vidas quando estamos insatisfeitos, quando as condições em que vivemos não correspondem mais às nossas expectativas.

É dentro desta perspectiva que faço minha fala. Ao falar de ciclos é importante falar um pouco da minha história... sou formada em Serviço Social na UEPG e na sequência já comecei a trabalhar como professora colaboradora nesta instituição, realizando a pós-

graduação concomitante. Prestei o concurso para professor efetivo e realizei o mestrado na mesma instituição sempre estudando questões vinculadas ao curso e à prática profissional do Assistente Social. Assumi muitas atividades vinculadas à docência como coordenação de estágio, de TCC, coordenação de curso, chefia de departamento, representante no CEPE, ou seja, me envolvi em diferentes atividades, mas sempre vinculadas aos acadêmicos tanto que procurava trabalhar questões/problemas pessoais que repercutiam nas disciplinas e no curso.

Mas o meu momento começou antes, quando o trabalho pedagógico e a docência não estavam mais me alimentando e eu sentia a necessidade não só de novos conhecimentos, mas de me afastar daquele cotidiano que me engolia sem a reflexão necessária.

Há certos momentos na vida que por si mesmos são verdadeiros marcadores que sinalizam o fechamento de um ciclo, quer aceitemos ou não. A ideia do doutorado veio como uma possibilidade de uma nova perspectiva em minha vida. Em outra área que não era a minha – mas complementava, em uma cidade que não era a minha – nem de perto e uma visão de São Paulo assustadora, saindo da minha zona de conforto – para uma realidade que não conhecia... Mas lá fui eu sozinha.

E aí novos ciclos se iniciam – foi uma das melhores fases de minha vida. Conheci pessoas novas, novos conhecimentos, fiz amizades para o resto da minha vida, fui acolhida por uma pessoa que abriu as portas de sua casa. Viajava oito horas semanalmente no primeiro ano para chegar ao destino e estudar, retornava de madrugada chegando às quatro da manhã, já conhecendo as curvas, lombadas e trevos próximos da cidade. Quantas aventuras e dificuldades, mas eu estava bem e feliz.

Como Talyta Xavier coloca *“de repente, num dia qualquer, acordamos e percebemos que já podemos lidar com aquilo que julgávamos maior que nós mesmos. Não foram os abismos que diminuíram, mas nós que crescemos”*. Nessa época pedi o afastamento das minhas

atividades de docência para cursar o doutorado e com isso me afastei daquele universo tão próximo, tão familiar, tão envolvente... e pude me dedicar às atividades do doutorado. Neste período muitas mudanças ocorreram internamente na universidade com a contratação de novos professores e conseqüentemente novos alunos ingressavam. O que me chamou a atenção é que quando ia na universidade passava pelos corredores e os alunos não me conheciam e conseqüentemente novos professores com os quais não tinha muita familiaridade... e isso me dava um vazio. Ou seja, aquela realidade que eu estava sempre envolvida não fazia mais parte do meu universo.

Às vezes precisamos mudar rotas, sair de nossa zona de conforto e de trajetórias provenientes das nossas reavaliações, ou seja, daquilo que já não nos serve mais. Mas nada foi perdido de todo: tornamo-nos mais vivos e mais capazes. O propósito é sempre o aprimoramento. Portanto, o fechamento de um ciclo também é sempre uma oportunidade de renascimento interior.

Finalizo esta fala com o conto Novo Ciclo de João Pedro Garcia...

Vida que te faz doce!

Em cada começo aponta esperança.

Infinitos ciclos; infinitos riscos;

Abraça o novo, abandonando tuas inseguranças.

Vida que te faz livre!

Permitindo sua evolução, sempre levada;

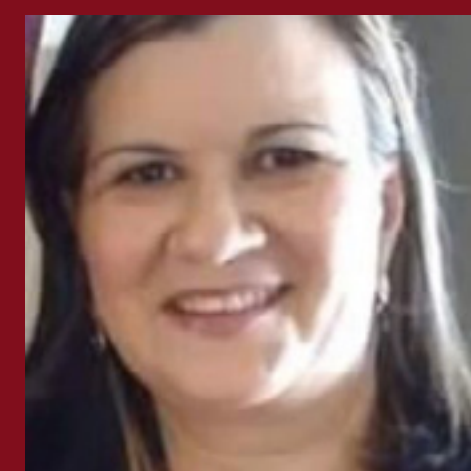
Sempre acanhada; revela teu instinto de mutação.

Espaço Arteterapêutico na Live do GEPIAT

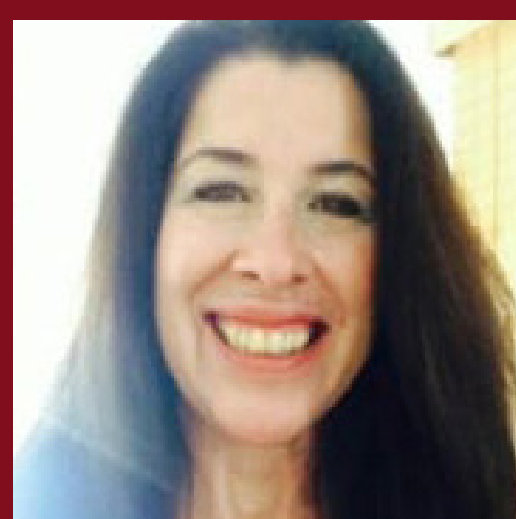
15/07 às 18h horário local MS

Tema: **Registro de memórias**

Eu conto
Ana Lúcia



Você conta



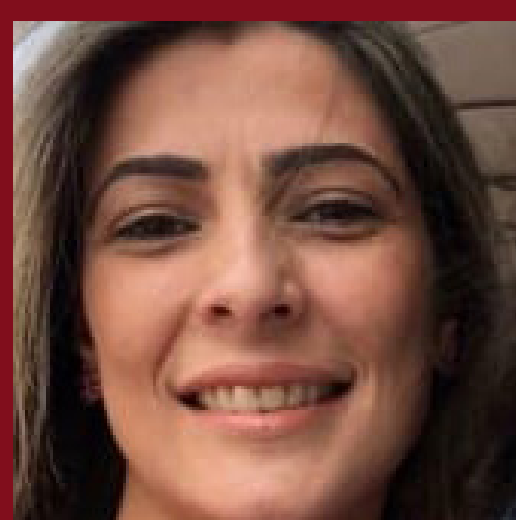
Gisele Spengler



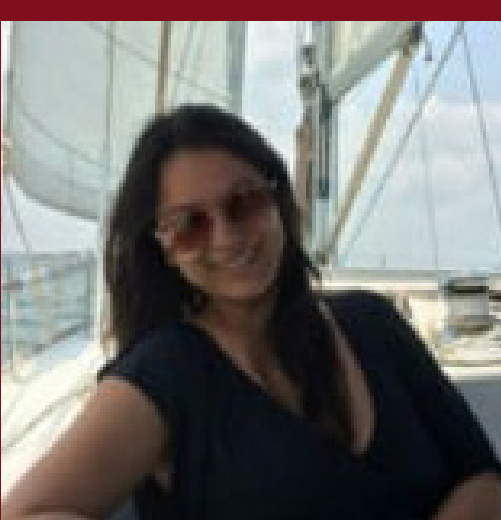
Silmara



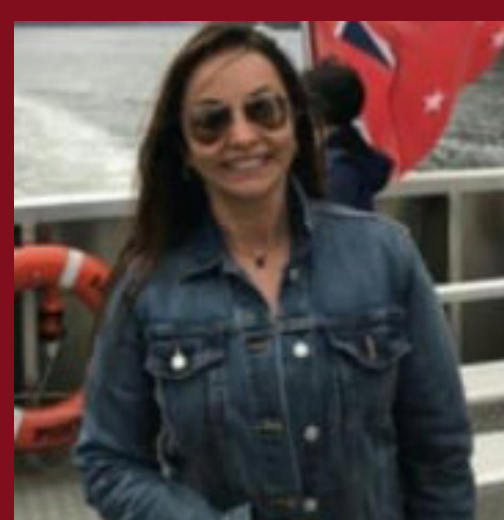
Malu



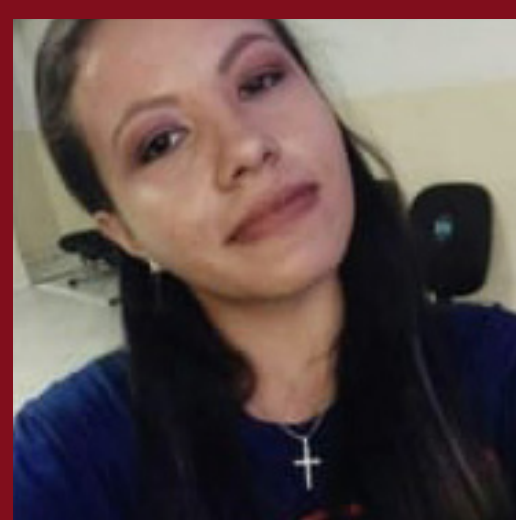
Rozimeire



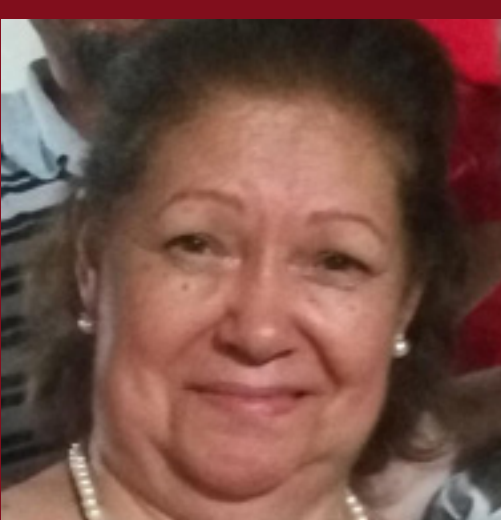
Alessandra



Edenir



Marla



Ramona

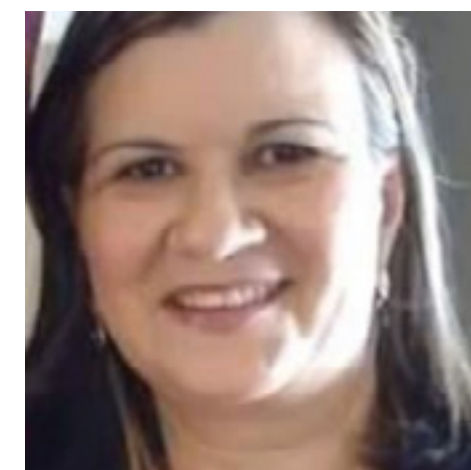


Gisele

Via: **Google Meet**

EU CONTO...

Ana Lúcia Gomes da Silva



PROJETO COMPAIXÃO

A minha formação na área de arte, desde a graduação à pós-graduação em conjunto com as experiências como professora no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS/campus de Aquidauana, me levaram a construir e desenvolver projetos no tripé da pesquisa, ensino e extensão em prol da melhoria na educação. Esta trajetória tão bem marcada pelas vivências artísticas corroboraram para aprofundar as discussões sobre as questões da Arte, Cultura e Educação no espaço da escola e fora dela, neste contexto, comunidades indígenas e não indígenas. Durante o doutoramento e o pós-doutorado na PUC/SP, na linha de pesquisa da Interdisciplinaridade, tive valiosas oportunidades de aprendizagem nas orientações com a Professora Ivani Fazenda. No retorno juntamente com outros professores e acadêmicos da UFMS/CPAQ, caminhei buscando dialogar na perspectiva interdisciplinar do respeito, da escuta sensível e do acolhimento, em especial, da parceria. Foi neste percurso que o desenho de um projeto de vida pós aposentadoria, desde fevereiro deste ano, se constituiu no Espaço Eco Pantaneiro. E, justamente pela categoria da parceria decidi trabalhar parte das atividades com as comunidades que apresentam maior vulnerabilidade social, neste caso, o Projeto Compaixão, sem fins lucrativos, que vem sendo desenvolvido na Comunidade do Bairro Nova Aquidauana/



Oficina de colagem com jovens do Projeto Compaixão. Caixa de sentimentos 2019

MS, mais populoso do município, no sentido de contribuir com ações como oficinas criativas de pintura, musicais, contação de histórias e outras.

O olhar para a arte, cultura e educação sempre me chamou a se ocupar com a forma mais adequada de contribuir com a cultura local e regional. Neste contexto, encontrei o projeto Compaixão no bairro Nova Aquidauana, que se esforça para oferecer possibilidades artísticas e culturais à comunidade, mas tem sido invadido por sensibilidades desafiantes causadas pelas questões sociais devido à alta taxa de desemprego na comunidade local. Como desconsiderar o pedido por socorro desta comunidade com crianças que apresentam baixo rendimento de aprendizagem?



Grupo de voluntários do Projeto Compaixão. 2019

Se perguntarem: por que a arte é a linguagem que escolhi para motivar este grupo? Respondo primeiro que ela é uma excelente ferramenta para compreensão da nossa situação no mundo e dá a dimensão de nossa capacidade de criar, recriar e socializar.

O Projeto Compaixão é uma iniciativa que conta apenas com voluntários para atender em média semanal de 220 a 300 pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos. Não há distinção entre raças/etnias e credo no acolhimento. A condição social destes, na sua maioria, encontra-se em situação de vulnerabilidade financeira, sofrendo com outros problemas recorrentes. As necessidades do local levaram os voluntários do projeto a oferecer uma sopa no final da tarde das segundas-feiras, quando acontecem as atividades e as apresentações artístico-culturais com a comunidade. Tenho me deparado com desafios na tarefa de oferecer oficinas de desenho, pintura, modelagem, bordados, teatro e música. Um espaço em que

um aprenda com o outro e que os torne mais sensíveis e instigados a criarem melhores condições de vida. Proponho diversas práticas que valorizem a criatividade e estimulem a criação e recriação com o uso de materiais diversos no convívio social. Com efeito, a percepção, o olhar e os registros têm sido fundamentais para organização do passo a passo no caminho. Se nos perguntarem se é fácil, respondo que não. É complexo apreender o mundo subjetivo das representações nas expectativas como desejo imanente de mudanças pelo Projeto Compaixão. Daí o IPEDI (Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural) ser tão importante como parceiro na interação, crenças, sonhos e realizações.

SOBRE O INSTITUTO DE PESQUISA DA DIVERSIDADE INTERCULTURAL - IPEDI

Anderson Benites Carneiro



O Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural (IPEDI) desenvolve, desde 2012, projetos de cunho educacional em comunidades tradicionais do Pantanal de Mato Grosso do Sul. Temos como missão promover o exercício da cidadania e defesa dos direitos humanos, em especial, das comunidades tradicionais, nas perspectivas cultural, social e ambiental, visando uma sociedade justa e solidária.

Neste sentido, buscamos a construção de ações que gerem valor, principalmente educacional, para as comunidades, oportunizando a intermediação da relação das mesmas com ferramentas tecnológicas disponíveis na sociedade – a tecnologia que, aplicada ao contexto das comunidades, pode promover o desenvolvimento socioeconômico, o fortalecimento da identidade comunitária e a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Nesta caminhada, buscamos potencializar nossos impactos por meio de parcerias estratégicas com organizações e indivíduos que, imbuídos no desenvolvimento humano sustentável da região do Pantanal, possam nos dar as mãos a fim de formarmos uma rede de ação significativa. É como nos encontramos com o Espaço Eco Pantaneiro, parceiro de primeira hora do IPEDI. O ferramental desenvolvido pelo Espaço Eco Pantaneiro, no que diz respeito ao uso da arte como uma forma de mobilização das comunidades tradicionais, nos ajuda na construção de ações que sejam não apenas aceitas, como também incorporadas por tais comunidades – garantindo a sobrevivência de projetos de impacto que necessitam de médio e longo prazo para terem suas metas alcançadas.

A importância do Espaço Eco Pantaneiro é ressaltada ainda pelo fato de que o trabalho desenvolvido por eles leva em consideração toda a contextualização geográfica pantaneira e sua influência no fazer arte local.

O Espaço Eco Pantaneiro é, sem dúvida, um parceiro fundamental em nosso trabalho, nos possibilitando a potencialização de resultados só obtida graças ao trabalho em rede

Você conta:

História contada por:

Gisele Spengler



Gisele Spengler, MFA, ATR, SEP, nasci e fui criada em Campo Grande, MS, Brasil, junto à mãe Natureza desfrutando de suas belezas e bençãos que tão generosamente nos traz todos os dias. Inquieta e de espírito aventureiro, fui estudar Belas Artes no Rio de Janeiro e depois Mestrado em Artes, Arteterapia e Neurociência (Experiência Somática) nos EUA onde vivi mais de 25 anos. Após uma longa ausência, estou de volta ao ninho, à minha terra querida e às fortes raízes que me sustentam. Desde 2018, venho me nutrindo de tudo que me privei por estar longe de tudo e de todos. Aprendi que o mundo é grande e o amor sem fronteiras e hoje tenho duas terras em meu coração.

Por que essa escolha? Há histórias que precisam ser ditas e essa é uma delas. Quando fui convidada pela Ana Lúcia a participar do *e-book*, essa história me veio à mente, não tive dúvidas, nem que pensar muito. É uma história de ancestralidade, valores de família, linhagem de mulheres, mãe, de cuidado, nutrição, afeto, da cultura oral tão importante e ameaçada em nossos dias. É também uma história de fortes raízes culturais e profundo amor.

A PANELA DO CÉU



Em tempos distantes, há muitas e muitas luas passadas, as pessoas da Europa saíam em busca de novas terras para viver e assim aqui chegou um homem alto, claro de olhos verdes, que dizia ser de família nobre, vindo da cidade de Nantes na França. Chegando em Mato Grosso,

terra de índio, quando sequer existia Campo Grande. Ele ficou encantado com os povos indígenas, adornados com enfeites de penas coloridas, sementes e pinturas no corpo.

Convivendo próximo a uma tribo Xavante, tamanho foi o seu envolvimento e encanto que ele se apaixonou por uma índia, a mais linda, filha do Cacique, e se viu em meio a um impasse, pois não tinha a permissão do pai dela para se casarem. Seu amor era tão grande e vasto como as estrelas que ele não poderia deixá-la, não conseguia imaginar viver sem ela, que também o amava intensamente.

Desolado pela impossibilidade de casar-se com sua amada, ele buscava por uma solução e teve uma ideia. Embora ponderasse que talvez devesse aceitar a situação, respeitar a cultura Xavante e seguir em frente, seu ímpeto jovem e apaixonado foi mais forte. Armando-se de coragem, então raptou sua amada índia e fugiram a cavalo para onde pudessem viver juntos e formar uma família.

Curiosamente diferentes, seus filhos nasceram com a pele morena, olhos claros e cabelos ondulados; outros com a pele clara, cabelos negros e lisos, uma exótica mistura. Eram possuidores de uma alegria de viver nata, algo tão natural que fazia parte deles e com uma forte conexão com a Natureza. Antônio Francisco Nantes, levando o sobrenome francês do pai, alto, de pele morena e olhos claros, casou-se com Rosalina e tiveram 21 filhos, adotando mais dois de uma das filhas que não pode criá-los, completando 23 filhos ao todo. Ele viveu até os 102 anos.

Eram eles os avós da minha avó querida que era minha madrinha. Todos viviam até os 100 anos de idade ou mais, se não bem próximo disso. Aqueles que estão vivos estão chegando lá. A caçula, ou a mais jovem, nasceu quando sua mãe tinha 52 anos, um desafio à natureza. Diante dessa extensão de tempo entre os filhos, minha mãe tem quase a idade da sua tia avó e foram criadas praticamente juntas.

Minha tataravó Rosalina, embora muito ocupada com seus filhos, encontrava tempo para os netos que não eram poucos. Chegada a hora de casar uma neta, uma linda moça de olhos azuis, pele clara e cabelos ondulados, sabendo da importância de nutrir uma família, ela deu como presente de casamento duas das melhores panelas de ferro da época que certamente provaram sua qualidade indiscutível ao longo dos tempos. A neta era minha avó materna.

Ninguém imaginaria o poder dessas panelas que criariam os seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos em mãos abençoadas, cozinhando refeições deliciosas por muitas e muitas gerações. Os anos se passaram e minha avó deu suas preciosas panelas à sua filha caçula que posteriormente as ofereceu à minha mãe. Merecido presente à minha mãe que sempre gostou de cozinhar e convidava toda família para almoçar aos domingos durante anos. E com imensa gratidão minha mãe continuou cozinhando divinamente nas panelas de sua mãe.

O cabo da panela menor não resistiu, logo meu pai encontrou uma capa de fusível de alta tensão queimado por um raio e fez um novo cabo, que ficou perfeito. A panela cozinha sozinha, diz minha mãe. Acredito. Um dia vou ser sua guardiã temporária até que alguém aceite tal honra. E assim ela se tornou a panela do céu, cheia de histórias, passando por várias gerações, milhões de refeições, alimentando crianças, adultos e idosos, imantada com o afeto de grandes mulheres da família Nantes e a energia de um raio vindo dos céus.

Gratidão Táta Rosalina, pelo seu presente atemporal e de valor inestimável em sete gerações!!!

Você conta:

História contada por:

Silmara Rascalha Casadei



Silmara Rascalha Casadei – Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação PUC/SP. Diretora Geral Pedagógica do Colégio Visconde de Porto Seguro e autora de livros infantis, dentre os quais *A Menina e seus Pontinhos* e *O que é a Pergunta?* – com Mario Sergio Cortella.

Ao longo de minha vida como professora e educadora, muitos desafios foram vivenciados. Desde que entrei na escola aos seis anos de idade, percebo que nunca mais deixei o espaço escolar, pois mesmo sem ter terminado o magistério, aos 16 anos, fui estagiar numa pequena escola de educação infantil e estou até hoje a serviço da educação.

Em meu percurso profissional, sempre tive uma inquietude por vivenciar experiências educativas diversas, atuando aqui, ali, acolá. Muitos e muitos anos vividos como professora de educação infantil, professora do Mobral (EJA – Educação de Jovens e Adultos), assistente de comunicação em berçário, professora de escolas particulares do Ensino Fundamental, coordenadora de projetos educativos, coordenadora pedagógica e diretora de escola de educação básica, função que exerço há 20 anos. Em consonância ao trabalho educativo, a escrita foi uma grande companheira que me ajudou na organização emocional, na busca de harmonia e síntese para a rima de um verso na poesia, no desabafo sobre minhas indignações, no meu encontro com algo maior a que chamo de Inspiração.

Nesse sentido, escrever para crianças foi um curso natural nas águas de minha vida, com a intenção sincera de que a solidariedade socioambiental inspirasse os pequenos a contribuírem com suas

ideias e ações para que o mundo seja um espaço de humanidade, diversa, amiga e proativa em relação a outro, às plantas, aos bichos, às flores, ao ar, aos rios e mares e em relação a si mesmo, dando vida à própria história.

Como uma eterna estudante que nunca saiu da escola, meus temas de pesquisa percorreram o Currículo Integrado no Mestrado e as Histórias de Vida diante da Interdisciplinaridade, no Doutorado.

Ivani Fazenda (2006, p. 40) nos revela que *“a humanidade está toda por fazer-se. Não teremos jamais parado de falar, toda obra é aberta. O homem é um constante vir a ser, numa temporalidade cronos, kairós e numa historicidade”*.

E Pineau dialogando conosco numa palestra proferida ao GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares) disse-nos que *“quando assumimos nossas histórias de vida, a nossa vida entra na história e não a história entra em nossa vida”* (Maio, 2013).

No desenvolvimento sobre histórias de vida, sempre há uma pergunta inicial: que aspectos de vida você quer investigar?

Aqui, nesse projeto, nos foi feita a pergunta: o que você quer contar?

E quero contar sobre um evento que está acontecendo nesse momento: o isolamento social devido à Pandemia do COVID19, neste ano de 2020 e minha narrativa refere-se à Escola da Comunidade – Projeto Social da Fundação Porto Seguro...

Estávamos atônitos, de repente, a escola vazia, a tecnologia sendo toda ela ressignificada, acelerada para criar conexões... Estúdios, computadores, cursos para os professores, comunicados às famílias e tantas ações para manter viva a escola na casa dos alunos.

Refletia que se o movimento anterior era a ida do aluno para a escola, inverteríamos a rota para a escola ir até ao aluno, não

só no aspecto de aprendizagem cognitiva, mas de manutenção de vínculos socioemocionais. O amor precisava atravessar as telas do computador.

Todas as conexões tecnológicas prontas, as aulas on-line, as videoaulas gravadas e as lives, começaram a tomar vida.

Estávamos conectando aos professores quase 9000 alunos.

Para nossa estranheza, não só os alunos mais abastados, mas também os 1600 alunos matriculados no Projeto Social do Porto, denominado Escola da Comunidade, também começaram a se conectar. Em equipes, chegamos a comentar a força das redes sociais e da internet, mesmo nas casas das Comunidades de Paraisópolis e Vila Andrade...

Ledo Engano...

Depois de 4 ou 5 dias, os alunos não mais se conectavam, pois o plano de dados acabara. E chegavam notícias de desemprego em massa, ausência do lanche oferecido no Colégio, mais distanciamento...

Começamos a pensar em novas alternativas para lidar com a situação e, numa força-tarefa, criamos uma proposta que envolveu o presidente e diretores da Fundação, diretores do Colégio, área administrativa, seguranças e professores.

A proposta consistiria em uma vez ao mês entregar 1600 cestas básicas, cestas de higiene e um roteiro impresso com todas as atividades pedagógicas. Professores da Educação Infantil ao Ensino Médio enviavam, de suas casas, o passo a passo do fazer, de como aprender e o que pesquisar para os alunos. As propostas eram organizadas num roteiro único, impressas e entregues às famílias. No próximo mês, os pais deveriam ler o roteiro com as tarefas feitas pelos alunos para receberem novamente o Kit de Alimentos/Higiene/Pedagógico.

Mas, para os professores, era muito distanciamento. Dedicados, compromissados, começaram a utilizar o próprio celular. Eles enviavam mensagens e aulas gravadas aos alunos por meio de listas de transmissão do WhatsApp que consumia menos plano de dados.

Com tantas ações, os retornos começaram a chegar: famílias dividindo as cestas com outras famílias da Paraisópolis e Vila Andrade, crianças gravando mensagens de agradecimento para os professores, cenas das casas com todos os familiares dizendo "obrigada"...

Nesse ínterim, conseguimos criar um consórcio de operadoras de telefonia para que os alunos acessem a plataforma utilizada pelo Colégio de forma gratuita.

Em conjunto a tudo isso, muitos pais participaram de campanhas solidárias. Uma rede foi feita e os representantes dos próprios professores realizaram uma campanha, entre professores, que arrecadou mais de 600 cestas básicas. Foi um grande exercício interdisciplinar.

Nossos colégios tornaram-se um só coração, um Porto Solidário, com seus pátios abertos para receber doações de familiares, da vizinhança, de empresas... Foram milhares de máscaras, cobertores, alimentos. Alimentos...

O representante da Comunidade sempre nos repetia:

- Precisamos de mais alimentos...

Numa comunidade carente que reúne 100 mil moradores, nossas quase 10.000 cestas básicas já doadas, não só para os alunos, mas para ajudar todo o entorno onde residem, ainda representa muito pouco.

Estamos num tempo longo de espera. Mas é uma espera onde habitam muitas histórias de vida. Essa espera pode ser ativada e dinamizada em nós para ações necessárias.

Em minha própria história, estava num processo de reflexão pelo fato de ter escrito muito pouco... Mas creio que quando se pesquisa a temática História de Vida, sabemos que os tempos de vida nos pedem vivências diversas. Talvez ajudar a outras vidas a sobreviverem em tempos tão difíceis seja uma história a ser vivida, escrita e contada. Afinal, em se tratando de solidariedade, quem ajuda a quem?

Do infinito do céu azul, duas mãos se encontrando em nosso planeta, podem ser vistas como uma ajuda mútua... Não se vislumbra a diferença de quem ajuda quem...

Creio firmemente que a solidariedade é a maior conexão interdisciplinar que possamos fazer, para depois escrevermos novas histórias para o mundo que mereçam ser contadas

Referências

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade – Qual o Sentido?** São Paulo: Paulus, 2006.

PINEAU, G. **Temporalidades na formação.** São Paulo: Triom, 2003.

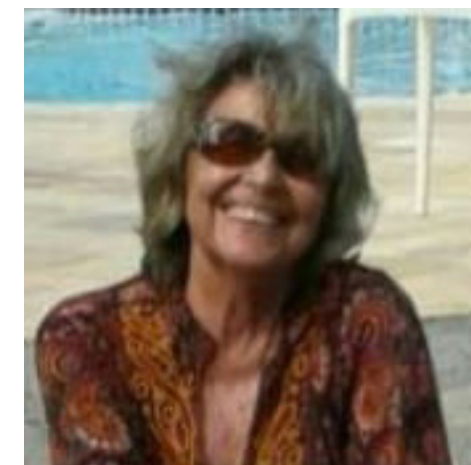
CASADEI, S. R. **A menina e seus pontinhos.** São Paulo: Cortez Editora, 2008.

CORTELLA, M. S.; CASADEI, S. R. **O que é a Pergunta?** São Paulo: Cortez Editora, 2008.

Você conta:

História contada por:

Maria de Lourdes Medeiros Bruno



Com Clarice Lispector

Meu nome é Maria de Lourdes Medeiros Bruno. Licenciada em Letras Português Literaturas pela Universidade Santa Úrsula, no ano de 1975, na cidade do Rio de Janeiro.

Aposentei-me em 2000, de 22 horas aulas e mais tarde, em 2009, das outras 22 horas aulas, e diante destes anos de aposentada, o que me levou a escrever, todos os dias neste ano de 2020, sobre Clarice Lispector? Ou até mesmo publicar os textos, por ela escritos?

As respostas aparecem transformadas em “instantes” e através das letras chegam nas imagens. E aí um texto de nome “Saudade”, da própria autora foi a maior motivação que eu mesma me provoquei. Assim transcrevo:

“SAUDADE” (1968)

“Saudade é um pouco como fome. Só passa se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.”

E por que o texto “SAUDADE” levaria, a escrever cotidianamente sobre a personalidade literária?

Porque estamos vivendo um “novo tempo”, onde as lembranças dos momentos se fazem presentes, uma vez que a presença física e costumeira se tornou quase inviável, até por questões de saúde e vida. É aí que vem a saudade. Ou as saudades. E assim a vida vai nos ensinando.

Com novos tempos, o melhor momento, entre tantos se transforma, na leitura de textos e pensamentos de Clarice Lispector.

Principalmente quando as flores também se fazem presentes, na totalidade do universo poético. “[...] Rosa é a flor feminina que se dá toda e tanto que para ela só resta a alegria de se ter dado.”

“Já o cravo tem uma agressividade que vem de certa irritação”.

Reflexões se fazem presentes, em dias tão parados e ociosos. As flores tornam nossos instantes difíceis, até que perfumados. Mesmo que não queiramos ou não tenhamos forças para tais situações de vida.

Referências

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Editora, Artenova. p. 68.

LISPECTOR, C. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. p. 144.



Autor do desenho: Dr. Odorico David de Arruda Filho.
Feito a lápis.

Agora, então nestes novos tempos, nem se fala. Tudo é o novo e ao mesmo tempo não. Ou será “Que o novo sempre vem”?

Belchior. **Como nossos pais.**

Elis Regina(intérprete) <https://m.letras.mus.br>

Belchior

Já chegou e o Mundo nos mostra.

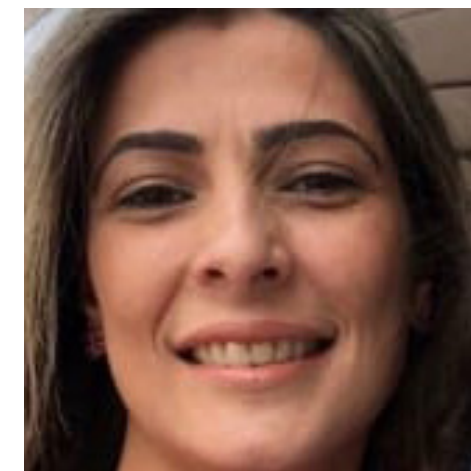
E Clarice Lispector evidencia através das obras que o homem (ser) está em constante indagação e dúvidas. Mas ao mesmo tempo procura responder para si próprio, mas sempre com a eterna dúvida da resposta incompleta: o eterno recomeçar, existencial?

E o novo? Sempre vem.

Você conta:

História contada por:

Rozimeire Ribeiro Zeferino da Silva



Sou Rozimeire Ribeiro Zeferino da Silva, formada em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco em Campo Grande no ano de 1999. Atuo desde 2010 como Psicóloga na Agência do Sistema Prisional de Mato Grosso do Sul.

Nesses dez anos de trabalho no sistema prisional, posso dizer que tenho algumas histórias um tanto surpreendentes. Ao pensar sobre alguma história para o registro, essa é a primeira que me veio à memória... e como nada é por caso, talvez seja esse o momento para a minha reflexão do seu significado pessoal.

Era um dia bastante comum no sistema prisional, a nossa equipe composta por corpo de seguranças, médico, enfermeira, odontólogo, administrativo e psicóloga aguardava a chegada dos 30 reeducados para iniciar os atendimentos.

Os reeducados chegam das suas Unidades Prisionais e aguardam atendimento num grande espaço. São chamados pelo nome, algemados e encaminhados para o atendimento médico necessário.

Nesse dia, estava em minha sala, quando ouvi gritos, homens esbravejando... nada fora do normal para o contexto em que me encontro. Mas após 2 min. quando isso não cessa, então é melhor começar a se preocupar e sair para ver o que pode estar acontecendo.

Me deparo com a seguinte cena: 30 jovens homens gritando palavrões de todo o tipo e dois policiais penais tentando conter toda a situação. Olho para trás e vejo olhos esbugalhados, cabeças apontadas nas portas de cada sala do consultório.

Na intenção de acalmar as coisas, os dois policiais resolveram tirar o custodiado que mais se exaltava do meio do grupo para que assim os outros se acalmassem.

Mas o efeito foi contrário, pois com o afastamento daquele que tinham como líder, gritavam e esbravejavam ainda mais...

Sem pensar muito... (nessas horas não dá), me vi a poucos centímetros, perto da grade (frágil por sinal, ao menos me pareceu naquele momento rs...) que me separava daqueles trinta homens. E pus a falar da necessidade de mantermos a calma, para eu entender o que estavam reivindicando, com a promessa que nenhuma sanção disciplinar ocorreria a eles. Diga-se que na cadeia palavra dada tem peso e deve ser cumprida.

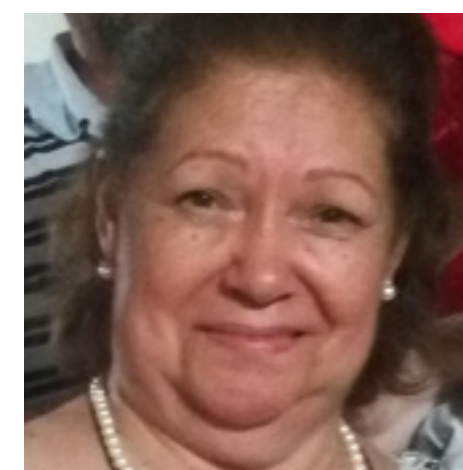
E de repente fez-se um silêncio sepulcral: meu coração parecia sair da boca, as pernas tremiam, mas só eu sabia disso kkk, quando uma voz lá do meio ecoou: "Porque é a senhora que está pedindo nós vamos te atender... a partir desse momento se dissiparam".

O que ficou para mim: às vezes achamos que nossa conduta passa despercebida, mas tem muitos olhos nos cuidando e em algum momento aquele "bom dia", o tratamento digno e respeitoso que damos àqueles que precisam e que muitas vezes eu mesma julguei não merecerem, faz a diferença para aquela pessoa e fez para mim naquele dia.

Você conta:

História contada por:

Ramona Gonçalves Béda



Meu nome é Ramona Gonçalves Béda, nascida em 25 de agosto de 1947, na Fazenda Gaivota, na cidade de Maracaju/MS. Começo minha história com registro sintetizado de memórias da minha vida.

Tínhamos uma vida muito boa, com fartura, casa muito boa para morar, mas tudo acabou com o assassinato do meu pai, naquela mesma fazenda. Após os conselhos da minha tia Arminda, dizendo para minha mãe vender todos nossos bens e ir morar com ela em Campo Grande numa chácara, onde já havia cinco filhos, somaram cinco da minha mãe e três adultos, passando a ser treze pessoas morando numa mesma casa.

Quando terminou todo o dinheiro da venda dos bens, minha tia disse para irmos embora, pois estávamos dando muitas despesas na chácara. Diante desta situação, fomos morar na cidade de Campo Grande! Lembro-me de ser um quarto alugado apenas pela confiança, minha mãezinha já não tinha mais nada de recursos financeiros. Ela precisou trabalhar e a solução era nos deixar sozinhos, muitas vezes sem comer, sem tomar banho brincávamos na rua até tarde. Devido às muitas reclamações dos vizinhos durante os finais de semana, tempo em que minha mãe estava conosco, ela decidiu doar os filhos para as comadres, os padrinhos e conhecidos.

A única que ficou com minha mãe fui eu e para ela poder arrumar emprego eu tinha que ir junto, mas a dona da casa era mesquinha, fornecendo apenas um prato de comida para nós duas. Por aborrecimento com a patroa, acabamos saindo dessa casa e fomos para casa de outra senhora para minha mãe trabalhar, porém, essa outra senhora também tinha coração duro.

Um fato marcante que jamais esqueci foi a vontade de comer algumas coisas como a banana da terra frita com açúcar! Ah! Era de dar água na boca, mas era negado por esta pessoa para quem minha mãe trabalhava. Foi então que fiz um juramento à minha mãe: - Mãe, quando eu crescer vou comer, comer todas as bananas fritas que eu puder, até repugnar! Ficamos mais ou menos um ano na casa dessa senhora e, ao final deste período, minha mãe saiu para procurar novo emprego. Ao descer a rua Rui Barbosa, ela avistou uma placa; como não sabia ler, sempre pedia para alguém ler para ela, a placa anunciava "Precisa-se de lavadeira". Ao se aproximar desta casa, minha mãe foi atendida por uma senhora bem trajada, de boa aparência e bonita. Fechando o acordo combinado com a dona da casa, minha mãe começou a trabalhar logo no dia seguinte. A família era de origem Libanesa.

Foi onde minha vida mudou! Experimentei as delícias da culinária árabe e junto a atenção e o zelo comigo! Toda manhã essa senhora me perguntava: - Você quer chá ou leite? E eu dizia: - chá. Ela me dizia: - Você tem que tomar leite para crescer saudável! Acabei fazendo parte da família, tinha liberdade de ir e vir por todos os cômodos da casa! A senhora, patroa da minha mãe, me crismou e estreitamos os laços. Lá minha mãe ficou por quase três anos até que recebeu uma boa proposta para trabalhar numa fazenda. Ela foi e eu fiquei! A partir de então, passei a morar com a família libanesa, sendo considerada filha de criação do Sr. Alfredo Saad e Dona Zuleide Chuaire Saad. Foi nesta condição que tive minha primeira festa de aniversário, com direito a convidados, presentes, bolo e refrigerantes. Para muitos algo tão banal, mas na minha vida foi memorável!

Comecei a estudar com crianças menores que eu, pois estava muito aquém nos estudos. Com o passar dos anos, minha vida ia melhorando cada vez mais! Fiz minha primeira viagem de trem para Bauru; depois dos meus 15 anos, parei quatro anos de estudar, por vergonha. Conheci uma moça que me aconselhou a voltar a estudar e na escola batista fiquei estudando por quatro anos. Ao

final do último ano, fiz prova de admissão para escola Osvaldo Cruz, onde fiz o ginásio e o contador. Me formei com 22 anos. Nesse período, conheci meu segundo namorado que hoje é meu atual esposo.

Terminando a formatura, queria trabalhar, mas meu padrinho não queria e nem deixava. Foi quando tive que fazer greve de fome para poder trabalhar por meio período na FUCMAT, atualmente UCDB. Exerci a função de secretária durante dez anos. Posteriormente prestei concurso na UFMS e fui aprovada, mas para assumir a vaga teria que jantar com o psicólogo para ser aprovado no psicotécnico. Diante dessa situação, tive que buscar outros meios para ser chamada na única vaga de secretária. Devo contar que minha resistência valeu! Fui empossada!

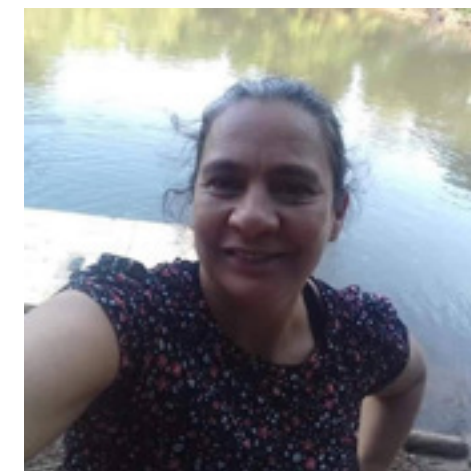
Nesse meio tempo, casei e tive três filhos, meu esposo prestou concurso para professor em Aquidauana, que era para ficarmos apenas três anos, mas estamos morando aqui até hoje.

Atualmente, estou aposentada, já sou avó de quatro netos, faço parte da diretoria do Grupo da Bela Idade Arara Azul, onde são desenvolvidas inúmeras atividades; faço parte também da diretoria do Asilo São Francisco na cidade de Aquidauana. Quantas e quantas lembranças foram mexidas para contar minha história! Acabei por reviver inúmeras memórias!!

Você conta:

História contada por:

Angelita do Socorro Gregorio Cardena



Meu nome é Angelita do Socorro Gregorio Cardena. Tenho 50 anos, natural de Aquidauana, casada, mãe de dois filhos, pedagoga formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul *campus* de Aquidauana. Fui costureira de uma fábrica de *lingerie*, trabalhei na Educação Infantil com crianças na faixa etária de dois a três anos e essa foi a motivação para Pedagogia. Iniciei pelo curso Normal Médio, o que me deu uma base do que seria o curso.

Vim para Aquidauana com a intenção de ajudar meus pais, minha mãe Maria Therezinha (em memória), na época estava com problemas de saúde; foi quando surgiu a oportunidade de fazer o curso normal médio. Neste período, comecei a dividir meu tempo entre Campo Grande e Aquidauana, e no ano de 2014 tudo começou acelerado, fazendo o curso e cuidando de casa. Neste ano, em meio a este movimento, falece uma tia/madrinha que também morava com meus pais, deixando um filho especial chamado Odinei, com quem eu tinha muita afinidade.

Havia prometido à minha tia que cuidaria do filho dela se algo lhe acontecesse e cumpri a promessa cuidando dele por cinco anos; ela veio a falecer em 12 de março do corrente ano. Foi uma experiência no mínimo desafiadora e de muitas descobertas, pois ele, em suas condições bem limitadas, me oportunizou lições de vida. Não foi fácil conciliar família, universidade, com os cuidados e atenção a todos que necessitavam dos meus cuidados e atenção, mas fiz o meu melhor; fui agraciada por vários anjos na academia, foram muito mais que professoras e orientadora! Agradeço muito por tudo que fizeram! Toda minha gratidão!

Angelita é uma arteira, gosta de transformar coisas. Arte me envolve de tal maneira que, quando me concentro no que faço, o mundo pode desabar do meu lado; é como se eu não estivesse ali, me traz inspiração e gratifica meu ser, me ajuda a encontrar soluções para os problemas, ou seja, a Arte me faz esquecer o problema para depois me mostrar solução. Não estou trabalhando na área, mas me preparando para atuar. Gratidão a este grupo maravilhoso.

Sobre as organizadoras



ANA LÚCIA GOMES DA SILVA – Professora aposentada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS/Campus de Aquidauana! Diretora do Espaço Eco Pantaneiro/Aquidauana-MS. Graduada em Educação Artística – Artes Plásticas e Pedagogia. Especialista em Planejamento Educacional, Educação em Arte e as Novas Tecnologias/UFMS e cursando Arteterapia pelo INSTED, Mestre em Educação pelo Programa de Educação da UCDB. Dra. e Pós doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Currículo da PUC/SP. Pesquisadora: no Grupo de Estudos e Pesquisas no Ensino das Artes Visuais da UFMS, Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar-GEPI/PUC/SP, dirigente do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Interdisciplinar de Professores GEPFIP/UFMS/CPAQ e Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Arteterapia/GEPIAT/Espaço Eco Pantaneiro.

Contato: analucia.sc1@hotmail.com



ALINE DA SILVA ALVES – Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS/Campus de Aquidauana! Integrante da equipe no Espaço Eco Pantaneiro/Aquidauana-MS e Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Arteterapia/GEPIAT/Espaço Eco Pantaneiro. Professora temporária na Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul no ensino fundamental 1.

Contato: alinealvesufms@gmail.com

AGRADECIMENTOS

O convívio com várias pessoas, em diferentes momentos nos trevos do meu caminho sinalizaram um posicionamento mais afetivo, criativo e de muitas descobertas na forma de se redescobrir em cada ação, em cada tempo e lugar. A TODOS E TODAS MINHA IMENSA GRATIDÃO!!!!!!!

Ana Lúcia Gomes da Silva



Publique seu e-book com a gente!

Letraria 





Fonte: Márcia Ribeiro
Descortinando a cultura indígena